



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

***“LET THE LITTLE CHILDREN COME TO ME...”***  
**NAS TRADUÇÕES BÍBLICAS INFANTIS**

**LUCIANA FLORENTINO DE LIMA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA/DF  
FEVEREIRO/2018**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

***“LET THE LITTLE CHILDREN COME TO ME...”*  
NAS TRADUÇÕES BÍBLICAS INFANTIS**

**LUCIANA FLORENTINO DE LIMA**

**ORIENTADOR: Prof. Dr. HANS THEO HARDEN**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA/DF  
FEVEREIRO/2018**

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

LIMA, Luciana Florentino de. “*LET THE LITTLE CHILDREN COME TO ME...*” nas traduções bíblicas infantis. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2018, 151 p. Dissertação de mestrado.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

### FICHA CATALOGRÁFICA

FLORENTINO DE LIMA, LUCIANA

“LET THE LITTLE CHILDREN COME TO ME...” nas traduções bíblicas infantis / LUCIANA FLORENTINO DE LIMA; Orientador: HANS THEO HARDEN - Brasília, 2018.

151 p.

Dissertação de mestrado – Mestrado em Estudos da Tradução - Universidade de Brasília, 2018.

1. Bíblias infantis. 2. Adaptação de textos religiosos para crianças. 3. Ilustrações 4. Paratextos. I. HARDEN, HANS THEO, orient. II. Título

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

***“LET THE LITTLE CHILDREN COME TO ME...”***  
**NAS TRADUÇÕES BÍBLICAS INFANTIS**

**LUCIANA FLORENTINO DE LIMA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS  
REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO  
GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA  
TRADUÇÃO.**

**APROVADA POR:**

---

**Professor Doutor Hans Theo Harden, (POSTRAD-UnB)**

**(ORIENTADOR)**

---

**Professora Doutora Cristiane Roscoe Bessa, (POSTRAD-UnB)**

**(EXAMINADORA INTERNA)**

---

**Professora Doutora Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho, (POSLIT-UnB)**

**(EXAMINADORA EXTERNA)**

---

**Professora Doutora Alessandra Ramos de Oliveira Harden, (POSTRAD-UnB)**

**(SUPLENTE)**

**BRASÍLIA/DF, 15 de fevereiro de 2018**

## **Agradecimentos**

Ao Senhor Deus meus sinceros agradecimentos por me conceder saúde e tranquilidade, por ser uma inspiração diária em meus estudos e pelas inúmeras pessoas maravilhosas colocadas em meu caminho, dedicando-me cada um, um pouco de seu conhecimento, de sua atenção e sabedoria. São elas:

Minha família: meu esposo Élisson Gomes e minha filha Lídia Lima – parceiros fiéis dessa longa caminhada.

Ao Pastor Wilson Gomes (SIB), meu cunhado-amigo pelos conselhos e orações.

Ao meu irmão Reginaldo Lima, sempre disposto a me ajudar nas entregas dos livros, foram tantos.

Ao meu orientador Professor Doutor Hans Theo Harden pela dedicação, pelo conhecimento, orientação e pela confiança depositada nas etapas do projeto – sua contribuição foi fundamental para minha formação acadêmica e pessoal.

Agradeço, especialmente, à Professora Doutora Alessandra Harden que de forma acolhedora me “adotou”. Meu coração repleto de gratidão pelos conselhos, conversas, pelo envio de materiais e pelas horas de convivência.

Aos meus amigos e minhas amigas do Postrad: Daniela Arnold, Vilma, Mariana, Verônica, Luciene, Flávia, Janailton, Luíza, Cláudia, Jakeline, Gisele, Carolina, Kalila, Julie, Vera Neri, Ariane e todos os demais amigos com quem dividi muitas angústias, dúvidas, risos e momentos maravilhosos. Todos prontos para uma palavra de ânimo – meus agradecimentos.

Ao Pastor Junio Cezar da Rocha Souza (IPB) pelas orações, livros e conselhos.

Aos escritores: Peter Hunt, Ruth Bottigheimer, Itamar Even-Zhoar, Antony Pym, Russel W. Dalton, Georges Bastin, Perry Nodelman, Riita Oiittinen e Wilson Scholz – grandes colaboradores para a realização desta dissertação.

Aos missionários Ricardo Augusto Arakaki e Tatiana Silva Arakaki pelo envio da Bíblia em alemão, meus agradecimentos.

Aos irmãos da PIB de Planaltina-DF pelas orações e apoio constantes em especial, os irmãos: Auriluce, Vera, Marinete, Tamires, Janete, Pr. Marcelino.

Ao tradutor Denis Timm da Sociedade Bíblica do Brasil por ter me recebido e se disposto a falar um pouco sobre seu trabalho como tradutor.

À tradutora Charlotte Fergum Lessa pela paciência em mostrar um pouco de seu trabalho com Bíblias infantis.

À Vanusa pelo cuidado com minha família e disposição constante.

À minha sobrinha Jéssica Lima por ter cuidado muitas e muitas vezes da minha filha Lídia quando estive ausente.

Ao colega Lennon pela consideração e ajuda.

Aos familiares pelas orações nos cultos nos lares: Wilson, Jacy, Ivonete, Dorotil, Valdelar, Mônica, Fabiano, Vilma, Antônio Elias, Regina, Euzilene, Izabela, Odete, Nilson, Edilson, Eronice, Francisca, minha sogra Geny e meu sogro Francisco, – vocês fazem parte dessa vitória.

Às amigas Lídia Nunes, Zeneide Francisco, Daniela e Valderiza pelos livros e sugestões nos momentos de dúvidas.

A todos os meus professores do Postrad: Cristiane Roscoe, Soraya Ferreira, Alessandra Harden, Theo Harden e Germana Henriques.

Ao Professor João (CNA) obrigada por sua dedicação.

Ao amigo Hugo Carvalho Sobrinho (UnB) pelo apoio e orientação.

Agradeço também à SEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal – pela licença concedida para capacitação.

Meus agradecimentos à equipe da secretaria do Postrad, colegas que foram sempre prestativos, em especial, à Janaína.

Aos eventos, seminários, jornadas e apresentações disponibilizadas pela UnB e pelo Postrad – foram momentos de inspiração e aprendizado.

Obrigada Deus pela tua graça e fidelidade, por ouvir minhas orações e pela oportunidade de falar da Tua Palavra!

*Sola Scriptura,  
Solus Christus,  
Sola Gratia,  
Sola Fide  
Soli Deo Gloria*

(Os cinco pilares da Reforma Protestante)

## **RESUMO**

Os primeiros ensaios que dariam origem às Bíblias infantis surgiram a partir da Reforma Protestante (século XVI) e, ao se desenvolverem e se modernizarem, as Bíblias para crianças contam hoje com uma grande fatia do mercado editorial voltado para a comunidade cristã. São volumes formados para muito além do texto bíblico canônico, visto que são acrescidos de ilustrações e paratextos que têm a função de auxiliar o pequeno leitor no entendimento e interpretação da leitura, embora não façam parte do texto bíblico “original”. Embora o assunto que aqui abordamos seja ainda um campo da pesquisa relativamente inexplorado, pretende-se, nesta dissertação, discorrer a respeito de como a Bíblia tem sido adaptada para uma Bíblia infantil sob a luz dos Estudos da Tradução, assim como analisar a inserção de imagens e paratextos que desempenham um papel importante, ao ilustrarem os eventos das Escrituras Sagradas. Deseja-se, do mesmo modo, investigar os métodos aplicados na tradução de textos literários quanto à domesticação e estrangeirização do texto, ressaltando a relevância dos processos de adaptação nas traduções destinadas ao público infantil. Para tanto, consideraremos, em nossa análise, os pontos de contato e a interação entre texto, imagem e paratexto de três volumes de Bíblias infantis em línguas distintas: alemão, inglês e português

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução de textos religiosos. Bíblia da Criança. Domesticação. Estrangeirização. Ilustrações e paratextos.

## **ABSTRACT**

The earliest essays that would have given rise to children's Bibles emerged from the Protestant Reformation (16th century) and as they developed and modernized, Bibles for children today have a large share of the editorial market for the Christian community. They are volumes formed far beyond the canonical biblical text, as they are supplemented by illustrations and paratexts that have the function of assisting the little reader in the understanding and interpretation of reading, although they are not part of the "original" biblical text. It is intended in this essay, although such a subject is still a relatively unexplored field of research, to discuss how the Bible has been adapted to a children's Bible in light of Translation Studies, as well as to analyze the inclusion of images and paratexts that play an important role in illustrating the events of the Holy Scriptures. It is also desired to investigate the methods applied in the translation of literary texts regarding the domestication and foreignization of the text, emphasizing the relevance of the adaptation processes in the translations destined to the children's audience. For this purpose, we will consider in our analysis the points of contact and the interaction between text, image and paratext of three volumes of children's Bibles in different languages: German, English and Portuguese.

**KEYWORDS:** Translation of religious texts. Children's Bible. Domestication. Foreignization. Illustrations and Paratexts.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Ilustração da venda de indulgências registrada por Lutero.

Figura 2. Ilustração do The New England Primer.

Figura 3. Capa da Meine Erste Kinder Bibel.

Figura 4. Folho de rosto da Bíblia Meine Erste Kinder Bibel.

Figura 5. Ilustração: Adão e Eva.

Figura 6. Capa da Holy Bible (Contemporary English Version).

Figura 7. Lombada do Holy Bible (Contemporary English Version).

Figura 8. Ilustração: Moisés com a tábua dos 10 mandamentos.

Figura 9. Capa de O mundo maravilhoso da Bíblia para Crianças.

Figura 10. Ilustração: Jardim do Éden.

Figura 11. Ilustração: Travessia do Mar Vermelho.

Figura 12. Ilustração: Isaque.

Figura 13. Ilustração: Jesus Cristo.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Dados gerais do *corpus* escolhido.

Quadro 2. Página 16 da versão em alemão.

Quadro 3. Exemplificação dos títulos em alemão e sua tradução.

Quadro 4. Comparativo entre NTLH,2009 e a obra de Charlotte Lessa, 2012.

Quadro 5. Comparativo entre NTLH,2009 e a obra de Charlotte Lessa, 2012.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACF – ALMEIDA CORRIGIDA E FIEL

ABS – AMERICAN BIBLE SOCIETY

ARA – ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA

AT – Antigo Testamento

NT – Novo Testamento

BBE – BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO

BEE – BÍBLIA DE ESTUDO ESQUEMATIZADA

BJ – BÍBLIA DE JERUSALÉM

BKJ – BÍBLIA KING JAMES

CEV – CONTEMPORARY ENGLISH VERSION

CPB – CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

NTLH – NOVA TRADUÇÃO DA LINGUAGEM DE HOJE

NVI – NOVA VERSÃO INTERNACIONAL

SBB – SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL

TEB – TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA

ETs – ESTUDOS DA TRADUÇÃO

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
CAPÍTULO 1 .....	17
1.1 CRÍTICA LITERÁRIA INFANTIL .....	17
1.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA.....	21
1.2.1 Por que estudar Literatura Infantil?.....	26
1.2.2 Origens da Literatura Infantil.....	30
1.2.2.1 A literatura religiosa .....	34
1.2.3 As Adaptações estrangeiras num encontro com a Literatura Infantil no Brasil.....	36
1.3 O TEXTO E O LEITOR INFANTIL .....	46
CAPÍTULO 2 .....	50
2.1 A BÍBLIA COMO LITERATURA .....	52
2.1.1 A formação do Cânone cristão .....	56
2.1.1.1 O Pentateuco.....	56
2.1.1.2 Os Livros Históricos.....	57
2.1.1.3 Os Livros Poéticos.....	57
2.1.1.4 Os Livros Proféticos .....	59
2.1.1.5 Os Evangelhos, o Livro de Atos, as Cartas e o Livro de Apocalipse ...	59
2.1.2 Breve análise literária do livro de Rute .....	60
2.2 A FINALIDADE DE UMA BÍBLIA INFANTIL.....	65
2.3 AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES DE TEXTOS RELIGIOSOS PARA CRIANÇAS.....	68
2.3.1 Alemanha.....	77
2.3.2 França.....	79
2.3.3 Inglaterra.....	79
2.3.4 Estados Unidos da América.....	80

CAPÍTULO 3 .....	85
3.1 CONSIDERAÇÕES DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER .....	92
3.1.1 Mediação entre o texto e o leitor .....	94
3.2 CONSIDERAÇÕES DE RIITA OITTINEN .....	96
3.2.1 Texto Fonte x Texto Adaptado .....	97
CAPÍTULO 4 .....	109
4.1 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O <i>CORPUS</i> E A MOTIVAÇÃO NA ESCOLHA DAS LÍNGUAS .....	109
4.1.1 Bíblia Infantil em Alemão .....	111
4.1.2 Bíblia Infantil em Inglês .....	117
4.1.3 Bíblia Infantil em Português .....	123
4.1.3.1 Adaptação Intralingual: volume em português da tradutora Charlotte Fermum Lessa .....	127
4.2 VISÃO GERAL DO <i>CORPUS</i> : PARATEXTOS E ILUSTRAÇÕES – SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS .....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	138
REFERÊNCIAS .....	143
ANEXOS .....	139

“Translation is that which transforms everything so that nothing changes.”

Günter Grass

## INTRODUÇÃO

*Soli Deo gloria*

Creio ser a Bíblia a palavra de Deus, inerrante, inspirada, perfeita e que reflete o caráter Daquele que a inspirou. Ao lermos em Salmos 19:7 “A lei do Senhor é perfeita...” (BBE<sup>1</sup>, Salmos capítulo 19,7) e em Provérbios 30:5 “Toda palavra de Deus é pura...” (BBE, Provérbios, capítulo 30,5), percebemos que não há margens para “meias verdades”, mas uma apresentação precisa do que a Bíblia é. De igual modo, a Bíblia nos apresenta uma riqueza de alfabetização cultural grandiosa e já está claro, para a história da Humanidade, que se trata de um livro que não se pode ignorar. Tendo sido o primeiro livro a ser impresso, o mais vendido, o mais publicado na história do mundo, o mais traduzido, a Bíblia não se encerra, pois ainda hoje novas descobertas de manuscritos antigos continuam a fornecer uma precisão cada vez maior ao seu conteúdo. Mesmo na história antiga, quando instituições religiosas paradoxalmente tentaram dificultar o acesso aos seus escritos e a suas traduções, muitas vezes levando seus tradutores e tantos outros mártires à morte, não conseguiram impedir que esses mesmos indivíduos, apesar de terem sido torturados e renunciando à própria vida, de nenhuma forma, prescindissem das Escrituras. Homens e mulheres piedosos como Wicliffe, Tyndale, Huss, Perpétua, os Valdenses, os Anabatistas e tantos outros, levantados por Deus e convictos das doutrinas da graça, mantiveram-se firmes e validaram Tertuliano em sua fala “O sangue dos mártires é a semente da igreja” (THEOPEDIA, [201-?], n/p).

É notória a importância da Bíblia como um documento histórico e preciso e, no decorrer dos séculos, ao chegar até as Américas, vê-se que a comunidade cristã prossegue com as “mesmas” convicções dos mártires, testemunhando ao mundo por meio da palavra de Deus, Aquele que é digno de ser exaltado. Segundo o instituto *Pew Research Center* (2013), o Brasil é o segundo maior país cristão do mundo, tendo havido um aumento crescente de Protestantes nas últimas décadas.

---

<sup>1</sup> BBE – Bíblia Brasileira de Estudo, 2016.

Conforme o teólogo Alderi Souza Matos, o decreto governamental de 1890 consagrou a separação entre a Igreja e o Estado, assegurando aos protestantes pleno reconhecimento e proteção legal, a partir daí a expressão religiosa “protestante” se implantava no Brasil. Acredito também que o acesso à Bíblia e a suas traduções, bem como a diminuição do índice de analfabetismo, foram condições indispensáveis para tal crescimento.

Além do teor teológico que encontramos na Bíblia, perpassam em suas referências muitas outras áreas, tais como arte, história, música, direito, os saberes populares, e, em especial, a literatura. Embora as Escrituras Sagradas sejam livros religiosos, não restam dúvidas que seu conteúdo também é uma obra literária. Nesse sentido, deseja-se, nesta dissertação, analisar as adaptações do texto bíblico nas Bíblias Infantis sob uma visão crítica, aliada à Literatura Infantil. Hoje, é possível constatar que as Bíblias infantis estão cada vez mais presentes na vida das crianças. O crescimento desse modelo literário no mercado editorial é visível e uma grande variedade se encontra disponível nas livrarias. A criança, como leitora em formação, é o alvo destas publicações, portanto, torna-se salutar um estudo aprofundado e uma análise de como se desenvolvem as diversas particularidades de uma Bíblia infantil.

Para que possamos compreender todo o objeto desta dissertação, iniciamos o Capítulo 1 tratando da Crítica Literária Infantil, a importância da literatura infantil, sua origem e a visão do texto juntamente com o leitor infantil. Acreditamos que os itens citados servirão de base para entender a inserção da especificidade “infantil” no contexto bíblico abordado nos capítulos 2 e 4. Desse modo, pretendemos explorar como são realizadas as adaptações, qual o texto-base escolhido, de que forma são definidos os temas bíblicos apropriados às crianças, as semelhanças e divergências das diferentes línguas escolhidas, para quais faixas etárias são destinadas, seu estilo e linguagens, suas ilustrações e paratextos e os aspectos culturais envolvidos nas traduções. Para tanto, três Bíblias infantis foram escolhidas: uma Alemã, uma Inglesa e uma em Português brasileiro adaptada das traduções também em português: NVI (Nova Versão Internacional), NTLH (Nova Tradução da Linguagem de Hoje) e a ARA (Almeida Revista e Atualizada).

No Capítulo 3, faremos uma breve análise sobre os escritos do teólogo alemão Friedrich Schleiermacher no que diz respeito à Estrangeirização e

Domesticação do texto e, de igual forma, percebemos, na experiência de tradução de textos infantis da tradutora finlandesa Riita Oittinen, qual a abordagem teórica utilizada em sua obra *Translating for Children* (2011), na qual a tradutora visualiza o receptor (criança) como o “leitor” a quem o tradutor deve-se voltar, pois, conforme a escritora, ler e traduzir são experiências indissociáveis.

No Capítulo 4 apresentaremos nosso *corpus* composto de três Bíblias infantis, em que analisaremos fragmentos traduzidos, paratextos, ilustrações e os detalhes semelhantes e divergentes de cada uma.

Consideramos essa proposta de análise de Bíblias infantis de grande importância, visto que as que chegam ao nosso país, principalmente o montante de publicações infantis publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil, é fruto de tradução de obras publicadas originalmente em outros idiomas (como inglês, espanhol e alemão). Uma pequena quantidade, entre 5 e 10%, é publicação original em português.

## **CAPÍTULO 1**

### **UMA HISTÓRIA RECENTE**

A literatura infantil possui uma história relativamente recente no Brasil, porém seu panorama no mundo começou a ser rascunhado no início do século XVIII, quando a criança deixa de ser vista como um “adulto em miniatura” tendo, a partir daí sua própria história delineada sob a visão do adulto, quanto às suas necessidades e características individuais. Também se voltam para este pequeno ser as múltiplas perspectivas que envolvem a arte literária destinada ao público infantil: os livros surgem, as histórias são contadas e um mundo de possibilidades nasce para a eternidade, trazendo consigo um espaço destinado à crítica literária.

#### **1.1 CRÍTICA LITERÁRIA INFANTIL**

A crítica literária como estudo, avaliação, interpretação e análise de uma obra, por muitas vezes, é influenciada pela teoria literária, que aborda discussões filosóficas acerca dos objetivos e métodos de se fazer literatura. Fato é que a crítica nos fornece determinados parâmetros, através de um estudo minucioso e de amplas discussões, que nos ajudam a penetrar no texto, a entender sua estrutura de modo a analisarmos as diversas facetas de uma obra literária. Ao longo dos anos, os críticos têm discutido sobre as diversas maneiras de interpretação da literatura, o que implica o surgimento de várias escolas teóricas que se empenham em buscar uma maneira “mais correta” de análise, capaz também de entender a relação entre o escritor, o leitor e a obra.

A abrangência da crítica literária também afetou a literatura infanto-juvenil. Sabe-se que, atualmente, são oferecidas várias disciplinas na academia que se

dedicam ao estudo desse gênero literário. Estudiosos, especialistas e acadêmicos tornaram-se conscientes de que a literatura infanto-juvenil tem dirigido sua atenção para implicações culturais, sociais e políticas, que se encontram, não raro, nos livros infantis da modernidade. Durante muito tempo, conforme Cervera (1992), a literatura infantil foi considerada escassa e vista de forma pejorativa, tendo, inclusive, sua existência, necessidade e natureza negadas. Hoje, tal concepção não encontra sentido. Pelo contrário, mesmo diante dos vários conceitos acerca da literatura infantil, sua natureza, seu objetivo e sua modernização têm conquistado cada vez mais espaço na academia, o que contribui de forma decisiva para a formação de uma teoria da literatura infantil, conforme afirma Cervera (1992, p. 9, tradução nossa<sup>2</sup>):

Ainda que com a ajuda de argumentos sociológicos, o volume de edições de literatura infantil, o número de pessoas envolvidas em sua gestão e a variedade e a importância das atividades geradas por ela, já garantem a sua existência. O número cada vez maior de leitores, a crescente demanda por livros infantis e o aumento da quantidade e qualidade de escritores dedicados à literatura infantil, são um claro testemunho de sua realidade<sup>3</sup>.

Embora os estudos estejam se tornando cada vez mais sólidos e vários profissionais como pedagogos, psicólogos, artistas gráficos e linguistas tenham se dedicado à literatura infanto-juvenil, o crítico literário Peter Hunt (professor emérito e fundador do primeiro curso de literatura infantil da Universidade de Cardiff da Grã-Bretanha), ainda visualiza determinadas barreiras no que diz respeito à teoria e à crítica literária:

Em 1990, ambos os campos eram relativamente novos no mundo literário [teoria e a crítica literária]. Estavam, e até certo ponto ainda estão, nos limiares da academia; são particularmente importantes para o desenvolvimento dos estudos literários. Tal como a teoria e a crítica agora se preocupam com todos os aspectos do texto, da reação pessoal e do pano de fundo político à linguagem e à estrutura social, a literatura infantil também é um campo que abarca quase todos os gêneros literários. [...] Os dois campos compartilham o fato de serem encarados como certa desconfiança por acadêmicos. (HUNT, 2010, p. 27).

---

<sup>2</sup> As traduções aqui apresentadas são de nossa autoria, excetuando-se outras já publicadas e devidamente referenciadas.

<sup>3</sup> “*Aunque sólo sea con la ayuda de argumentos sociológicos, el volumen de las ediciones de la literatura infantil, la cantidad de personas empleadas en su gestión y la variedad y transcendencia de actividades que genera avalan la existencia de la literatura infantil. El creciente número de lectores, la demanda en aumento de sus libros, y el auge en cantidad y calidad de los escritores a ella dedicados son un testimonio claro de su realidad.*” (CERVERA, 1992, p. 9, tradução nossa).

Para Hunt (2010), a literatura infantil ainda necessita de reconhecimento no meio artístico-literário, porém, de forma “coerente e judiciosa”, para não incorrer em julgamentos que não consideram o ser “criança” enquanto leitor, nem suas reações, seu entendimento e suas percepções. Para ele, o termo “crítica” traz uma carga pejorativa. No entanto, o autor aponta para a possibilidade de se fazer, por meio da crítica, um “juízo criterioso e fundamentado”, preocupando-se em saber como leitores comuns leem, o que acontece quando se lê ou, ainda, de que forma se pode abordar uma leitura. Em seu livro *Crítica, Teoria e Literatura Infantil* (2010), Hunt explica que o próprio termo literatura infantil “parece desqualificá-la diante da consideração adulta”, talvez por se tratar de uma literatura simples que está à disposição de um público ainda aprendiz e sem maturidade. O crítico ainda afirma que, tradicionalmente, a crítica literária supõe que o crítico e o leitor compartilham do mesmo entendimento e das mesmas ideologias, assumindo que o texto significa a mesma coisa para ambos, o crítico e o leitor. Tal posicionamento, segundo Hunt, é inaceitável, pois os leitores não leem de forma igual e, em se tratando de livros infantis, é claramente falsa tal ideia, pois considera que as crianças não dispõem de um conhecimento sólido e pouca é sua experiência de vida, não possuindo assim, entendimento aprofundado daquilo que leem. O que significa dizer que, se se envolve uma criança num processo crítico, não se pode ter certeza de quais “significados” estão sendo absorvidos [no processo], pois “é um público que não pode ser definido com precisão” (HUNT, 2010, p. 27). Para o autor, contrário ao “jogo de poder” imposto pela crítica, se deveria fazer uma reflexão sobre: a quem pertence o texto infantil e a quem ele é destinado? Obviamente, a resposta é: pertence à criança (ou deveria pertencer):

O problema central da relação de poder entre o adulto e a criança reflete os conflitos das relações de poder nos textos em geral. Da mesma maneira, a crítica linguística/estilística é especialmente ajustada a uma literatura que se encontra em constante adaptação às supostas necessidade e habilidades de seu público. (HUNT, 2010, p. 35).

De igual modo concorda Cervera (1992, p. 9), quando elabora que “[...] quando definimos literatura infantil, devemos ter presentes as reações de seus leitores”<sup>4</sup>. Percebemos, aqui, que é necessário redefinir os fundamentos e questionar quais os tipos de considerações aqueles que estão interessados em livros infantis

---

<sup>4</sup> “De suerte que cuando definamos la literatura infantil, tendremos que tener presentes las reacciones de sus lectores.” (CERVERA, 1992, p. 9).

necessitam fazer. A teoria e crítica podem auxiliar neste momento, pois a teoria da literatura necessita de um suporte que somente a crítica e a história da literatura podem fornecer, portanto, teoria, crítica e história, cada qual com suas peculiaridades, mecanismos e objetivos, podem se complementar. Hunt (2010, p. 31) afirma que “a teoria literária compreende a importância de algo que muitos de nós secretamente já reconhecemos: o papel do leitor”. Assim, a teoria e a crítica têm buscado integrar o que diz respeito ao leitor, seja sua reação, sua percepção, seja a noção de “criança-crítica”, tornando o livro infantil “um laboratório de provas para essas considerações teóricas”. Além disso, o teórico frisa com veemência que a crítica geral, preocupada com a “crítica prática” e com a formação de um cânone, esquece de analisar o contexto em que se encontra o leitor; no caso da literatura infantil, a criança. Frisa também que, para esse gênero literário, não há um cânone definido e a criança, enquanto receptora da obra infantil, não possui o conhecimento necessário para avaliar o que é relevante para a crítica. Não há sentido, por exemplo, em propormos uma análise dos elementos básicos da narrativa alheios ao contexto do leitor infantil, que não possui a experiência necessária para tanto. Sendo assim, Hunt (2010) prioriza que a discussão se faça entre leitor e texto, ou seja, a criança e o texto, considerando sua opinião a respeito do livro, tão relevante como a de um crítico:

Como é o livro e que impressão ele proporciona? Como se sente o leitor? [...] qual o pano de fundo do livro? E o pano de fundo do leitor? Que habilidades o livro exige? Que habilidades o leitor deve possuir? Qual é a circunstância da leitura? Tudo isso nos remete à relação da criança com o livro, que pode ser diferente da do adulto – e em especial quando se trata da relação do adulto com o livro para a criança. (HUNT, 2010, p. 22).

Essa limitação vista pelo crítico obriga a criança a fazer parte de uma cultura dominante e de um “jogo literário” em que as regras são desconhecidas por ela, como se houvesse “um sistema configurado para excluir a criança”. Defende, ainda, que a crítica literária “adulta” deve enxergar além daquilo que lhe é favorável, assim como deve também propor uma análise da obra infantil menos extraordinária e menos impositiva, sem, no entanto, tentar igualar o leitor infantil em um padrão absoluto e universal conveniente à ordem literária vigente. Hunt (2010) sugere que a crítica à literatura infantil seja uma crítica “criancista”, que ressalte sua grandeza e sua especificidade, voltando-se para seu leitor exclusivo: a criança.

Riscado (2011, p. 5), professora doutora da Escola Superior de Educação de Coimbra, lembra que:

[...] é importante rever o papel da crítica de Literatura Infantil visto que, com mais avaliações cuidadosas e criteriosas dos livros para crianças, efetuadas por equipes de especialistas, todos os envolvidos ganhariam neste processo.

## 1.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

Desde os tempos mais remotos, o homem é motivado por suas necessidades. A comunicação e o modo como a expressão pessoal fizeram e ainda fazem parte da representação da própria essência do homem, considerando suas ideias, costumes, valores e descobertas. No período que antecede a invenção da escrita, há aproximadamente 40 mil anos, os homens pré-históricos já se manifestavam artisticamente e deixavam seus vestígios através de pinturas rupestres, desenhos e representações artísticas gravadas em paredes e nos tetos das cavernas. Conforme Coelho (2000, p. 65),

Foram vários os suportes físicos descobertos pelo homem para inscrever suas mensagens: pedras, tabuinhas de argila, peles de animais, o córtex das árvores, junco, chifres... materiais tirados da natureza e nos quais, com o auxílio de um buril, o 'escritor' fazia riscos para transmitir seus pensamentos aos outros.

No período Paleolítico, acreditava-se que, se o caçador pintasse o desenho da caça, conseguiria capturá-lo, demonstrando que havia algo místico em torno dessas representações. Carvão, sangue, argila e seiva de plantas eram frequentemente utilizados para a realização dos desenhos. Os antigos hieróglifos nos templos egípcios eram registrados nas paredes e nos papiros utilizando a técnica do primeiro plano, sem profundidade, indicando uma qualidade da arte egípcia. Deu-se então o entendimento de que os hieróglifos egípcios continham o início do sistema alfabético.

Após essa escrita primária e com os constantes avanços das civilizações e das relações entre os mercadores, foi necessário um sistema de escrita concreto e prático. Em Ugarit, cidade portuária ao norte da Síria, foram encontradas tábuas de argila com escrita cuneiforme nas quais várias línguas eram representadas, tais

como a escrita dos sumérios, hititas e os acádios. No alfabeto ugarítico, século XIII a.C., percebeu-se certa “ordem” alfabética como sistema e, com a descoberta em 1922 de um sarcófago na cidade de *Biblos* (Fenícia), notou-se que determinadas decorações e inscrições em túmulos, se assemelhavam aos alfabetos modernos. A contribuição Fenícia foi um marco no desenvolvimento da escrita, tendo se dispersando tanto para o Oriente quanto para o Ocidente, tornando-se também a raiz de vários sistemas, como o grego e o romano.

Surge a escrita, um marco de suma importância para o início do registro dos acontecimentos históricos. De forma cada vez mais organizada e indispensável às civilizações, as relações comerciais e o desenvolvimento dos povos antigos foram se aperfeiçoando. Uma descoberta que revolucionou a história da humanidade, conforme Higounet (2003, p. 10):

A escrita não é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano.

Embora tal evento tenha mudado a trajetória da humanidade, é fato que a escrita se modernizou e passou a ser utilizada apenas pela nobreza, já que a maioria das populações antigas era analfabeta. Longe de ser democrática, a leitura tornou-se luxo. No entanto, aqueles que não tinham acesso à escrita e ao conhecimento das letras também necessitavam se comunicar. Assim, ao longo dos tempos, novas possibilidades de interação e diálogo entre as massas foram se desenvolvendo e tornando possível a comunicabilidade. Em muitos casos, os anúncios escritos eram substituídos por desenhos, imagens e caricaturas que foram sendo utilizados pela população analfabeta como uma maneira simples de transmitir as ideias e os sentimentos.

A linguagem, como um meio sistemático de manifestar as ideias por meio dos signos linguísticos, tornou-se um dos mecanismos mais utilizados pelo homem no compartilhamento de informações, vindo a ampliar consideravelmente as possibilidades de uma comunicação mais precisa e mais rápida devido ao comércio e aos negócios primitivos. Tornou-se também um dos objetos de estudo que mais intrigam cientistas e linguistas, o que nos revela definitivamente que a comunicação entre os homens faz parte da substância de sua própria natureza.

Saber como a linguagem surgiu e como evoluiu ao longo dos tempos são perguntas que têm sido alvo de inúmeras teorias e base de discussões acadêmicas ao longo de séculos. A resposta para a tão enigmática questão ainda é bastante discutida, porém, não se pode negar que a linguagem se desenvolveu e, hoje, pode-se constatar que são inúmeras as possibilidades de comunicação verbal e não verbal. Podemos visualizar formas de linguagem para além da escrita, a saber, no uso de imagens, na arte, na composição, na entonação, no gesto, na mímica, entre outras. A verdade é que toda essa sucessão de ideias e possibilidades, toda essa herança e descobertas dos tempos antigos passaram a ser objeto de estudo acerca da origem de tudo quanto se observa na humanidade.

Informações de diversos tipos demandavam uma forma de registro e organização. Após a utilização dos desenhos simbólicos, vários povos antigos criaram seus próprios registros escritos que, posteriormente, dariam origem à escrita propriamente dita: os sumérios utilizavam a argila; os egípcios lançavam mão dos hieróglifos utilizados nas representações religiosas; os chineses faziam uso de ossos e cerâmicas em seus escritos primitivos; e tantos outros meios que viabilizaram o desenvolvimento de inúmeras civilizações. Conforme Higounet (2003, p. 28) cita:

A história da escrita tem um campo imenso e muito variado. Quem poderia se gabar de conhecê-la ou mesmo de poder percorrê-la toda? Ela se especializa em múltiplos cantões que limitam com outras disciplinas que suas descobertas quase sempre contribuiriam para promover [...]. A escrita, fundamento da civilização, está no fundamento das ciências humanas.

Ainda hoje, há grandes controvérsias acerca dos escritos antigos serem ou não formas literárias, porém, é indiscutível que a escrita tornou-se um veículo formal para a sua criação. Muitos críticos associam o surgimento da literatura apenas após a escrita. No entanto, mesmo antes de sua descoberta, já se viam representações culturais dos povos, conforme os registros da Pré-história. Assim, os fenômenos a que o homem se submetia foram sendo transmitidos por meio da palavra escrita, tornando-se também uma forma de arte: uma arte oral. E o que é a literatura senão uma forma de manifestação artística? Senão uma arte de compor escritos artísticos deixando transparecer certa beleza e estilo? Senão a criação das representações do mundo e da própria vida, ou uma *mimese* (imitação da vida), conforme Aristóteles? Para muitos, a literatura sugere uma forma de arte superior ou um corpo de obras de reconhecido valor estético. Para Coelho (2000, p. 27):

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse 'modo' é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. (COELHO, 2000, p. 27).

Fazer do comum algo diferente, fazer da palavra o objeto artístico da literatura, transformar a realidade ou, conforme Coutinho (1978, p. 9-10), “é uma transfiguração do real, é a realidade recriada”. Tantas são as diversidades de abordagem que seu conceito parece estar em constante mudança e evolução, o que torna a literatura mais que uma obra, mais que uma produção ou mais que um artefato histórico ou cultural, ou seja, é uma introdução a uma nova experiência de mundo que induz um leitor à curiosidade de se descobrir todas as suas facetas por meio do estudo literário.

A literatura nos fala através de vários olhares e vários paradigmas aquilo que é universal e que nos afeta de alguma forma. É uma porta por onde se adentram a aprendizagem do passado e a compreensão do gênero humano, oportunizando uma reflexão sobre o poder da literatura,

registrando ou perpetuando vivências de todos os tempos, idades ou eras, o livro, a palavra escrita, permite ao Homem tornar-se contemporâneo de todas as épocas: conviver com o passado mais remoto e antecipar o futuro, ao participar, vivencialmente, da longa caminhada da Humanidade pela História (COELHO, 2010, p. 51).

Gonçalves, Aquino e Silva (2000, p. 3) assim afirmam que “a literatura é uma das mais importantes expressões do homem, e, também, uma das mais necessárias, pelo fato de exprimi-lo e explicá-lo”. Cândido (2006) percebe uma função humanizadora na literatura, pois atua na formação do próprio homem.

A literatura também nos permite descobrir, por meio do debate e da interpretação, a forma como o autor retrata ou cria sua obra, a que ele se prende, como e por que escolhe determinado vocabulário. Seu contexto e sua profundidade fornecem uma espécie de “modelo” do que é a civilização humana, dos escritos das civilizações antigas e das circunstâncias das sociedades do mundo. Nesse sentido, estuda(m)-se a(s) literatura(s) porque ela(s):

- leva(m)-nos à expansão dos horizontes e nos ajuda(m) a perceber o ambiente que nos cerca. As tradições, as culturas, os hábitos e demais características de outros povos tornam possível o conhecimento do outro;
- promove(m) o desenvolvimento do pensamento crítico, do olhar além daquilo que se lê e as múltiplas conexões a partir de um tema, expandindo assim a percepção de significados ocultos para que se possa chegar a uma conclusão. As leituras e discussões também forçam os leitores, de certa forma, a fazerem juízos fundamentados e análises críticas;
- viabiliza(m) também o registro histórico do passado, conforme já mencionamos, mostrando que a história e a literatura estão enlaçadas;
- torna(m) possível o conhecimento das outras culturas e crenças que se diferem daquelas do leitor, permitindo que se compreenda e se visualize aquilo que pertence a outros povos, grupos ou etnias, tornando-se uma ferramenta para o entendimento daquilo que está além do leitor, bem como o desenvolvimento (ou não) de uma empatia por outras culturas;
- enseja(m), em sua grande maioria, uma abordagem da natureza humana. A partir dos registros históricos da literatura, o leitor percebe e aprende com as condições que afetam outras pessoas em sua condição emocional, pessoal, social etc., muitas vezes o leitor se identifica e se conecta a si próprio, visualizando-se muitas vezes naquilo que lê, ou seja, conecta-se com sua própria humanidade;
- permite(m) que a leitura seja uma atividade agradável, divertida e prazerosa, que estimula o leitor em sua imaginação, fornecendo-lhe experiências valiosas no âmbito emocional e possibilitando-lhe o entendimento de seus sentimentos e a forma como expressá-los, ao assistir aos sentimentos das personagens. Como trataremos neste capítulo sobre a literatura infantil, ao expor a criança à contação de histórias, oportuniza-se também o desenvolvimento do vocabulário, colaborando, assim, para o processo de alfabetização.

Se a história da literatura está enlaçada à história da humanidade e, como afirmou Ezra Pound, “literatura é linguagem carregada de significado” (POUND,

1977, p.32 ), é necessário esclarecer em que ponto desta trajetória a criança passou a desfrutar e partilhar deste instrumento humanizador, como será discutido a seguir.

### 1.2.1 Por que estudar Literatura Infantil?

Ítalo Calvino (1990, p.11) nos mostra que há “coisas” que somente a literatura pode nos oferecer. Os contos, os apólogos, os enigmas, os poemas, os mitos, as lendas do folclore, os livros ilustrados, as crônicas, as histórias em quadrinhos e as diversas representações literárias, incluindo a Bíblia, perpetuam-se no tempo por meio das traduções e desenham um vasto campo de possibilidades para seu estudo, oferecendo-nos, como Calvino (1990) sugere, determinadas “coisas” que cremos ser específicas da área da literatura e que nos coloca dentro de outra dimensão do ser. A expressão “Era uma vez...” sempre nos remete a um conto da literatura, especialmente a literatura infantil que, embora ainda seja considerada uma literatura menor, traz consigo um cenário riquíssimo de criação.

Para que se possa entender o que motiva alguém a estudar a literatura infantil, é preciso voltar no tempo, um tempo no qual a literatura, antes mesmo do surgimento da escrita, já se fazia presente no cotidiano das crianças sob o modo “oral”. A esse respeito, Cecília Meireles (2016, p.14) afirma que:

[...] A literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua Literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas – vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca e boca.

Contudo, antes de prosseguirmos nos estudos da obra infantil, cabe aqui recordar que na Idade Média sempre houve a presença da criança no seio familiar, mas nem sempre houve o sentimento de “infância” em seu aspecto histórico, social e cultural sob a ótica do adulto. A concepção de “infância” se construiu ao longo dos tempos, conforme o historiador Ariès (1986, p. 65) certifica:

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se

particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.

A visão que se tinha da criança era reduzida e as sociedades antigas não as enxergavam como um ser em formação. Como o índice de mortalidade era grande, entendia-se que, após a morte de determinada criança devido à pobreza, à negligência dos pais e às condições sanitárias precárias, outra viria para ocupar o seu lugar. Até nas artes a criança tinha seu corpo retratado de forma aleijada ou deformada, como avalia Gregorin Filho (2009, p. 38): “[...] vários exemplos há na literatura e no teatro nos quais se pode observar o tratamento às vezes áspero direcionado às crianças”.

Não estaríamos equivocados caso afirmássemos que não poderia ser possível haver literatura infantil considerando tais acontecimentos, visto que seu receptor natural – a criança – se encontrava numa situação de total desamparo. A intenção era que a criança alcançasse o mais rápido possível a condição de adulto, para que pudesse produzir e contribuir em sua comunidade, pois logo cedo se ocuparia das lavouras e dos serviços domésticos. A transmissão de conhecimentos se dava na vida cotidiana. Muitas vezes, as crianças eram entregues a desconhecidos para serem “educadas”, devido à sua exposição ao mundo adulto, e ouviam e observavam todo tipo de “ensinamentos”, gestos obscenos, erotização precoce, grosserias, entre outros. Nesse sentido, para o pequeno ser, não havia uma instituição que o assessorasse numa aprendizagem específica, considerando ainda que “a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante” (ARIÈS, 1986, p.3-4). Não havia, portanto, no mundo medieval, uma concepção apropriada de “infância”, e esta realidade perdurou aproximadamente até o século XVI.

Nesse mesmo século, a invenção da imprensa favoreceu um novo ambiente comunicacional que viria a oportunizar a alfabetização, conforme sublinha Postman (1999, p. 35): “a imprensa criou uma nova definição de idade adulta baseada na competência de leitura, e, conseqüentemente, uma nova concepção de infância baseada na incompetência de leitura”. Para que essa nova concepção se tornasse viável e gradativa, haveria de ter também grandes mudanças no mundo adulto que atingissem o modo como a sociedade da época vivia. Fazia-se imperativo uma metamorfose social, inclusive o advento de algumas invenções, que viriam a promover reflexões no aspecto comunitário:

[...] a tipografia criou um novo mundo simbólico que exigiu, por sua vez, uma nova concepção de idade adulta. A nova idade adulta, por definição, excluiu as crianças. E como as crianças foram expulsas do mundo adulto, tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Este outro mundo veio a ser conhecido como infância. (POSTMAN, 1999, p. 32).

A tipografia libertou a escrita. Não seria uma novidade, então, constatar que, após a invenção da imprensa, inúmeros livros passaram a ser impressos, o que aguçou o interesse pela leitura da cultura clássica. Desse modo, Lajolo e Zilberman (2007, p. 15) afirmam que:

A industrialização consistiu no fenômeno mais geral que assinalou o século XVIII. Foi qualificada de revolucionária e classificou o período, porque incidiu em atividades renovadoras dentro dos diferentes setores do quadro econômico, social, político e ideológico da época. A rala produção artesanal multiplicou-se rapidamente, com o aparecimento de manufaturas mais complexas, tecnologias inovadoras e invenções recentes.

A revolução industrial, a decadência do feudalismo, o incremento do comércio, o êxodo rural, o surgimento dos grandes centros urbanos e a consolidação da classe burguesa foram algumas das grandes transformações que geraram mudanças significativas na sociedade. A instituição familiar não ficaria alheia a esse cenário, tendo sido alcançada por um novo padrão que vislumbrou algumas mudanças quanto à concepção de “criança”, um fenômeno considerado excepcional até então.

Outra instituição também convocada a consolidar a ascensão da burguesia foi a escola. Lajolo e Zilberman (2007, p. 16) afirmam que

[...] tendo sido facultativa, e mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, [...] urgia equipá-los para o enfrentamento maduro do mundo.

O conceito de “criança” começa a ser remodelado e o encontro da família com a escola determina uma profunda mudança no desenvolvimento da sociedade, “o que mostra a complementariedade entre estas instituições” (escola e família). Os indivíduos que pertenciam aos grupos sociais das classes mais abastadas tinham acesso aos clássicos da literatura, porém, o mesmo não se verificou quanto às crianças pertencentes às classes desprestigiadas, que eram surpreendidas com a literatura oral, transmitida de geração em geração, muitas vezes repetida por mercadores que transitavam em diversas regiões e reproduziam os contos maravilhosos, as histórias de cavalarias e as aventuras, as literaturas fantásticas, os mitos, as lendas folclóricas, entre outros.

Nelly Novaes Coelho, professora paulistana que criou, em 1980, a primeira cadeira sobre literatura infanto-juvenil na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, confessa:

Estamos com aqueles que dizem: Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2010, p.5).

A história literária é um lembrete de que nosso presente não é suficiente e de que há o risco de negligenciarmos ou ignorarmos as contribuições extraordinárias de nossos antepassados, caso não haja uma consciência da importância da literatura na história da Humanidade. A literatura nos convida a um mundo de possibilidades, reais ou imaginárias, trágicas ou humoradas, informativas ou significativas, pois nos leva além da experiência limitada de nossas vidas. O crítico Antônio Cândido questiona o porquê de a literatura não ser um direito básico do ser humano, visto que “a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos” (CÂNDIDO, 1995, p.174-175). Proença Filho (2007, p. 15) a vê como “arte” e a arte “é um dos meios de que se vale o homem para conhecer a realidade [...] nesse jogo dialético, o homem busca aceder à interioridade da sua existência”.

Embora não se possa datar o início das narrativas literárias no mundo, pode-se vislumbrar que antes delas o mundo seria bastante previsível e um tanto prático. Há muitas controvérsias entre críticos e estudiosos sobre quando os mais antigos registros da história se tornaram narrativas literárias, mas é notório que os testemunhos da literatura oral, vista como uma arte antiga, precederam a tradição escrita como um repositório de conhecimentos passados, como já citamos, de geração em geração. Tais conhecimentos, destinados principalmente às sociedades não alfabetizadas, alcançavam a filosofia, a religião, os costumes, os valores morais e a sabedoria popular. Em sua obra *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*, Coelho (2010, p. 7) registra o conceito de “Literatura Primordial” da seguinte forma:

[...] aquela que, embora não transcrita em material perene, atravessou séculos, preservada pela *memória dos povos*. Nela foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos antes de Cristo e se difundiram por todo o mundo cristão através da Tradição Oral.

Antes de se tornar uma literatura oral infantil, o gênero foi previamente uma literatura popular na intenção de transmissão de padrões ou valores para que se pudesse auxiliar a criança na aquisição de maturidade, visando que os futuros

indivíduos adultos pudessem incorporá-los em sua vivência. Alguns teóricos veem que a pedagogia teve forte influência no surgimento da literatura infantil, por ser “geralmente, educativa, transmissora de ideologia, portadora de verdades que os adultos querem transmitir às crianças” (GONÇALVES; AQUINO; SILVA, 2000, p. 9). Tal visão é cercada por grandes polêmicas, pois o termo ideologia é visto por algumas linhas da crítica como algo pejorativo.

### 1.2.2 Origens da Literatura Infantil

As primeiras fontes da literatura infantil partem da “Novelística Popular Medieval”, originária do oriente, *Calila e Dimna*<sup>5</sup>, de origem indiana, considerada uma das fontes mais remotas de literatura infantil. Escritas em sânscrito no século III a.C., as fábulas foram traduzidas para o persa por Ibn al-Muqaffa. Muitas das narrativas constantes da coleção *Calila e Dimna* constam na obra do escritor grego Esopo (século VI a.C.), o que leva muitos estudiosos “a dar a este [Esopo] a prioridade, como fonte primeira” (COELHO, 2010, p. 11). O lendário autor grego teve suas fábulas traduzidas para diversas línguas e difundidas em forma de narrativas orais, servindo, também, como base para os escritores Fedro, fabulista romano do século I d.C (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2017b), que as traduziu do grego para o latim, e La Fontaine, poeta francês (1621-1695) que também as traduziu para o francês, adaptando-as para que houvesse uma intenção mais didática (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2017a). Alguns estudiosos questionam a biografia de Esopo por não haver registros escritos de sua obra. Sabe-se, no entanto, que a grande maioria de suas fábulas foi adaptada por diversos escritores e é utilizada até hoje nas escolas, na transmissão de conhecimentos de uma geração a outra ou na

---

<sup>5</sup> Descobriu-se posteriormente que essa coletânea pertenceu ao *Pantschatantra* de autor desconhecido (coleção de escritos indianos com caráter de fábulas, contendo normas de conduta e conceitos morais). Mais informações, cf. Basharin, 2007.

intimidade do lar. Além disso, pode-se perceber o quanto Esopo marcou de forma genial a literatura oral, possibilitando também que tamanha riqueza literária (cerca de 400 fábulas) fossem traduzidas para diversos idiomas.

A narrativa *Hitopadesa*, coleção de fábulas em sânscrito traduzidas para vários idiomas na Índia e também derivada das narrativas de *Pantschatantra*, faz parte dos primeiros registros de literatura infantil; *Sendebär* (século X); *Barlaam e Josafat* (Século VIII); *As Mil e Uma Noites* (século XV), apresentada também em forma de narrativas.

Como fontes Medievais surgidas no Ocidente Europeu, podemos mencionar Fedro e as fábulas latinas (século X), conhecidas como *Isopets*; *A Disciplina Clericalis* do judeu Pedro Alfonso (século XII); *O Livro das Maravilhas* e *O Livro dos Animais* (século XIV e XV), obra de Raimundo Lúlio; *O Livro de Petrônio* ou *O Conde Lucanor* (1335), escrito por D. Juan Manuel; *O Livro de Exemplos* (século XIV), escrito por Clemente Sanchez; e tantas outras obras que, em sua maioria, apresentam um fundo moral dedicado à transmissão de valores e saberes, assim como o registro das situações do cotidiano da época.

Não poderíamos também deixar de citar como criação Ocidental *As novelas de Cavalaria*, proveniente da Idade Média europeia, que deram origem a *D. Quixote de la Mancha*, uma das obras mais famosas da literatura ocidental e que exerceu grande influência no folclore nordestino:

Muito desse maravilhoso-fantástico permanece, hoje, integrado em nossa pitoresca Literatura de Cordel, e nas adaptações das novelas, para as crianças. [...] Trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses, principalmente a partir do século XVII, essa novelística medieval difundiu-se por todo o país, mas só em 1840 foi pela primeira vez editada entre nós. Perpetuando na memória popular e encantando também as crianças, certas novelas de cavalaria, condensadas, perduram no acervo popular nordestino (enquanto em Portugal já praticamente desapareceram). (COELHO, 2010, p. 40-41).

Todo esse repertório transformou-se posteriormente no que chamaríamos de *Literatura Infantil Popular*. Entre os séculos IX e X efetivamente “começa a circular oralmente uma literatura popular que, através dos séculos, seria conhecida como **folclórica**, mais tarde transformada em **literatura infantil**” (COELHO, 2010, p. 25, grifo nosso). Embora haja muitas controvérsias em relação ao início original da literatura infantil, não se pode negar que muitos dos exemplos aqui assinalados

finalizam, em sua maioria, com um fundo moralizante, pois havia a necessidade de que os contos fossem adaptados gradualmente, adequando-se aos padrões da época, no sentido moral, educacional e estético, ainda mais se considerarmos o impacto da religião e sua influência no sentido didático e civilizador.

Embora nessa época (séculos IX e X) se contasse com grandes privações, como, por exemplo, as dificuldades de comunicação e as constantes guerras, nota-se que havia um intercâmbio de literaturas na Europa formando-se aos poucos. Toda a influência desse cenário de guerras, as constantes lutas pelo poder, as grandes fomes, as violentas e cruéis revoluções, a exploração do fraco pelo forte, as astúcias dos homens e a deslealdade das mulheres, o ódio e a crueldade, a morte, o incesto, as paixões, entre outros, também serviram como base para as narrativas maravilhosas. No século X, surgem diversos contos alegóricos em que animais representam seres humanos envolvidos em situações humanas, o que nos leva a refletir se tais gêneros literários, podem ser vistos como metáforas da vida real. Ficção ou não, o que se pode afirmar é que os contos e as fábulas tornaram-se um grande sucesso e se perpetuaram na história da Humanidade. Meireles (2016, p. 30, grifo nosso) contribui para esta ideia ao afirmar que:

O negro na sua choça, o índio na sua aldeia, o lapão metido no gelo, o príncipe em seu palácio, o camponês à sua mesa, o homem da cidade em sua casa, aqui, ali, por toda parte, desde que o mundo é mundo, estão contando uns aos outros o que **ouviram contar**, o que lhes vem de longe, o que serviu a seus antepassados, o que vai servir seus netos, nesta marcha da vida.

“O que lhes vem de longe...” (MEIRELES, 2016, p. 30) é uma expressão que pode nos indicar que havia uma transmissão de valores e princípios moralizantes de aspectos observados, possivelmente, na vida cotidiana. Porém, contos e fábulas deixaram de ser contados especificamente aos adultos em determinada época e passaram também a ter como destinatário a criança, agora já vista como um ser em formação, necessitada de uma linguagem suavizada e reestruturada. Nesse sentido, pode-se refletir acerca dos Estudos da Tradução quanto ao processo de adaptação de tais contos, com relação às escolhas lexicais que fossem mais indicadas ao processo da cultura de chegada, as expressões da cultura de partida empregadas na contação, a medida das sentenças, a inserção do coloquialismo, a simplificação de termos evitando o estranhamento e a busca por termos equivalentes. Os exemplos sobre adaptação de uma obra infantil que relacionamos ao início da

literatura infantil, são apenas suposições, pois não há uma quantidade vasta de bibliografia que nos certifique do assunto (trataremos no capítulo 3 as Teorias de Adaptação e Estrangeirização do texto com maior ênfase). Por ser tratar de um gênero oral em que os contadores (povo simples) não detinham o conhecimento da escrita, é grande a possibilidade de perda tanto na questão da “origem dos contos”, quanto nos processos de adaptação, conforme atesta Machado (2010, p. 9-10, grifo nosso):

Esse universo tem a ver também com outro aspecto: o da cultura oral. Trata-se de contos populares, de uma tradição anônima e coletiva, transmitidos oralmente de geração a geração e transportados de país em país. Muitos deles foram depois recolhidos em antologias por estudiosos, com maior ou menor fidelidade à versão original de seus contadores e contadoras. Em vários casos, foram recontados e reelaborados – ora ganhando em qualidade literária nas novas roupagens, ora se perdendo em **adaptações** cheias de intenções de corrigir as matrizes populares. Ora mantendo seu vigor original, ora se diluindo em pasteurizações. (MACHADO, 2010, p. 9-10, grifo nosso).

Durante o século XVI, continuam a circular as obras literárias da Idade Média, reformuladas ou simplesmente imitadas. Nasce um homem liberal e, junto a ele, um formato idealista da arte, uma cultura voltada para a aristocracia, baseadas na filosofia e na estética. O contexto de Portugal e a cultura do século XVI trazem a preocupação com a instrução dos jovens nobres, tendo o latim como a língua da cultura, a mesma que se distanciava do homem simples. E é nesse cenário que nasce a literatura infantil propriamente dita e daí em diante, passa a caminhar lado a lado com a ideia do texto impresso, ou seja, escrito para ser lido. Conforme mencionamos, a invenção da imprensa exerceu uma influência revolucionária na construção dos tempos modernos. Embora o processo tenha sido marcado por uma lentidão compreensível, considerando as condições da época, não há dúvidas de que tamanha invenção tenha elevado o livro a um patamar de “instrumento para a vida” e a sua popularização, tanto mais se mencionarmos a Bíblia como o primeiro dos livros impressos pela técnica de Johann Gutenberg (século XV) em alemão.

Em 1500, com a descoberta do Brasil, o objetivo “catequizador” e a expansão da fé surgem num lento processo colonizador. A ameaça da Reforma Protestante fez com que houvesse uma reafirmação da fé católica propondo a catequização dos índios. Assim, foi possível visualizar algumas produções literárias embrionárias nesse período com o forte apelo doutrinário diante de uma crise religiosa.

Na França do século XVII, ainda se propagavam as narrativas fantásticas construídas a partir dos textos da Antiguidade Clássica e, inclusive, das narrativas orais populares. Lembra Coelho (2010, p. 6, grifo nosso) que:

Quando hoje falamos nos livros consagrados como clássicos infantis, os contos de fada ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou as Fábulas de La Fontaine, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes **não correspondem aos dos verdadeiros autores** de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram as histórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as registraram por escrito.

Cunha (1987, p. 20) lembra que Perrault e Grimm são “coleccionadores dessas histórias folclóricas, estão ligados à gênese da literatura infantil”, num momento em que se procurava uma literatura adequada para a infância e para a juventude, à época da guerra civil e do surgimento do Renascimento. Coube a La Fontaine, um fabulista francês do século XVII, a contribuição à literatura francesa. Com suas narrativas simples e curtas, acompanhadas de um fundo moral, as fábulas de La Fontaine têm alcançado gerações tanto de adultos, quanto de crianças, tendo sido traduzidas para diversas línguas.

Contemporâneo a La Fontaine, Charles Perrault que, segundo Arroyo (2011, p. 29)

[...] apanhou na tradição oral todos os temas de seus contos, intitulados *Contes de ma mère l'Oye*, [Os Contos da Mãe Gansa] narrativa de lendas célticas de raízes talvez no Oriente [...]. Os irmãos Grimm, igualmente, utilizaram-se da tradição oral, previamente aproveitada por romancistas da Renascença e constantes dos *fabliaux* da Idade Média.

Cabe lembrar que Perrault, devido à sua produção ser considerada popular e, por isso, “desvalorizada pela estética de seu tempo”, entrou para a história da literatura universal como um autor popular e não um poeta clássico, embora fosse um intelectual (COELHO, 2010, p.85). Os clássicos *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul* e outros textos em prosa agradavam crianças e adultos, mesmo com um fundo moralizante e uma inclinação às normas de comportamento.

### 1.2.2.1 A literatura religiosa

Os saberes transmitidos de uma geração para outra, sob forte influência cada vez maior do Cristianismo, também foi uma característica vista como um mecanismo doutrinário, especialmente a partir da Idade Média, quando se buscava entreter a partir das narrativas, mas sem se esquecer do ensino. Considerando a Bíblia como o livro mais traduzido, publicado e pesquisado do mundo, torna-se interessante saber quando os escritos bíblicos passaram também a fazer parte da literatura infantil. Sendo a Bíblia uma coletânea de gêneros variados, escrita por diversos autores, traduzida para mais de 2.935 idiomas (SBB, 2016) e um marco na cultura literária ocidental, como um livro orientador e doutrinário, entendendo aqui “doutrinário” como um conjunto de ideias e saberes a serem transmitidos por meio do ensino, consideramos de grande importância saber suas implicações para o universo da literatura infantil.

Coelho (2010) lembra que Hans Christian Andersen (1805-1875), um dos escritores mais famosos e um importante ícone da representação da temática cristã na literatura infantil, trazia em seus contos a revelação da voz dos excluídos, como se vê em *O Patinho Feio*, *A Pastora e o Limpador de Chaminés* e *Os Cisnes Selvagens*, como se vê:

Embora entre suas histórias haja muitas que se desenrolam no mundo fantástico da imaginação, a maioria está presa ao cotidiano. Vivendo em uma época em que a ascensão econômica se fazia através da expansão industrial e da nova classe, a dos operários, que estão se formando, Andersen teve uma boa oportunidade de conhecer contrastes da abundância organizada ao lado da miséria sem horizontes. (COELHO, 2010, p. 159).

As narrativas de Andersen, marcadas pelo realismo, também demonstram uma ótica voltada para a religiosidade, a paciência, a submissão e a fé como refúgio e como uma resposta (embora resignada), diante da exploração dos mais desfavorecidos. Andersen representou as ideias do movimento romântico-cristão, dando início a sua carreira, a partir da adaptação de contos populares e de registros do que a vida cotidiana lhe oferecia, aliando valores cristãos, que deveriam “nortear o pensamento e as ações da humanidade”, (COELHO, 2010, p.161) à sua narrativa. No entanto, Coelho lembra que os contos de Andersen foram escritos em dinamarquês e alemão, tendo sido adaptados para diversas línguas, ou seja, existe a possibilidade de muitas modificações terem sido feitas: “De qualquer forma, [...]

parece que o espírito e a linguagem originais puderam se conservar” (COELHO, 2010, p.161).

### **1.2.3 As Adaptações estrangeiras num encontro com a Literatura Infantil no Brasil**

Após 1500, a sociedade colonial brasileira, que até então buscava uma estabilização econômica e política, não demonstrava ainda interesse pelas artes ou alguma preocupação educativa e cultural. Não havia ainda um sistema literário definido. O cenário era caracterizado pela contrarreforma e os objetivos primeiros, após a chegada dos Jesuítas, foram francamente doutrinadores. Ao olharmos para nossa literatura primitiva, devemos ter em mente que ela dialogava com a Literatura Europeia, tendo sido pensada nos moldes europeus. A esse respeito, Coelho (2010, p. 65) afirma:

Foi dentro do clima da contrarreforma e com os objetivos catequizadores e de expansão da fé que a caracterizaram que teve início, em nossas terras, o lento processo colonizador, a partir de 1549, com a chegada dos jesuítas que vieram com Tomé de Sousa, o Primeiro Governador.

[...]  
Manoel da Nóbrega e José de Anchieta são os dois primeiros nomes, no Brasil, que se ligariam às atividades embrionárias de educação, cultura e literatura que o século XVI conheceu.

[...]  
O caráter popular, com que surgiram essas primeiras manifestações literárias, deve-se, evidentemente, ao pragmatismo que as orientava: promover a catequização dos índios e a reafirmação da fé católica, ameaçada pela Reforma Protestante.

Num Brasil, que agora se tornava independente e que caminhava para um progresso econômico, político e cultural, tudo ainda estava por fazer, como ainda lembra Coelho (2010, p.220), “estudo e cultura são aquisições que demandam tempo”. O desenvolvimento que colocaria o país entre as nações do Ocidente pretendia, no cenário educacional, uma estruturação do sistema em âmbito nacional. O Estado, a quem cabia a instrução iniciante dos cidadãos, instituiu leis e pareceres, bem como promoveu grandes mudanças, como a criação de escolas, Universidades e um ministério voltado para a instrução. Os debates em torno das reformas

educacionais eram cada vez maiores. Exigia-se uma reformulação para o processo didático-pedagógico, dando novos rumos à Educação e à literatura infantil.

Como primeiro repertório de publicações voltadas para o público infantil brasileiro, citamos as obras surgidas aproximadamente no final do século XIX e início do século XX. Começa a se firmar no Brasil uma compilação de traduções e adaptações para o público infanto-juvenil. Lajolo e Zilberman (2007) marcam algumas obras que aqui chegaram:

Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente em 1808, a atividade editorial do Brasil, começam a publicar-se livros para crianças; a tradução de ***As Venturas pasmosas do Barão de Munhausen*** e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, ***Leitura para Meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia cronologia, história de Portugal e história natural***. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 21, grifo nosso).

As autoras lembram que eram edições pontuais e minguadas, algo que não poderia ser caracterizado como uma “produção literária infanto-juvenil” propriamente dita, o que viria a acontecer por volta da proclamação da República. Com a escassez de gráficas e o difícil acesso aos livros impressos, os exemplares eram enviados à Europa para retornarem tempos depois. Havia, de certa forma, um entrave para o processo de alfabetização das crianças, realizado, até então, por meio de manuscritos.

O escritor Leonardo Arroyo certifica que a educação das crianças neste período também foi marcada por influências estrangeiras, consequência do progresso do país:

Nova orientação partida do surto de urbanização, principalmente da modificação da paisagem econômica, a que se aliava a participação de professores estrangeiros.

[...]

Por ação destas professoras – principalmente professoras – quase sempre estrangeiras, anglo-americanas, francesas e alemãs no século XIX, difundia-se a experiência pedagógica europeia e norte-americana, tendo muitas delas deixado nomes ligados a estabelecimentos de ensino dos dias atuais. (ARROYO, 2011, p. 163).

O panorama de grandes obras estrangeiras traduzidas e adaptadas no Brasil ficava a cargo das traduções e adaptações de Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, como exemplo:

[...] *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusóe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de la Mancha* (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel [...]. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 27).

Percorria a literatura um longo caminho para que fossem estabelecidas em solo brasileiro as tendências no Brasil-Colônia até a década de 1920, que ainda sofriam forte influência europeia e apresentavam orientações humanistas, utilizadas com forte cunho pedagógico. As fábulas, os contos maravilhosos, as novelas de aventura e de cavalaria também exerceram grande influência, assim como os escritos religiosos e moralizantes, vistos no início da história da literatura.

O sistema escolar necessitava passar por reformas de longo alcance, integrando também a produção literária para crianças e jovens, que, por um grande período, foi influenciada por obras estrangeiras traduzidas.

Nessa sociedade em formação, ainda havia o eco da espantosa ideia de que a criança era “um adulto em miniatura”, a infância ainda era mal compreendida pelo adulto. Os professores, ao perceberem que a leitura e memorização dos Clássicos Portugueses eram um fardo pesado submetido aos pequenos, substituíam os livros estrangeiros, que não se familiarizavam com o atual cenário nacional, por livros de leitura. Os debates em torno das reformas educacionais eram cada vez maiores. Exigia-se uma reformulação para o processo didático-pedagógico, dando novos rumos à Educação e à Literatura Infantil, fato que também modificou o repertório lido pelas crianças nas escolas. A preocupação com a formação do cidadão, que deveria ser uma figura letrada, agigantava-se cada vez mais, o que fez da alfabetização, uma condição *sine qua non* para este processo. Os primeiros projetos de educação ganham proeminência e a formação de uma nação moderna se encaminha para o hábito da leitura, seu interesse e o gosto por ela, trazendo em seu rastro outros projetos educacionais com amplas discussões em torno da educação das crianças.

O grande volume de traduções vindas de Portugal, lido no Brasil durante o século XIX, “criou condições, sem dúvida, para o próprio aparecimento da literatura infantil brasileira em suas mais fortes e definidas características” (ARROYO, 2011, p.135). Esse fato nos leva a crer que tanto as traduções como as adaptações de grandes clássicos estrangeiros contribuíram para a criação de uma “futura” literatura

infantil, genuína, nacional e familiarizada com os aspectos culturais brasileiros, promovendo também seu enriquecimento e tornando-se um veículo de manifestações de cultura e ideologias. Os clássicos de La Fontaine, de Fénelon e os livros de Júlio Verne também chegavam ao Brasil, assim como a tradução de João Ribeiro do livro italiano *Cuore* (1886), de autoria do italiano De Amicis, voltado para meninos e ao ensino do patriotismo, do civismo e do respeito à família, aos mais velhos, aos professores e a outros indivíduos.

Os contos de Andersen, obra traduzida por Gabriel Pereira (ARROYO, 2011, p.136), tornou-se um dos primeiros clássicos de leitura nas escolas por volta de 1869, sob o título *Contos de Andersen*. Em 1915, *O Patinho Feio*, de Andersen, adaptado por Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925), foi parte de um dos primeiros livros adquiridos pelas secretarias de educação estaduais, diferindo um pouco da literatura normativa, cívica e patriótica. Outra referência é o escritor Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), cujo

[...] primeiro envolvimento de Lourenço Filho com a literatura infantil foi a organização da coleção Biblioteca Infantil, que, conforme já dito, foi a primeira coleção de literatura infantil do Brasil. Organizada, a partir de 1915, por Arnaldo Lourenço de Oliveira Barreto (1869-1925) e assumida, após sua morte, por Lourenço Filho, essa coleção constava de consagradas histórias tradicionais, orientadas e revisadas. (BERTOLETTI, 2012, p. 35).

Bertoletti (2012) ainda lembra que muitas obras de Lourenço filho traziam em si uma marca do escritor, fruto de sua bagagem e pesquisas literárias. Chamamos a atenção aqui para o comentário de Arroyo (2011), o qual se harmoniza com a continuidade dada no processo de adaptações de obras nacionais e traduzidas, em que Lourenço Filho via a possibilidade de publicação. O objetivo era, segundo Bertolleti, a revisão ortográfica de “fundo” e “forma”.

A partir de 1926 os volumes já publicados na histórica série, e mais intensamente a partir de 1937, passaram pela revisão completa de texto feita pelo prof. Lourenço Filho. Esta revisão objetivou a **simplificação** do vocabulário, de modo a atingir maior público infantil em função da idade, e a **expungir** as estórias de certas passagens menos satisfatórias, por inspirarem sentimentos de medo ou terror. (ARROYO, 2011, p. 71, grifo nosso).

Percebemos, na observação de Arroyo, que os processos de adaptações de obras estrangeiras e nacionais eram constantes, algo vital para uma literatura embrionária que se formava a partir da recriação de textos, buscando produzir uma forma de arte para a formação da criança e seu ensino. Esse ponto se confirma no

fato de que “Lourenço Filho desejava que a leitura pudesse se tornar uma ponte entre o mundo da criança e o do adulto e não uma pinguela para derrubá-la no abismo” (MARINS, 1997 *apud* BERTOLETTI, 2012, p. 37). As reflexões críticas de Lourenço deram origem a obras voltadas para o público adulto e, posteriormente, para o público infantil, como *Conto de Serão* (1915), *Impressionismo nas Letras* (1915), *A Padaria Espiritual* (1923), *O Que a Criança Lê* (1920), *O cinema e a literatura na educação da criança* (1939), *Upa, cavalinho!* (1957), a série Pedrinho (a partir de 1953), entre outras.

Os livros de leitura traziam em seu bojo o objetivo do momento, ou seja, cativar o leitor e despertar nele o gosto pela leitura. Esse despertar também diminuiria o grande índice de analfabetismo da época e, com o objetivo de auxiliar as escolas em sua missão, surgem também as bibliotecas e, pouco tempo depois, as editoras. Nessa sequência, utilizava-se um “silabário português”, seguido da “Cartilha da Doutrina Cristã”. O uso de cartilhas cristãs não é uma novidade, pois, desde os tempos mais antigos, os saberes religiosos dialogam com a literatura, estabelecendo uma conexão onde não se pode determinar seu início, inclusive com a literatura infantil. Os textos bíblicos, assim como os ensinamentos sagrados, sempre estiveram presentes na literatura primitiva, oral ou escrita. Conforme Scholz (2006), o termo “Bíblia” é uma palavra grega plural, que significa “livros”, o grande problema de muitos, segundo o teólogo, é que:

[...] no momento em que começam a ler a Bíblia, não mais se aplicam as regras que valem para a leitura de outros textos. O simples fato de citar versículos já dá a impressão de que o texto bíblico é diferente. Na verdade, porém, a gente começa a ler a Bíblia como se lê a carta de um amigo. É importante saber que se trata de uma carta. É preciso lidar com a língua e a história. (SCHOLZ, 2006, p. 7).

Como a literatura infantil reflete a sociedade na qual ela existe, a relação entre ambas está obviamente sujeita a mudanças e conectividades com o outro, sejam povos, civilizações ou culturas. Este processo se amplia de diversas maneiras, pois é necessário refletir constantemente sobre determinadas posições acerca de algumas literaturas, principalmente aquelas que envolvam uma orientação religiosa, como, por exemplo, “este livro não serve para...”. Nesse sentido, faz-se imperativo repensarmos a ideia de ver a Bíblia ou algum texto bíblico apenas como um instrumento de doutrinação, entendendo-se “doutrinação” como um instrumento falso e utópico (sentido pejorativo), que retira a leveza da literatura e cria uma

posição extrema que nem sempre é leal, subestimando as potencialidades de determinadas literaturas, consideradas à margem por alguns críticos e escritores. Uma das maiores constatações desse fato dá-se pela leitura de manuais de literatura infantil, nos quais percebemos que quase não se mencionam obras literárias de cunho evangelístico.

Um achado dos escritores Francisca Júlia e Júlio César da Silva, na obra *Alma Infantil* (1912)<sup>6</sup>, mostra-nos alguns trechos poéticos, para uso escolar, voltados para a inserção da criança nesta atmosfera de cunho religioso:

### **Crueldade de Joãosinho**

Para que a turma dos demais o aplauda,  
Logo ao sahir da escola o máo Joãosinho  
Prende uma pedra a cauda  
De um pobre cachorrinho.

(...)

E de dor a gritar, corre e dispara;  
Mas um homem que passa, a muito custo  
Cerca o animal, que pára,  
Todo a tremer de susto.

Tira-lhe a pedra, e, enquanto o pequenino  
Cão allí fica a olhar, calmo e feliz,  
Ao perverso menino  
Estas palavras diz :

(...)

Só maltrata animaes essa má gente  
Que é perversa e feroz;  
O animal, como nós, as dores sente,  
Ou mais talvez do que as sentimos nós.

Ouve: disse uma vez santo Agostinho,  
Que á terra veiu a consolar as dores,  
Que os animaes, filhinho,  
São os nossos irmãos inferiores.

Porisso não devemos maltratal-os  
Por dever de christãos,  
Ames, porém, dar-lhes carinho e amai-os  
Como a nossos irmãos.

### **Ociosidade**

O vadio que, sem o pão buscar,  
Fica á espera que o pão ás mãos lhe venha,  
Por mais fé que em Deus tenha  
Deus não o ha de ajudar.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4556>> Acesso em 31 de maio de 2017.

Luta, trabalha pois; preciso ó  
Entrar nas lutas do trabalho rude:  
Para que Deus te ajude  
Não te basta ter fé.

(JULIA; SILVA, 1992, n/p).

Acreditamos que os livros religiosos também contribuam para a formação das crianças, satisfazendo uma necessidade real e promovendo, conforme vimos na temática dos poemas, sua socialização por meio de atitudes fundamentais como respeito, atenção e senso de responsabilidade. Para entender esse raciocínio, Machado (2002, p. 37) afirma que

Um leitor mais maduro pode se interessar por partes mais poéticas, como os Salmos, o Cântico dos Cânticos ou o Apocalipse. Ou por passagens mais filosóficas, ou por profecias. Tem tanta coisa boa de se ler na Bíblia... Mas as crianças vão gostar mesmo é das histórias. E nisso a Bíblia é imbatível, afinal foi com esse livro que se iniciou a grande tradição narrativa que permitiu construir toda uma civilização em cima de histórias.

Pioneiros idealistas se esforçam para a publicação de um material nacional, compondo, assim, as primeiras manifestações específicas para crianças que traziam uma preocupação com a língua falada no Brasil, com a idealização da vida no campo, a indicação da importância do intelectualismo (que viria por meio da leitura), a valorização da cultura, do moralismo e da religiosidade dentro de conceitos cristãos. São precursores desse momento, segundo Coelho (2010), Antônio Marques Rodrigues, com a obra *O Livro do Povo* (1861); *O Método Abílio* (1868), de Abílio César Borges; *O Amiguinho Nhonhô* (1882), de Meneses Vieira; *Os Contos Infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida (adotado a partir de 1891 em todas as escolas primárias brasileiras durante mais de vinte anos); *O Livro da Infância* (1897), de Francisca Júlia; a revista *O Tico-Tico* (1905), uma coletânea de histórias em quadrinhos que despertava para a questão da imagem no desenvolvimento da leitura e no processo de ensino; entre outras obras.

Outro importante precursor da literatura infanto-juvenil brasileira foi Monteiro Lobato. Em 1882, nascia em Taubaté/SP aquele que transformaria o cenário brasileiro no âmbito das literaturas. José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), filho de uma família de plantadores de café, deu continuidade às transformações ocorridas até aqui, resultado de um longo processo em que se criou um importante espaço para a literatura brasileira, em especial, a infantil.

Edgar Cavalheiro lembra que Lobato pouco se interessava pela área do direito, mas a literatura “acaba por dominá-lo inteiramente” (CAVALHEIRO, 1955, n/p). Lobato funda, juntamente com amigos, um grupo denominado *Cenáculo*, no qual os amigos avançavam nas primeiras discussões que envolviam política, ideias socialistas e sonhos de glórias literárias.

Ao escrever algumas cartas denunciando a queima das matas nos arredores das fazendas do Vale do Paraíba/SP, Lobato, admirado pelos jornais diante de seu estilo, teve, aos poucos, suas cartas transformadas em artigos de destaque. Seu primeiro personagem foi baseado nas observações que ele mesmo fazia acerca da vida do homem do campo. As literaturas, até então, adotavam uma visão romantizada e irreal, a qual Lobato transformou totalmente ao publicar *Jeca Tatu* (1914), uma proposta transformadora que denunciava o caipira doente e miserável, abandonado pelo governo. Com essa obra, Lobato envolveu toda a sociedade numa campanha de saneamento, mudando leis e códigos vigentes na época. Uma literatura de denúncia se formava aos poucos, mas foi em 1920, com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que, como afirma Coelho (2010, p.247) “Lobato encontrou o caminho criador de que a literatura infantil estava necessitando”.

Um escritor anticonvencional por natureza, Lobato rompeu com o tradicional para que pudesse dar espaço às novas ideias e às novas criações. Embora tenha sido um processo longo para tantas transformações, a renovação da literatura brasileira pelo escritor Lobato foi algo sem antecedentes. Embora tenha escrito aos adultos, fato sobre o qual o próprio Lobato demonstra certa lamentação ao afirmar que havia perdido tempo às pessoas grandes, sua grande estreia girava em torno da imaginação, direcionada para o público infantil. A obra *A Menina do Narizinho Arrebitado* fez um grande sucesso, o que motivou o autor a prolongar as aventuras de seus personagens, criando a partir daí a obra *Sítio do Pica Pau Amarelo* (1920-1947), uma série de livros que, segundo Cademartori (1986, p.49), “romperam com os padrões prefixados do gênero”. Para Lobato, o livro era um instrumento no processo social, o que levou o escritor a ter um apreço maior quanto à figura do leitor, que, na opinião de Lobato, era um agente de mudanças que, uma vez instigado, refletiria sobre o pensamento encarcerado e os padrões impostos à sociedade da época.

Conforme Arroyo (2011), as traduções se faziam contínuas no Brasil, caracterizadas por Lobato como “gregas”, por serem de difícil entendimento, visto a má impressão e as ilustrações inferiores, o que levou o escritor a dizer que “detestava tais livros miríficos”. O motivo que levou Lobato a essas duras críticas era a questão de a literatura infantil vir, praticamente toda de Portugal, o que dificultava a leitura feita pela criança, considerando as diferenças já existentes entre o português de Portugal e o do Brasil.

Lobato também foi tradutor e, em 1934, traduziu os clássicos de Andersen, Grimm e Perrault. Sua diversificada produção na área infanto-juvenil engloba obras originais como, além das citadas, *Viagem ao Céu* (1932), *Emília no País da Gramática* (1933), *O Pica-pau Amarelo* (1939), entre outras. Como adaptações, podemos citar algumas, a saber: *O Gato Félix* (1927), *D. Quixote para Crianças* (1936), *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944). Suas traduções incluem grandes obras, como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll; *Caninos Brancos*, de Jack London; *Novos Contos*, de Andersen; *Pinóquio*, de Collodi; entre outras.

A atuação de Lobato, como tradutor, foi

[...] extremamente fecunda através dele inúmeras obras importantes tornaram-se acessíveis aos leitores brasileiros [...]. Traduzir, para Lobato, era uma atividade fascinante. Como disse em certa carta: “[...] É uma viagem por estilo. [...] Que delícia remodelar uma obra de arte em outra língua.” (COELHO, 2010, p. 253-254).

Lobato desejava enaltecer a importância da cultura brasileira e se posicionava contra as modas parisienses e a cultura francófila. A seu gosto, o Brasil deveria dialogar também com as culturas alemãs, russas, escandinavas, entre outras. Refletindo sobre essa abertura, ele traduziu Mark Twain, Daniel Defoe, Jonathan Swift e outros mais.

As declarações de Lobato, quanto ao processo de adaptação de obras estrangeiras, nos levam a crer, conforme o artigo de John Milton, *The Political Adaptations of Monteiro Lobato* (2003), que o escritor recomendava uma revisão das traduções no sentido de abasileirá-las:

[...] Lobato ficou intrigado com o idioma usado nas traduções brasileiras, publicado pela casa francesa, Garnier, e comentou: “Temos que refazer tudo isso - abasileirar a linguagem”] (Koshiyama 1982:88), e recomendou

que o tradutor Godofredo Rangel tomasse a liberdade de melhorar o original quando necessário.<sup>7</sup> (KOSHIYAMA, 1982 *apud* MILTON, 2003, p. 215).

Assim, Milton (2003) acredita que a técnica de tradução utilizada por Lobato, visando o entendimento da criança, seu público alvo, seria a adaptação, trazendo em seu texto a linguagem cotidiana e descomplicada. O trecho de *D. Quixote das Crianças* (1936)<sup>8</sup>, obra de Lobato, traz em si uma curiosa passagem que expressa a opinião da boneca Emília, quanto ao texto lusitano, algo extremamente erudito para uma criança:

[...] E Dona Benta começou a ler:  
– Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga e galgo corredor”.  
– Ché! – Exclamou Emília. – Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! [...]. Não entendo essas viscondadas, não.... (LOBATO, 1936, p. 12).

O trecho demonstra claramente a dificuldade da boneca Emília em entender a leitura proposta por Dona Benta, a partir de um vocabulário tão distante de sua língua e cultura. O linguista Eugene Nida (1914-2011), que desenvolveu o conceito de Equivalência-Dinâmica e um dos fundadores da disciplina Estudos da Tradução, declara que:

A mensagem deve ser adaptada às necessidades linguísticas e expectativas culturais do **receptor** e ‘visa a completa **naturalidade** de expressão’. O ‘**naturalismo**’ é um requisito fundamental para Nida. De fato, ele define o objetivo da equivalência dinâmica como buscando o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua-fonte<sup>9</sup>. (MUNDAY, 2008, p. 42, grifos nossos).

Ou seja, a boneca Emília como receptor do texto não foi alcançada por essa “naturalidade” a que se refere Nida.

Fatos marcantes nas décadas de 30 e 40, como a queda da Bolsa de Nova Iorque, a Segunda Guerra Mundial, o golpe de Getúlio Vargas, entre outros, causaram também grandes impactos na sociedade, no cenário político-econômico,

---

<sup>7</sup> “Lobato was puzzled by the language used in the Brazilian translations published by the French-owned house, Garnier, and remarked “Temos que refazer tudo isso - abasileirar a linguagem” [“We must redo all of this –Brazilianize the language”] (Koshiyama 1982:88), and he recommended that the translator Godofredo Rangel took the liberty of improving the original where necessary.” (KOSHIYAMA, 1982 *apud* MILTON, 2003, p. 215).

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/225352-LOBATO-Monteiro-Dom-Quixote-das-Crianças/>> Acesso em 01 de junho de 2017.

<sup>9</sup> “[...] The message has to be tailored to the receptor’s linguistic needs and cultural expectation and ‘aims at complete naturalness of expression’. ‘Naturalness’ is a key requirement for Nida. Indeed, he defines the goal of dynamic equivalence as seeking ‘the closest natural equivalent to the source-language message’ [...]”. (MUNDAY, 2008, p. 42, grifos nossos).

assim como na questão educacional. Criou-se o Ministério da Educação e da Saúde, o que promoveu algumas medidas importantes, impondo às autoridades a promoção de novas redes escolares e novas políticas educativas.

Consolida-se, no Brasil da década de 80,

[...] o *boom* da literatura infantil, manifestado através de uma venda sem precedentes de livros para crianças, na proliferação de associações voltadas ao incentivo da leitura infantil, no surto de encontros, seminários e congresso a respeito do assunto e na inclusão de cursos de literatura infantil na programação das universidades. (CADEMARTORI, 1986, p. 11).

Projetos como o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado no governo de Costa e Silva em 1967, davam continuidade às propostas de tentativa de erradicação do analfabetismo. A esse respeito, Cademartori (1986, p. 13) precisa que

Pretendia-se erradicar (também) a situação de subdesenvolvimento educacional através da quantidade e não da qualidade. [...] E a ação pedagógica, junto às crianças, voltou a privilegiar o livro como elemento imprescindível ao crescimento intelectual e à afirmação cultural [...].

O livro infantil, num formato inovado pelos quadrinhos, passa a ser o grande veio da literatura infantil, um novo visual gráfico, trazendo em si o conceito de signo, privilegiava os estudos semiológicos, embora ainda não tenha sido reconhecido de fato, como uma obra de arte.

### **1.3 O TEXTO E O LEITOR INFANTIL**

Quando se pensa acerca de um texto, é mais que provável também uma consideração acerca de seu possível leitor, pois não há como dissociar um do outro. Se a literatura infantil, “vista” finalmente como uma literatura real, consiste em textos que envolvem, transformam, modificam e produzem respostas intensas por parte de seus leitores, é merecida uma reflexão que aponte para o texto e, conseqüentemente, para o seu leitor.

Naspolini (1996, p.25) diz que “[...] ler é um processo de construir um significado a partir do texto”, ou seja, a junção entre texto e leitor é de fundamental importância, pois, a partir dessa interação, estabelecem-se inúmeros significados, inúmeras possibilidades, propiciando a compreensão textual. Freire (1989, p.9) diz

que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

O intelectual francês Paulo Hazard (1878-1944) foi um dos primeiros estudiosos a escrever sobre literatura infantil numa perspectiva internacional e considerava a literatura infantil como um agente de comunicação entre a criança e o mundo. Foi inspirado pelas narrativas de Andersen e declarou serem os livros infantis uma espécie de mantenedor do sentimento de nacionalidade:

Os livros infantis mantêm vivo o sentimento de nacionalidade; Mas também mantêm vivo um senso de humanidade. Eles descrevem sua terra natal com amor, mas também descrevem terras distantes onde vivem irmãos desconhecidos. Compreendem a qualidade essencial de sua própria raça; Mas cada um deles é um mensageiro que vai além de montanhas e rios, além dos mares, até os confins do mundo em busca de novas amizades. Cada país dá e cada país recebe - inúmeros são os intercâmbios - e assim acontece que, em nossos primeiros impressionáveis anos, nasce a república universal da infância.<sup>10</sup> (HAZARD, 1944 apud O’SULLIVAN, 2004, p. 13).

Hunt (2010), de igual modo, convida-nos a refletirmos acerca do texto literário que, de alguma forma, também se “conecta” ao leitor (criança), e nos lembra que o sentido se produz a partir da relação que há entre a obra e o leitor, uma vez que, como a fala de Naspolini (1996) esclarece, é a partir da interação entre ambos que se dá a compreensão textual.

Quando se fala em texto infantil, talvez a grande maioria das pessoas suponha que sua leitura seja algo “fácil” e “simples”. Porém, após um estudo que visualize a diversidade das temáticas de um livro infantil, de seu estilo, da aplicação de um vocabulário e de sua estrutura, percebe-se que não se trata de algo tão simplório. Como geralmente a atenção é voltada para o tema (por ser atrativo ou não para o público infantil), há que se atentar também para o destinatário do livro, no caso, o leitor-criança, daí a necessidade de se compreender como este específico leitor compreenderá o texto e qual será a sua capacidade de decodificação. Assim, é preciso atentar para uma noção clara de que a criança é diferente do adulto, adulto

---

<sup>10</sup> “*Children’s books keep alive a sense of nationality; but they also keep alive a sense of humanity. They describe their native land lovingly, but they also describe faraway lands where unknown brothers live. They understand the essential quality of their own race; but each of them is a messenger that goes beyond mountains and rivers, beyond the seas, to the very ends of the world in search of new friendships. Every country gives and every country receives – innumerable are the exchanges – and so it comes about that in our first impressionable years the universal republic of childhood is born.*” (HAZARD, 1944 apud O’SULLIVAN, 2004, p. 13).

aqui na figura do adulto-escritor (que escreve para a criança) ou na figura do adulto-professor ou um familiar (aquele que lê para a criança).

Hunt (2010) questiona a produção de sentido por uma criança para que ela consiga entender o significado do texto. Mas como uma criança poderia produzir sentido? Como ela dá significado ao livro? Como podemos ter certeza de que a criança “entendeu” a história? É possível descobrir? São questionamentos feitos pelo crítico e, embora Hunt nos os responda, suas considerações são valiosas, pois nos leva a refletir se é possível teorizar a respeito da literatura infantil como se teoriza a respeito da literatura adulta, ignorando o fato daquela ser um tanto específica, ou seja, é necessário perpassar além dos padrões já convencionados:

As crianças são leitoras em desenvolvimento; sua abordagem da vida e do texto brota de um conjunto de padrões culturais diferentes dos padrões dos leitores adultos, um conjunto que pode estar em oposição à oralidade, ou talvez baseado nela. Então, as crianças realmente “possuem” os textos no sentido de que os significados que produzem são seus e privados, talvez até mais do que os adultos. (HUNT, 2010, p. 135).

Quando se trata de um livro infantil, é possível ir além de tais perguntas, dada a complexidade do tema. A interação que há entre a criança e o texto não é um campo ainda de conhecimento real do adulto, talvez seja nesse sentido que muitos críticos, infelizmente, ainda considerem a literatura infantil como “menor”. Mas a experiência literária da criança mostra, conforme a visão de Barthes, que o texto necessita ser mais “escrevível” do que “legível”, entendendo “escrevível” como aquele texto “aberto”, que fornece um espaço ao leitor no sentido de contribuir com o texto lido, “deslindando-o”:

Assim se revela o ser total da escrita: um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu **destino**, [...]. (BARTHES, 2004, p. 64, grifo nosso).

Kleiman (2013, p.38) nos adverte que “o texto não é um produto acabado, que traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo”, sugerindo que cabe ao leitor realizar inferências e hipóteses que serão essenciais à compreensão do texto.

Tanto Kleiman como Barthes veem o leitor como aquele que dá novos rumos à percepção do texto lido, o que nos oportuniza, nesta pesquisa focalizar

determinados aspectos relacionados ao leitor-criança e às adaptações realizadas nas Bíblias infantis, sob o olhar de alguns teóricos dos Estudos da Tradução.

Esse intrincado universo infantil leva Hunt (2010) a declarar que as crianças não produzem os mesmos significados que os adultos, pois elas desestruturam os textos e são livres por natureza de qualquer instrumento de análise do texto. Hunt (2010) ainda sugere que desconhecemos como uma criança lê, se ela o faz como uma experiência literária ou funcional, mas que isso não é motivo para que se dê maior atenção à determinada obra, por exemplo, à de *Shakespeare*, e menor atenção a um livro infantil. As crianças possuem um olhar diferente, que foge da norma adulta e que propicia a fantasia, pois elas ainda não dispõem de um instrumento analítico da linguagem dos livros. Não possuindo os códigos equivalentes aos do adulto-escritor, faz-se necessário que a crítica esquadrinhe como funcionam os textos infantis, sem subestimá-los. Embora as crianças sejam leitores em desenvolvimento, são capazes de decodificar elementos do texto de maneira diferenciada da dos adultos.

Todo ato de ler estabelece algo. Num país onde ainda há muitas dificuldades a serem superadas e inúmeros desafios no campo da alfabetização, a leitura de literatura amplia nossas capacidades cognitivas, socioafetivas, nossas percepções e nos convida a novos pontos de vista. Aprender a ler é uma atividade vitalícia e definidora da vida. Inúmeras são as transformações que a literatura pode causar na vida de uma criança, que enxerga o livro como um mundo de ingredientes fantásticos que darão liberdade à sua imaginação. A inserção da criança na literatura possibilita seu desenvolvimento, sua criatividade, sua imaginação e influencia na formação do pensamento. Parte do desafio para o crítico de literatura infantil é encarar, com normalidade, que os textos são mutáveis, os significados variam e diferentes grupos de leitores em desenvolvimento, neste caso as crianças, não são meros receptores, e, a elas dedicaremos o capítulo seguinte onde trataremos sobre o surgimento das Bíblias infantis.

## CAPÍTULO 2

### O SURGIMENTO DAS BÍBLIAS INFANTIS E SUAS TRADUÇÕES

Muitas nações apresentam hoje sua própria tradução das Escrituras Sagradas, no entanto, essa “liberdade” em possuir o texto bíblico traduzido é algo relativamente recente, pois é sabido que a simples leitura da Bíblia na história da Igreja Antiga foi privilégio de um grupo seletivo que proibia a sua tradução. Apenas em 1526 foi possível traduzir o texto bíblico para a língua inglesa, um ato considerado ilegal pelas autoridades da época. Acreditava-se que, se pessoas ditas “comuns” tivessem acesso ao texto bíblico, refutariam a autoridade clerical. No entanto, determinadas mudanças ocorreram em meados do século XIV na tentativa de desmistificar tal autoridade e tornar acessíveis a todos as informações que se referiam principalmente à Bíblia, até então, monopolizadas pelo clero. Para Luiz Antonio Giraldi (2013, p. 10):

No século XIV, John Wicliffe fez a primeira tradução da Bíblia para a língua inglesa e promoveu a sua distribuição na Inglaterra, dando o primeiro passo para preparar seu país para assumir, nos séculos posteriores, a liderança na difusão da Bíblia no mundo. [...]. Por declarar que a Bíblia era a única autoridade suprema em matéria religiosa, acima mesmo do Papa, ele foi condenado pelo Concílio eclesiástico de seu país.

Giraldi (2013) também nos informa acerca do inglês William Tyndale, que, em 1494, aos 30 anos, decidiu retraduzir os escritos bíblicos para o inglês, por julgar a tradução de Wicliffe desatualizada:

Seu sonho (Tyndale) era que todo povo inglês, desde os camponeses até os membros da Corte, pudesse ler e compreender a Bíblia. Nessa época, a Igreja Católica proibia severamente qualquer pessoa leiga de ler a Bíblia. Segundo o clero, o povo simples não podia compreender a Bíblia sem a ajuda do pároco. (GIRALDI, 2013, p. 27).

Tradutores como Wicliffe e Tyndale atacaram as autoridades da época ao manifestarem um possível equívoco no entendimento das Escrituras Sagradas, alegando que havia uma contradição entre seu conteúdo e as atitudes das autoridades da época. A tradução em inglês tornaria viável a edificação de homens e

mulheres, e um movimento revolucionário e reformador foi proposto por ambos, promovendo assim a propagação da Bíblia.

Percebe-se que os tradutores da Bíblia fomentaram uma reflexão de encorajamento às pessoas letradas, o que acarretaria no povo uma postura diferenciada, pois as traduções, consideradas ilegais, despertaram com singularidade a atenção popular, tornando-se exemplares que circularam secretamente durante os cem anos seguintes.

Os ideais dos tradutores permaneceram e, com o despertar do velho mundo para as Artes e para a Literatura, o conhecimento bíblico também alcançava novos patamares. O surgimento da imprensa e de outros livros, e o estudo de línguas antigas, como o hebraico e o grego, culminaram em outras obras traduzidas. Tais transformações, ao longo dos tempos, impactou a história das Escrituras, conforme Lawson (2015, p. 20):

William Tyndale, por traduzir a Bíblia do grego e do hebraico, se tornou o pai da Bíblia em inglês e desencadeou uma influência global pela propagação da Palavra de Deus, que se estende até aos dias atuais. Ele também se tornou o pai da Reforma Inglesa, bem como o pai da língua inglesa moderna [...] por dar ao povo da Inglaterra uma tradução pura da Escritura em sua língua nativa.

Em 1524, na Alemanha, o monge Martinho Lutero prossegue com a tão sonhada Reforma no meio eclesiástico e, ao estudar os Evangelhos, detecta exatamente a mesma visão tida há séculos antes por Wicliffe, o engano dos fiéis e a exploração da igreja. Novos enfrentamentos com as autoridades clericais resultaram em inúmeras guerras religiosas que dividiram a Europa e no que conhecemos hoje por Reforma Protestante. O monge causou grande divisão na Inglaterra e, valendo-se da permissão de se traduzir a Bíblia na Alemanha, Lutero publicou sua própria tradução em alemão, tornando Wittenberg um refúgio da Reforma. Portanto, para os reformadores pioneiros, a Bíblia era censurada ao povo comum e se ocultava na língua do clero. Essa sucessão de obras traduzidas também mudou a visão unicamente religiosa que poderia se ter da Bíblia, conforme David Norton (2000)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> *"Making a fresh start, William Tyndale and Myles Coverdale translated the whole Bible into English from the original Hebrew and Greek. They, with other lesser-known figures, were the pioneers. A succession of translators developed their work into what became the King James Bible (KJB) of 1611. This Bible slowly became the Bible of the English-speaking world; more slowly, it became the Bible acclaimed as literature both for the great original literature which it represented and for the quality of its language. The translators would have been astonished to find their work acclaimed as literature, and many of them would have been horrified".* (NORTON, 2000, p. 1).

assim declara ao relatar que a Bíblia King James (1611)<sup>12</sup> se tornou uma obra que foi além do cunho religioso:

Começando um novo começo, William Tyndale e Myles Coverdale traduziram toda a Bíblia para o inglês das línguas originais hebraico e grego. Eles, juntamente com outras figuras menos conhecidas, foram os pioneiros. Uma sucessão de tradutores desenvolveu trabalho que se tornou a Bíblia King James (KJB) de 1611. Esta Bíblia tornou-se lentamente a Bíblia do mundo da língua inglesa; lentamente, tornou-se a Bíblia aclamada como literatura tanto pela grande literatura original que representava, quanto pela qualidade de sua linguagem. Os tradutores ficaram maravilhados ao achar seu trabalho aclamado como literatura e muitos deles teriam ficado horrorizados [...]. (NORTON, 2000, p. 1).

## 2.1 A BÍBLIA COMO LITERATURA

O crítico literário canadense, Herman Northrop Frye (1912-1991), sugere, em seu livro *O código dos códigos* (2004), que em muitos dos autores do século XIX se encontram “ecos da tradução da Bíblia publicada em 1611, o que provoca um efeito semelhante aos ecos de provérbios populares e outras culturas” (FRYE, 2004, p.10). Frye também recomenda que a Bíblia seja vista como uma coletânea das literaturas do Oriente Médio, uma vez que os românticos viam a Bíblia King James como um grande clássico literário.

De fato, a Bíblia vista como literatura é um conceito relativamente novo, do mundo moderno, mas basta um simples olhar sobre seu índice para se perceber que se trata de uma coleção de livros que discorrem sobre assuntos diversos. A causa desta “nova” visão pode estar no trabalho revolucionário dos primeiros tradutores para a língua inglesa, que de alguma forma, fomentaram uma renovação da percepção cristã, e mesmo que não se tenha lido a Bíblia, suas histórias são conhecidas pela grande maioria das pessoas. Em todo o mundo, ouve-se falar sobre a Arca de Noé, sobre os dez mandamentos, o primeiro assassinato da história envolvendo Caim e Abel, as guerras entre reinos, o nascimento de Jesus Cristo e tantas outras narrativas já incutidas na tradição popular de inúmeras nações. A Bíblia vista como um livro literário, escrito em linguagem humana e confessada pela

---

<sup>12</sup> A *Bíblia King James* (BKJ), também conhecida como Versão Autorizada do Rei Tiago, surgiu em 1611 em Londres e tornou-se um marco da literatura inglesa pelo seu estilo preciso e majestoso. Essa versão provocou um grande despertar literário na Inglaterra e tornou-se um símbolo de referência para o desenvolvimento da cultura.

comunidade cristã como única norma de fé e de vida, nos apresenta também uma coletânea de histórias que envolvem e exploram a existência humana e seu relacionamento com Deus. A Bíblia é realmente, conforme Machado (2002, p.37), “um livro imbatível” e, em seu sentido histórico, pode-se reconhecer que a História da Humanidade possui um vínculo multifacetado com as narrativas bíblicas.

Nessa mesma concepção, Gabel e Wheeler (2003, p. 17), afirmam que:

[...] a Bíblia é um conjunto de escritos produzidos por pessoas reais que viveram em épocas históricas concretas. Como todos os outros autores, essas pessoas usaram suas línguas nativas e as formas literárias então disponíveis para a auto-expressão, criando, no processo, um material que pode ser lido e apreciado nas mesmas condições que se aplicam à literatura em geral, onde quer que seja encontrada. Não há um conflito necessário entre essa concepção e a concepção religiosa tradicional, que afirma ter sido a Bíblia escrita por inspiração direta de Deus e dada aos seres humanos para servir-lhes de guia da fé e da conduta. Mas há uma clara diferença em termos de requisitos e objetivos.

O escritor e professor Antônio Carlos de Melo Magalhães aborda, em seu livro *Deus no espelho das palavras* (2009), a relação intrínseca que diz existir entre fé cristã e literatura. O autor assegura que “o Cristianismo é uma religião do livro” (Bíblia) e isto significa que

[...] boa parte de sua força e poder de sobrevivência a alguns impérios, bem como sua contribuição para a sustentação de outros e ainda seu alcance de mudar trajetórias de vida de muitas pessoas em diferentes culturas e períodos da história deveu-se ao fato de que os pilares de seu anúncio, os fundamentos de seu conteúdo, foram traduzidos rapidamente em forma de livros, cartas, contos, alegorias, poesias, etc. (MAGALHÃES, 2009, p. 9-10).

Para Magalhães (2009), isso também significa dizer que o Cristianismo, associado à literatura, guarda uma vasta possibilidade de interpretações e traduções, o que resultou na disseminação do texto bíblico, tornando-se um dos eixos teóricos da “construção da civilização ocidental” (MAGALHÃES, 2009, p.13). A Bíblia como literatura retrata a experiência humana: os romances, as biografias, os contos, as cartas e as poesias nos dão conta da força que as Escrituras imprimem na história da Humanidade, recomendando com grande importância que, uma abordagem literária é fundamental para sua compreensão, porque muito de seu conteúdo se destaca em formato literário.

Pretende-se, aqui, visualizar os diversos estilos literários presentes nos escritos bíblicos e, nesse sentido, diz o escritor, tradutor e crítico literário Marcelo Backes (IHU On-line, 2008, n/p), que “sua riqueza metafórica e imagística (Bíblia) e

sua capacidade narrativa foram alcançadas bem poucas vezes na tradição literária universal”. Relacionando a Bíblia e a literatura, Backes afirma que

A arte em geral – e não apenas a literatura – gosta de beber da fonte bíblica. A quantidade de quadros geniais pintados sobre motivos bíblicos não é pouca. Na literatura, são várias as obras que tem a Bíblia como pano de fundo, clássicas e contemporâneas [...] (caso do romance Esaú e Jacó, de Machado de Assis), [...]. A influência das relações entre Bíblia e literatura na sociedade contemporânea me parece escassa e absolutamente vaga. Prefiro pensar que, lendo a Bíblia, podemos nos dar conta, por exemplo, do caráter antigo – e arcaico – de vários conflitos importantes pelos quais o mundo está passando, coisa da qual a boa literatura por certo se dá conta. E é por isso, aliás, que ela continua se ocupando da Bíblia, que já é – por si só – boa literatura. (IHU On-line, 2008, n/p).

A versão TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia, 2015, n/p – <sup>13</sup> declara, em sua introdução, que “numerosos textos bíblicos exprimem a relação que unia Israel a seu Deus por um termo jurídico, Aliança. Israel estava então chamado a submeter toda a sua existência a essa Aliança e à Lei dela decorrente”. As narrativas heroicas, as leis, as epístolas, as orações, os decretos reais, as cartas, a poesia, os romances e outras tantas formas presentes nas Escrituras apresentam vários aspectos da literatura que demonstram experiências humanas notáveis, bem como uma perspectiva do que seria necessário ao leitor na leitura da Bíblia. Nesse sentido, Gabel e Wheller afirmam que

[...] a sua escritura parece fazer constantes e sérias reivindicações de verdade, que são entendidas literalmente por muitos leitores que consideram a Bíblia o registro verdadeiro das relações de Deus com a humanidade – ou seja, como um relato preciso e objetivo. (GABEL; WHELLER, 2003, p.18)

Ademais, os autores seguem admitindo que

[...] em alguns aspectos fundamentais, a Bíblia não é diferente das obras de, digamos, Shakespeare, Emily Dickinson, Henry Fielding ou Ernest Hemingway. Se estivéssemos estudando as obras desses autores, este capítulo não seria necessário – pois quem pode imaginar precisar ler algo chamado ‘Shakespeare como literatura’ ou ‘Emily Dickinson como literatura’? Supomos que a sua obra seja literatura, sem necessidade de demonstrá-lo. Mas, historicamente, muitas suposições diferentes têm sido aplicadas à Bíblia e ainda vigem em muitos círculos. [...]. Mesmo pessoas sem compromisso religioso, que de modo algum acreditam na Bíblia, tendem a supor que essa obra requer um tratamento especial, um tratamento que lhe é peculiar (GABEL; WHELLER, 2003, p. 17).

---

<sup>13</sup> TEB é uma versão ecumênica da Bíblia baseada nos textos originais, contendo os livros do AT, os deuterocanônicos ou apócrifos, e os livros do NT, traduzidos por uma ampla equipe de diversas confissões cristãs e do judaísmo.

Almeja-se, desse modo, nesta seção primária, traçar uma análise geral e sistemática da Bíblia como uma fonte literária, abordar os estilos literários empregados em determinadas partes das Escrituras Sagradas e, com isso, destacar alguns dos inúmeros recursos de linguagem que se encontram presentes no texto, os gêneros, as composições, os recursos retóricos e as estratégias textuais que pertencem à área da Literatura. Embora seja um desafio dissociar os escritos bíblicos na literatura de seu alcance espiritual, pois ambos se confundem, tentaremos seguir uma proposta “distinta” dos estudos da Teologia, além das crenças pessoais. Não obstante, testifica-se o que a versão TEB (2015, n/p) anuncia em sua introdução:

Nenhuma leitura pode desconhecer esse papel do texto bíblico, essa interpelação constante, essa vontade de transmitir uma mensagem vital e de atrair a adesão do leitor.

Compilada em 66 livros divididos em Antigo Testamento (AT) e Novo Testamento (NT), sabe-se que existem hoje diversas traduções bíblicas. Talvez o leitor se surpreenda ao descobrir que os livros do AT e do NT não estão cronologicamente agrupados, ou ao se deparar com versões católicas e protestantes em que a quantidade de livros é diferenciada. Estes livros foram escritos num período em torno de 1.500 anos: o AT entre 1.500 a.C. e 450 a.C. e o NT entre 45 d.C. e 90 d.C. Seus 40 autores, assim considerados pela tradição cristã, utilizaram três idiomas principais: Hebraico, Aramaico e Grego. As edições católicas apresentam uma maior quantidade de livros, além dos 66, trazem mais sete livros, chamados Apócrifos. Por outro lado, as edições protestantes não os consideram na sequência, embora valorizem seu conteúdo histórico.

Continuando com nossa análise inquietante, percebemos que, em muitos dos livros bíblicos, é possível notar que os autores ou redatores, principalmente do AT, aderiram ao anonimato e seguiram com seus escritos, testemunhando as manifestações de Deus no meio do povo, a influência de outras nações, os costumes, a cultura, o contexto histórico e outras marcas profundas que hoje são objeto de estudo teológico. Além disso, a forma dos livros, a seleção dos conteúdos e a organização parecem ter sido realizadas por outras pessoas que não os autores.

Grande parte da Bíblia é composta por narrativas históricas, diga-se a forma mais antiga de comunicação, levando o leitor a perceber em seus eventos os grandes questionamentos da vida humana, aparentemente em ordem aleatória.

Cada livro apresenta uma combinação de estilos literários, muitos deles bastante densos, e em muitos livros pode-se constatar que algumas histórias se repetem ao longo das narrativas bíblicas. Tais narrativas levam o leitor à reflexão acerca dos sentimentos humanos e dos desafios do cotidiano, como também da própria vida, e como toda boa história, a Bíblia, como literatura, também propõe uma esperança vindoura, garantindo uma “solução” para os diversos dilemas da humanidade. De igual forma, ela também nos apresenta inúmeras personagens que nos mostram como agem os seres humanos e, nesse sentido, é fácil identificar-se com muitos deles em suas (ou seria em nossas?) atitudes, tanto piedosas quanto perversas. É então um convite sutil a ver nossos sucessos e falhas sob uma nova perspectiva, como disse Franz Kafka (1883-1924): “a literatura é sempre uma expedição à verdade”<sup>14</sup> (KAFKA).

### **2.1.1 A formação do Cânone cristão**

A palavra “cânon” ou “cânone” é originada do grego e significa literalmente “cana de medida”, “régua” ou “aquilo que regula” e passou a ser utilizada para designar uma relação de livros bíblicos considerados inspirados por Deus, com o propósito de reger a vida dos cristãos. No Judaísmo, apenas o AT é considerado canônico, já no Cristianismo protestante, o cânone comporta 39 livros no AT e 27 no NT. Segundo o escritor e professor de teologia Wayne Grudem, o cânon bíblico se formou de início com os 10 mandamentos dados a Moisés no livro de Êxodo (31:18). No desenrolar da história de Israel, a lei de Deus expandiu-se e o AT foi sendo delineado. Coube aos sínodos e concílios, assim como aos pais da igreja, a definição do que seria ou não inspiração de Deus. Em seguida, faremos uma breve análise do cânone cristão protestante, considerando a versão *Bíblia de Estudo Esquemática* (BEE, 1988).

#### **2.1.1.1 O Pentateuco**

---

<sup>14</sup> Fonte: Disponível em: <[https://pt.wikisource.org/w/index.php?title=Dicion%C3%A1rio\\_de\\_Cultura\\_B%C3%A1sica/Literatura&oldid=234656](https://pt.wikisource.org/w/index.php?title=Dicion%C3%A1rio_de_Cultura_B%C3%A1sica/Literatura&oldid=234656)>. Acesso em: 12 jun. de 2017.

Na tradição cristã e considerando uma Bíblia protestante, lembrando-se que há diferenças entre o cânon cristão e o cânon judaico, os cinco primeiros livros (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) são chamados de Pentateuco, um termo hebraico que constitui a Torá na tradição judaica. Em sua temática, encontram-se narrativas e códigos que tratam da criação do Universo à Lei de Deus dada a Moisés, o possível autor do Pentateuco, para o povo de Israel.

Os escritores Gabel e Wheeler (2013, p. 75) lembram que:

O principal nome alternativo para a primeira divisão é Pentateuco, palavra grega que significa 'cinco rolos'. *Tohah*, por outro lado, indica a substância ou a natureza básica da divisão: trata-se do 'ensinamento' que Iahweh deu a Moisés no Monte Sinai [...]. A Torá [...] é lida ritualmente do começo ao fim, capítulo por capítulo, em todas as congregações judaicas ao longo do ano. A atitude cristã diante dela é um tanto diferente, mas todas as Bíblias, judaicas e cristãs, começam com esses cinco livros nessa mesma ordem.

### **2.1.1.2 Os Livros Históricos**

Em seguida, os livros históricos seguem narrando a história de Israel e a conquista da Terra Prometida, a Canaã. Histórias de grandes reis, guerras envolvendo os inimigos de Deus, feitos heroicos e outros aspectos da História que nos fazem entender conflitos contemporâneos. Esses livros incluem Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

### **2.1.1.3 Os Livros Poéticos**

Os livros Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos cânticos fazem parte dos segmentos Poético e Sapienciais da Bíblia, assim chamados devido ao gênero que apresentam. Nos Salmos, em especial, pode-se verificar o uso de cânticos, odes, elegias e outros recursos líricos. Numa linguagem poética e no constante uso de metáforas, trazem afirmações para a vida cotidiana por meio de poesias entoadas pelo povo de Israel numa manifestação de suas emoções. Vemos aqui uma preocupação em se relatar os sentimentos do coração do homem. Em Provérbios, é claro o uso de aforismos para as situações práticas do dia a dia. Eclesiastes apresenta exortações ora em forma de discurso, como no capítulo 1 e 2, ora em um formato literário, como no capítulo 3, onde a disposição dos versos nos lembra o formato de um poema:

## TEMPOS E DURAÇÃO

3 <sup>1</sup>Há Um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu.

<sup>2</sup>Tempo de nascer,  
e tempo de morrer;  
tempo de plantar,  
e tempo de arrancar a planta.

<sup>3</sup>Tempo de matar,  
e tempo de curar;  
tempo de destruir,  
e tempo de construir. [...].

Fonte: BJ (2013), *Eclesiastes*, p. 1074.

O pregador de *Eclesiastes*, possivelmente Salomão, adverte para a necessidade de se ter sabedoria para viver e ministra uma mensagem aos jovens de Israel com exortações no sentido de buscarem o conhecimento e a prudência. O livro de Jó nos mostra uma forma de diálogo que ocorre entre ele e outras personagens num momento de profundo sofrimento. É considerada uma obra poética e a mais dramática do AT. Em *Cântico dos cânticos*, há uma manifestação clara e poética dirigida aos casais que celebram a sexualidade que foi redimida, por intermédio da harmonia com Deus e com o cônjuge. Expressam uma sensualidade que causa certa controvérsia no entendimento de vários estudiosos, no sentido de que muitos negam seu conteúdo erótico e à alusão ao sexo em si. Observamos um grande número de símbolos metafóricos, como, por exemplo, a comparação entre a mulher e o jardim (BEE, *Cântico dos cânticos*, 4, 12)<sup>15</sup> e outros que podem ser a causa dos conflitos de interpretação. Uma inovação surpreendente nos chama a atenção, pois *Cântico dos cânticos* mostra a figura de uma mulher “liberta”, se compararmos ao entendimento que se tinha da mulher no contexto da época. No primeiro versículo do capítulo 1, a mulher inicia o livro numa posição bastante

---

<sup>15</sup> Em BEE - Bíblia de Estudo Esquematizada (1988) - CT corresponde à abreviação do livro *Cântico dos cânticos* de Salomão.

“moderna” e “despudorada”: “Esposa <sup>2</sup>Beija-me com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho”<sup>16</sup> (BEE, Cântico dos cânticos, 1, 1).

#### **2.1.1.4 Os Livros Proféticos**

Na sequência, os livros Proféticos englobam os Profetas maiores, Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel; e os Profetas menores, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Como o próprio nome diz, os livros Proféticos lidam com o período em que viveram os grandes profetas inspirados por Deus, num momento de anunciação de mensagens divinas, que, por vezes, confrontava e advertia o povo de Deus para o juízo. Traziam também mensagens de esperança e bênçãos futuras para aqueles que caminhassem em obediência. Compostos em grande medida por poesias, a forma poética dos livros proféticos levanta a seguinte questão feita por Gaber e Wheeler (ano, p.101): “[...] os profetas antigos seriam na verdade poetas?”.

#### **2.1.1.5 Os Evangelhos, o Livro de Atos, as Cartas e o Livro de Apocalipse**

No NT são apresentados 27 livros divididos em 4 partes: os Evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos e João, também chamados de “Sinópticos”, devido à correlação que apresentam.

Na segunda parte, há o registro da História da Igreja Primitiva em Atos dos Apóstolos e a atuação do Espírito Santo.

Na terceira parte, constam as Cartas Paulinas, atribuídas geralmente ao Apóstolo Paulo, a saber: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito e Filemon.

---

<sup>16</sup> BEE - Texto bíblico: Almeida Revista e Atualizada, 2ª Ed. 1993 – Sociedade Bíblica do Brasil (SBB): Livro Cântico dos cânticos de Salomão. Capítulo 1 v.2.

As cartas gerais de autoria atribuída a vários apóstolos são: Hebreus, Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas.

O livro de Apocalipse finaliza o cânone bíblico, sendo reconhecido como o livro da revelação.

### **2.1.2 Breve análise literária do livro de Rute**

No sentido de prosseguir com esta breve análise teórico-descritiva da Bíblia e, visando uma abordagem mais específica e mais aprofundada de um trecho das Escrituras, apresentamos o livro de Rute, o oitavo do AT, numa perspectiva que perpassa a visão teológica. O título do livro já nos dá conta de que muito há para se dissertar a respeito de Rute: um nome feminino que se contrasta com a sociedade patriarcal da época, algo que se repete apenas com o livro de Ester. Contextos como o social, o cultural, o espiritual e o histórico se fundem nessa narrativa e, embora não seja nosso objetivo esgotar as possibilidades de análise do texto citado, a intenção é evidenciar como a Bíblia diz muito mais do que se possa pensar, como cada leitura e releitura nos revelam algo antes insuspeito, como os recursos e as possibilidades de retórica se encontram nesse livro.

O escritor e tradutor Jose Pedro Tosaus Abadía declara, em sua obra *A Bíblia como Literatura* (2000), que “a literatura é reflexo de sua época, conhecer essa época nos permitirá avaliar melhor os aspectos literários em que se reflete” (ABADIA, 2000, p.18; 24) e que “a condição literária de um texto não é incompatível com sua historicidade”. Portanto, um breve resumo do livro de Rute se faz necessário: seu autor é desconhecido, porém a tradição reconhece o profeta Samuel como seu autor.

Muitos estudiosos concordam que o livro de Rute tem o formato de um romance, no qual um drama se desenrola por meio de vários atos até seu desfecho, apontando para uma importante genealogia, a de Jesus Cristo. Foi escrito para os israelitas numa tentativa de instruí-los quanto ao amor verdadeiro e à necessidade,

por vezes, de renunciar em nome desse amor, que, por ser genuíno e sincero, teria a sua recompensa.

A narrativa tem seu início quando uma família judaica – Noemi, Elimelec e seus dois filhos – seguem para Moabe, um país pagão nas proximidades do Mar Morto, após um período de grande fome em Belém. Ambos os filhos se casam com mulheres moabitas. O texto bíblico nos diz que, após aproximadamente dez anos, morrem Elimelec e os dois filhos de Noemi. Sobreveio também a notícia de que o Deus de Israel mudara a situação de escassez de alimento, oportunizando o retorno de Noemi à sua terra natal, Belém.

A história narrada não alude a guerras nem disputas como tantos outros livros bíblicos, mas é marcada pela amizade, pelo amor, pela devoção e total fidelidade de uma moabita, que se encontrava sob o jugo de uma maldição (BBE, Deuteronômio, 23, p. 309), sendo redimida por um hebreu de nome Boaz. Ao lermos toda a narrativa, percebemos que os temas ali tratados não são distintos do nosso mundo contemporâneo, como a fome, por exemplo, além dos já citados sentimentos que envolvem os relacionamentos humanos. Apesar de ser uma narrativa curta, devemos destacar um importante evento que se dá durante os acontecimentos, pois o escritor do livro traça a linha messiânica que passará pelo Rei Davi e chegará a Jesus Cristo. Assim, consentimos com o escritor alemão Goethe (1749-1832) ao declarar que o livro de Rute é *“the loveliest little epic and idyllic whole which has come down to us”*<sup>17</sup> (GIGOT, 1901, p. 248).

Para análise das partes que se seguem, optamos por usar a versão *Bíblia de Jerusalém* (BJ), publicada pela Editora Paulus (2013), por ter sido baseada nos textos originais em hebraico, aramaico e grego, pela sua bela precisão textual e qualidade literária, assim como pelo uso da Equivalência Dinâmica. Esta proposta, preconizada pelo linguista Eugene Nida (1914-2011), discorre sobre a importância de haver, numa tradução, a preocupação quanto ao “sentido pelo sentido”, em que o tradutor preza pelo significado mais próximo da língua de partida, ao invés de aderir rigidamente a uma estrutura formal.

O livro de Rute se inicia com o indicativo de um tempo onde se situa história:  
“No tempo em que os juízes governavam...” (BJ, Rute, p. 385-386).

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://archive.org/stream/StudyOfTheOldTestamentPart1#page/n247/mode/2up/search/goethe>> Acesso em 25 de agosto de 2017.

Essa informação já nos depara com um paradoxo, pois o livro anterior ao supracitado, o de Juízes, remete-nos a um tempo em que havia muitas guerras, lutas e contendias. Uma rápida comparação com o enredo do livro de Rute nos faz perceber algo contraditório, pois se percebe, contrariamente a Juízes, a visão de uma amizade, a providência de Deus e a recompensa para as ações virtuosas. A figura do paradoxo como um recurso de linguagem funde dois sentidos divergentes em um mesmo enunciado, como é perceptível ao se confrontar ambos os livros.

A história de Rute transcorre parte em Moabe, parte em Belém, uma cidade de grande importância para a história de Israel. “Belém”, na língua hebraica, significa literalmente “casa do pão” (BIBLIA.COM.BR, 2012) e, nesta passagem, encontramos aqui mais um elemento contraditório, pois na “casa do pão” não havia pão, os celeiros estavam vazios: “[...] houve uma **fome** na terra; por isso um homem de **Belém de Judá** saiu a peregrinar nos campos de Moabe, ele e sua mulher, e seus dois filhos” (BJ, Rute, p. 385, grifos nossos).

A família em questão era formada pelos personagens Elimeleque (esposo), Noemi (esposa), Malon e Quiliom (filhos). Todos fugiam de Belém de Judá para os campos de Moabe, mas um dos personagens morre:

“Morreu Elimelec, marido de Noemi [...]”. (BJ, Rute, p.385).

No verso 3, o narrador faz uso de um recurso literário, o “hibérbato”, uma figura de linguagem que, para um efeito estilístico, utiliza a transposição da ordem natural dos termos: “**Elimelec** morreu” por “Morreu **Elimelec**” (BJ, Rute, p. 385, grifos nossos).

Embora o livro em comento apresente seu conteúdo quase que exclusivamente em formato de prosa narrativa, destacamos um momento em que o narrador faz uso da poesia:

<sup>16</sup> ‘Respondeu Rute: ‘Não insistas comigo para que te deixe, pois para onde fores, irei também, onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será o meu povo e teu deus será o meu Deus.  
<sup>17</sup>Onde morreres, quero morrer e ser sepultada.  
Que lahweh me mande este castigo e acrescente mais este se outra coisa, a não ser a morte, me separar de ti!’ <sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> A passagem em destaque encontra-se exatamente no formato encontrado na Bíblia de Jerusalém, porém uma breve pesquisa em outras traduções, mostrará o formato, do mesmo trecho, em prosa.

(BJ, Rute, p.385-386).

Na BJ notamos que o verso 16 foi disposto em formato de prosa até a palavra “pois”. Em seguida, dá-se o discurso de lealdade de Rute a Noemi em formato de verso em pares paralelos, onde observamos uma alternância ora entre os pronomes pessoais “tu” e “eu” e variações, ora entre os possessivos “tua” e “minha” e variações, numa estratégia de progressão do texto fazendo o uso de um recurso amplamente utilizado na literatura, o “paralelismo”.

Segundo o teólogo Edrisse Pinho, o povo hebreu traz, em seus escritos uma forte marca poética percebida na quantidade de livros poéticos que há na Bíblia, segundo Pinho (2012, n/p), “uma forte marca da poesia hebraica é o uso do paralelismo. Sua ênfase não era na rima de palavras, como na poesia ocidental, mas da rima de ideias”. Nesse sentido, tal fato pode ser comprovado no verso em comento.

Ainda no verso 17, observamos também uma figura de retórica utilizada para provocar determinado impacto no leitor, a “imprecação”. Conhecida também como figura de pensamento ou imagística, a imprecação se dá quanto o escritor lança determinada ameaça ou maldição sobre si ou sobre alguém. No caso do verso 17, “se outra coisa a não ser a morte”, Rute invoca uma maldição sobre si caso não seja leal a Noemi.

No verso 20, Noemi, diante da morte de seu esposo e filhos e da situação em que se encontrava, queixa-se a respeito da própria sorte, refutando as mulheres de Belém a respeito de seu próprio nome:

<sup>20</sup> “Não me chameis de Noemi; chamai-me Mara, pois Shaddai me encheu de amargura.” (BJ, Rute, p.386).

O nome Noemi deriva do termo hebraico *Na'omiy*, que significa “amenidade”, “suavidade”, “agradável” e “encantadora” (DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS, [201-?]). Nesse caso, ocorre um antagonismo, pois Mara, também de origem hebraica, significa “amarga” (DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS, [201-?]).

No capítulo 2, versos 15 e 16, uma figura de sintaxe se destaca:

<sup>15</sup> Deixai-a respigar também entre os feixes e não a molesteis.

<sup>16</sup> E cuidai também que caiam algumas espigas de vossos feixes, e deixai-as para que ela as ajunte e não a censureis. (BJ, Rute, p.387)

A repetição da conjunção coordenativa “e” no sentido de transmitir uma maior expressividade do discurso remete-nos à figura do “polissíndeto”, utilizada também para enfatizar uma ideia.

As possibilidades de análise são vastas e nosso desejo é que sejam também vastos os vínculos entre a literatura e teologia. Magalhães (2009) cita em seu livro renomados escritores que há muito tempo já foram despertados para as discussões possíveis entre a teologia e a literatura. Harold Bloom, Jack Miles, Friedrich Schleiermacher, Luís Riviera Pagán, Robert Alter, Jan Assmann, entre outros, esboçaram seus parâmetros enfocando a hermenêutica, a teologia, a crítica literária e a teoria literária. Escritores como os portugueses Camões, Florbela Espanca e Jeronimo Baía, os brasileiros Machado de Assis, Gonçalves Dias, Olavo Bilac entre muitos outros, têm desfrutado do texto bíblico em suas poesias. No entanto, é fato que muitos obstáculos existem entre a visão que se tenha da Bíblia e sua proximidade com a literatura, como reconhece Magalhães (2009, p. 131-132):

Os obstáculos não existem nos autores de literatura, mas em muitos lugares da crítica literária e da teoria literária, assim como no campo da teologia. A história da literatura tem páginas significativas do diálogo entre texto literário e textos bíblicos, e parte da literatura é reescritura dos textos da Bíblia. [...]. Esta dificuldade existe de ambos os lados, seja pelos que se consideram guardiães da Bíblia como livro sagrado e inspirado, seja pelos que se julgam defensores de uma crítica literária que não reconhece o tema da religião como constitutivo e estruturante de parte da literatura ocidental.

O jornal *The Washington Times* traz uma matéria que nos desperta interesse, pois propõe sugestões para a inclusão da Bíblia como literatura nas escolas públicas, assim como a forma de conduzir essa inclusão:

#### **A Bíblia como opção na Literatura**

A literatura eletiva da Bíblia se concentraria em seu aspecto literário. Isso incluiria a Bíblia como literatura e a Bíblia na literatura. Um objetivo primário do curso seria um conhecimento bíblico básico, uma compreensão da linguagem, principais narrativas, símbolos e personagens da Bíblia. O curso também pode explorar a influência da Bíblia em poemas, peças e romances clássicos e contemporâneos. Claro, a Bíblia não é apenas literatura, pois para várias tradições religiosas, ela é escritura. Um curso de ‘Literatura Bíblica’, portanto, poderia incluir uma discussão de como várias tradições religiosas compreendem o texto. Isso exigiria que o professor estivesse adequadamente preparado para abordar as literaturas religiosas e importantes do texto, de forma acadêmica e objetiva<sup>19</sup> (THE WASHINGTON TIMES, [201-?]).

---

<sup>19</sup> “ ‘Bible electives in Literature’ - A literature elective in the Bible would focus on the Bible as a literary text. This might include the Bible as literature and the Bible in literature. A primary goal of the course would be basic biblical literacy a grasp of the language, major narratives, symbols, and characters of the Bible. The course might also explore the influence of the Bible in classic and

Magalhães (2009) segue frisando que o cenário no Brasil, ao deixar de incluir a Bíblia como um livro clássico no curso de Letras é uma evidência de que há um desconhecimento do texto bíblico “como fonte da literatura mundial”:

O contexto brasileiro é uma prova desse distanciamento da Bíblia como literatura. Ainda há poucos estudos sobre a relação entre Bíblia e literatura no Brasil, quando comparamos a outros clássicos da literatura antiga, como é o caso de Homero.

Os obstáculos não residem nas interdiscursividades e intertextualidades entre o texto bíblico e muitos textos da literatura ocidental, mas sim nos domínios ideológicos sobre o saber, em hermenêuticas teológicas restritivas e em críticas e teorias literárias carentes de maior diálogo como o texto bíblico. (MAGALHÃES, 2009, n/p).

## 2.2 A FINALIDADE DE UMA BÍBLIA INFANTIL

Ao considerarmos o leitor infantil, que preza pela “contação” de histórias e que se encontra na fase das descobertas e das curiosidades, a Bíblia se apresenta como um livro oportuno e que pode oferecer ferramentas de análise literária, tal qual pudemos constatar na subseção anterior (*A Bíblia como literatura*), incluindo linguagem e estilo, estruturas formais de gênero (narrativa, drama, prosa e poesia), estudo dos personagens e análise temática. A intenção de uma Bíblia para crianças é claramente familiarizar o pequeno leitor com o texto canônico, como um convite a uma experiência que visualiza um livro repleto de informações históricas e arqueológicas e que aponta para questões profundas sobre a natureza humana. Em seu sentido histórico, a Bíblia também oportuniza uma compreensão da comunidade judaica e greco-romana, incentivando a leitura analítica e holística, assim como explorando as múltiplas interpretações de seu conteúdo.

O leitor infantil (ou o ouvinte),<sup>20</sup> de uma maneira lúdica, compreende as histórias lidas ou contadas à sua maneira, portanto, a proximidade com determinadas narrativas bíblicas que contenham certo simbolismo é capaz de despertar na criança o reconhecimento de determinados ícones que já são de seu conhecimento. Muito embora ainda não seja capaz de refletir sobre significados mais

---

*contemporary poems, plays, and novels. Of course, the Bible is not simply literature for a number of religious traditions it is scripture. A 'Bible Literature' course, therefore, could also include some discussion of how various religious traditions understand the text. This would require that literature teachers be adequately prepared to address in an academic and objective manner the relevant, major religious readings of the text".*

<sup>20</sup> Nesta dissertação, abordaremos com frequência o leitor pertencente ao público infantil (criança ou jovem). Para alcançar também as crianças ainda não alfabetizadas e que necessitam de um adulto para acompanhar a leitura, consideraremos como também “leitor infantil” a criança ouvinte quando nos referirmos a esse público específico.

profundos ou exegéticos, a criança já é capaz de reconhecer alguns outros símbolos de fácil identificação e que podem lhe fornecer a capacidade de um entendimento literário mais amplo, como exemplos: a presença do arco-íris (BBE, Gênesis, p.17), o peixe (BBE, Jonas, p. 1204), o pão e a carne (BBE, 1 Reis, p. 513.), o dilúvio (BBE, Gênesis, p. 15), os animais da Arca (BBE, Gênesis, p.16), entre outros exemplos que certamente já fazem parte do imaginário infantil e de algumas experiências já vividas, a depender da idade e da instrução familiar.

Uma Bíblia infantil revela ao seu leitor específico as primeiras nuances de um livro icônico que ocupa um lugar especial em nossa cultura, devido à sua natureza singular. Os livros de literatura em geral levantam questões profundas sobre a natureza do ser humano. Assim, sendo a Bíblia um livro que aponta para a história da Humanidade, apresentar suas histórias a uma criança é, de alguma forma, a representação de nossa natureza.

O poeta inglês Andrew Motion declara não ser um “crente”, mas manifesta uma paixão pelo texto bíblico por serem histórias fantásticas e que representam os padrões do comportamento humano. Motion diz que o texto bíblico deveria ser apresentado a todas as crianças para que pudessem entender o contexto histórico-literário das grandes histórias e que, quando isso não ocorre, as crianças ficam limitadas no entendimento de obras literárias de peso, como as de John Milton e TS Eliot. Andrew Motion, em uma entrevista concedida ao jornal *The Guardian*, faz uma reflexão na qual propõe:

Ler grandes românticos como Keats exige que você saiba algo sobre a Queda, sobre quem são algumas pessoas da Bíblia, ideias acerca do pecado e da virtude. Também é essencial para Tennyson, Browning e Arnold, e precisa estar lá no fundo do período modernista. Mesmo um escritor como TS Eliot é reimaginar todo tipo de estruturas mitológicas<sup>21</sup>. (MURRAY, 2009, n/p).

Como professor da Universidade de Londres, Royal Holloway, Motion testemunhou sobre essa dificuldade com relação aos estudantes:

Muitos dos meus alunos tropeçam na escrita de histórias vagamente mitológicas. Quando eu lhes peço alguma coisa sobre a Bíblia, eles, francamente, em geral, não sabem. Eu não os culpo especialmente por isso, mas acho que há um problema real com o sistema educacional que

---

<sup>21</sup> “*Even reading the great romantics like Keats requires you to know things about the Fall, who some of the people in the Bible are, ideas of sinfulness and virtue. It’s also essential for Tennyson, Browning and Arnold, and needs to be there in the background of the modernist period. Even a writer like TS Eliot is re-imagining all kind of mythological structures.*” (MURRAY, 2009).

permite que essas grandes histórias desapareçam e se percam de vista do regime escolar. É uma peça essencial de bagagem cultural.<sup>22</sup> (MURRAY, 2009, n/p).

Seguindo o pensamento de Motion, podemos concluir que qualquer pessoa que deseje um maior entendimento das artes, das ciências humanas e naturais, ou que almeje um conhecimento cultural sólido, deve pensar a Bíblia como uma autoridade literária que moldou a visão do ocidente, trazendo uma herança cultural por meio de suas histórias tão familiares que podemos reconhecê-las em nossa própria história. Embora pensemos em uma visão proselitista ao mencionarmos o nome “Bíblia”, há que se rever tal conceito, pois os relatos de guerra, amizade, fome, companheirismo, direitos civis, corrupção, cidadania, pobreza, justiça social, política, liberdade, violência e uma porção infinita de temas abordados nas Escrituras em nada diferem dos conflitos e dos relacionamentos contemporâneos. São temas fundamentais e muitas vezes universais explorados pela literatura e outros ramos das ciências, assim como a sua riqueza geográfica, histórica e a abordagem arqueológica que são cada vez mais validadas pelas recentes descobertas. Nesse sentido, as crianças também estão inseridas nesse contexto, pois vivem de igual forma toda sorte de conflitos. Não obstante, devemos esclarecer que uma Bíblia infantil conterà aspectos bíblicos adequados à idade do leitor, mas que essa adaptação não deve limitar o entendimento literário bíblico infantil, visto que a criança lê de forma diferenciada da forma do adulto, conforme vimos na subseção 1.3 (*O texto e o leitor infantil*).

A literatura infantil faz parte da educação formal de uma criança e, como um campo de pesquisa, a crítica literária deve se tornar cada vez mais interdisciplinar em sua abordagem, promovendo discussões amplas que alcancem os diversos estudos literários. A Bíblia, nesse sentido, fornece ao pequeno leitor material que abrange os vários aspectos da sociedade desde o início dos tempos. Sua abrangência cultural, social e histórica já é comprovada. Seu alcance linguístico se faz também presente diante das inúmeras narrativas e contos disponíveis às diversas idades.

---

<sup>22</sup> *"Many of my students stumble into vaguely mythological stories in their writing. When I ask them anything about the Bible, they frankly, by and large, don't know. I don't particularly blame them for it. But I do think there is a real problem with the education system that has allowed these great stories to disappear, to fade out of the diet everyone gets at school. It's an essential piece of cultural luggage."*

Durante os anos pré-escolares, os livros contribuem para a formação das estruturas linguísticas das crianças, assim como para seu vocabulário, e é na infância que as crianças estão mais abertas às descobertas e às impressões que a literatura pode propiciar. Além do entendimento das ilustrações, as crianças encontram maior prazer nos livros ao descobrirem que a leitura tem sua própria recompensa intrínseca, adquirindo de igual modo a motivação mais importante para aprender a dominar as habilidades de leitura.

### **2.3 AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES DE TEXTOS RELIGIOSOS PARA CRIANÇAS**

No âmbito da literatura religiosa, são os catecismos para crianças que representam a forma mais antiga de literatura infantil no contexto de textos religiosos, tendo surgido na Idade Média e se multiplicado nos séculos XVI e XVII após o advento da Reforma Protestante em 1517. Após os catecismos, uma coleção de histórias bíblicas surgiu na Alta Idade Média, quando o teólogo francês do século XII, Peter Comestor, iniciou a obra *Historia Scholastica* (1169-1176), na qual registrou narrativas bíblicas para estudantes – posteriormente, sua obra veio a integrar os currículos escolares.

Nossas pesquisas apontam que há pouquíssimos estudos no que se refere à literatura bíblica infantil, suas origens, forma, seus aspectos e alcance. Alguns poucos escritores foram despertados para uma investigação mais apurada sobre como se deu o desenvolvimento desse gênero, contribuindo, assim, para que pudéssemos entender o surgimento das Bíblias infantis, a sua demanda presente no mercado editorial no mundo contemporâneo e, do mesmo modo, promovêssemos uma análise sobre como se dão a tradução e adaptação nesse modelo literário.

A professora e escritora norte-americana Ruth Bottigheimer, professora de Literatura Comparada na Universidade de *Stony-Brook*, em Nova Iorque, propôs um estudo profundo e meticuloso com significativo interesse em como a literatura e as histórias de uma sociedade, mudam ao longo dos tempos para se adequarem, conforme Bottigheimer, aos padrões sociais e conceitos morais de uma determinada

época. Uma característica importante é que os catecismos não eram direcionados especificamente às crianças, assim como a literatura infantil em seu formato oral também não o foi. Outra curiosidade também interessante é que eles se apresentavam de forma simples e resumida. Após algum tempo, surgiram também as coletâneas de histórias bíblicas, conforme atesta a escritora:

O gênero infantil que mais resistiu, além dos catecismos, foi a coleção de histórias bíblicas, que apareceu pela primeira vez na alta Idade Média quando Peter Comestor compôs a *Historia Escolástica* (c.1170) em latim para estudantes da Universidade de Paris. Entrando no currículo de escolas de gramática latina e na literatura devocional dos adultos na Idade Média, as histórias da *Historia Escolástica* forneceram à Europa um conjunto comum de narrativas bíblicas. A maioria dos livros de histórias bíblicas, no entanto, estavam enraizadas em tentativas de Reforma para familiarizar crianças (e adultos não escolarizados) com o material bíblico.<sup>23</sup> (BOTTIGHEIMER, 2004, p. 299).

A autora supracitada demonstra profundo interesse nas histórias da socialização religiosa das crianças. A autora verifica que as coleções de histórias bíblicas escritas exclusivamente para o público infantil surgiram aproximadamente em meados do século XVII e foram as primeiras narrativas em prosa voltadas especificamente para o leitor infantil. Bottigheimer (2004) traça uma linha da evolução do gênero após seu surgimento na Alemanha, com a invenção da imprensa, na qual revela que os escritos religiosos voltados para as crianças diziam muito mais do que uma Bíblia infantil, como, por exemplo, constata-se os valores e perspectivas sociais e morais da época, os diferentes autores e editores, a censura ou não de algumas histórias ao longo dos tempos, as adaptações dos textos e as respectivas traduções, e as ilustrações marcadamente divergentes com o texto bíblico. Tudo indica que foram os próprios pais, professores e pregadores que deram os primeiros passos para o surgimento dessas Bíblias, que, nos primeiros séculos, foram publicadas em latim, tendo como primeiros leitores as crianças católicas, seguidas no século XVI das crianças protestantes e, no século XIX, das crianças judias. Os conteúdos variavam e ainda hoje variam extremamente, assim como suas ilustrações e propósitos, apesar de partirem de uma fonte comum.

---

<sup>23</sup> *"The most durable genre for children, apart from catechisms, was the Bible story collection, which had first appeared in the high middle ages when Peter Comestor composed the Historia Scholastica (c. 1170) in Latin for students at the University of Paris. Entering Latin grammar school curricula and adult devotional literature in the later middle ages, the Historia Scholastica's stories provided Europe with a common set of Bible narratives. Most books of Bible stories, however, were rooted in Reformation attempts to familiarize children (and unschooled adults) with biblical material."* (BOTTIGHEIMER, 2004, p. 299).

Bottigheimer (2004) prossegue afirmando que os escritos bíblicos antecederam a ficção infantil em algumas décadas, ou seja, a trajetória dos textos sagrados esteve diretamente incorporada à literatura infantil, desde seu formato oral, e já fazia parte, inclusive, do currículo escolar. A escritora belga Rita Ghesquière é professora emérita da *Universidade Católica de Leuven*, na Bélgica, e testifica, em seu ensaio *Contemporary Religious Writing*, que:

Desde a sua criação, a literatura infantil está intimamente ligada à religião. Vários historiadores literários [...] apontaram as contribuições dos pais protestantes no desenvolvimento de uma literatura específica para crianças. Uma vez que a responsabilidade pela educação não poderia mais ser confiada à Igreja como instituição, pais e educadores descobriram o poder das histórias.<sup>24</sup> (GHESQUIÈRE, 2004, p. 306).

Para a compreensão das obras consideradas como pioneiras do gênero, temos, na França, o teólogo Nicolas Fontaine (1625-1709), que escreveu *L'Histoire du Vieux et du Nouveau Testament* (1670 et seq.), uma coletânea de história bíblicas para crianças católicas. Outras obras de igual formato surgiram na Alemanha, com Johann Hübner (1668-1731), teólogo e geógrafo que publicou a obra *fünfzig Biblische Historien* (1714 et seq.). Hübner adaptou histórias bíblicas com o intuito do ensino de valores, logo, sua obra foi projetada para o uso em escolas e posteriormente traduzida para 15 línguas europeias.

Na Inglaterra, segundo Bottigheimer (2004), o gênero teve início em 1690, porém, multiplicou-se apenas no século XVIII, quando John Newbery publicou, juntamente com seus herdeiros, a obra *The Holy Bible Abridged* (1757), seguida pelas obras *The Bible in Miniature*, *A Concise History of the Old & New Testaments*, *The Holy Bible Abridged*, *A New History of the Holy Bible*, *The Children's Bible and e History of the Holy Bible Abridged* (século XVIII). Os termos “abridge”, “concise”, “miniature” indicam que estas obras foram de alguma forma adaptadas para o público infantil. Essas adaptações propiciariam também novos posicionamentos de alguns escritores acerca da inocência da criança, de tal forma que determinados conteúdos, tidos como apropriados apenas para o leitor-adulto, passaram a ser evitados. Um exemplo foi a obra de John Peter Miller (1753), que compôs uma Bíblia para crianças na qual algumas passagens bíblicas são omitidas, como a nudez de

---

<sup>24</sup> “From its inception, children's literature has been closely linked with religion. Several literary historians [...] have pointed out the contributions of Protestant parents in the development of a specific literature for children. Since the responsibility for education could no longer be entrusted to the Church as an institution, parents and educators discovered the power of stories”. (GHESQUIÈRE, 2004, p. 306).

Noé (BBE, Gênesis, p. 16), o estupro de Diná (BBE, Gênesis, p. 54), o heroísmo de Jael (BBE, Juízes, p. 367), entre outras, uma prática consistente com o padrão das Bíblias infantis Protestantes do século XVIII.

O filósofo John Locke (1632-1704), diferentemente de alguns escritores que mantiveram as narrativas mais violentas da Bíblia canônica em Bíblias para crianças, afirma que determinadas passagens eram mais adequadas apenas para as pessoas mais maduras. Ele desejava uma coleção de histórias voltadas para os ensinamentos de Jesus Cristo.

Assim como Locke, François Fénelon (1651-1715), teólogo, poeta e escritor, escreveu um ensaio sobre educação de meninas, *On the Education of Daughters* (1687), no qual recomenda alguns livros bíblicos adequados para o gênero feminino. Por certo, Fénelon (2014) retirou alguns livros ou temas que envolviam sexualidade, embora seu conjunto ideal de histórias bíblicas tenha retido algumas narrativas envolvendo violência. Outro teólogo criador da primeira Bíblia Reformada para crianças foi Johannes Melchior (1646-1689). Sua obra aponta para um ajuste dos temas bíblicos, evitando aqueles que contivessem matéria inadequada.

Ao reconhecermos o leitor infantil como um público distinto do público adulto, faz-se necessário admitir que muitas das histórias bíblicas canônicas devem ser adaptadas e submetidas a uma extensa revisão, no sentido de torná-las plausíveis ao leitor em formação. No entanto, para a nossa surpresa, muitas dessas alterações não foram consideradas por escritores do século XVI e XVII, conforme atesta Bottigheimer, em sua obra *The Bible for Children* (1996), por meio de um testemunho pessoal:

Comecei a pensar em histórias bíblicas depois de visitar um pequeno museu alemão que abrigava recordações familiares da família Grimm. O diretor afetuosamente colocou algumas das imagens da coleção em minhas mãos. Uma era a coleção de histórias da Bíblia da infância de Jacob Grimm de 1785. Eu mal podia acreditar nos meus olhos. Aqui, em um livro para crianças, Lot ofereceu suas filhas virgens a uma multidão voraz, Abraão pronto para cortar a garganta de Isaac, Joseph sexualmente importunado pela esposa de seu senhor e Davi ao cometer adultério com Bate-Seba.<sup>25</sup> (BOTTIGHEIMER, 1996, pg. xii/xiii).

---

<sup>25</sup> "I began to think about Bible stories after I visited a small German museum that housed Grimm family memorabilia. The director hospitably put some of the collection's displays into my hands. One was Jacob Grimm's childhood Bible story collection of 1785. I could hardly believe my eyes. Here, in a book for children, was Lot offering his virgin daughters to a rapacious mob, Abraham ready to slit

O testemunho da escritora contrasta com os dias atuais, em que nos deparamos com uma grande variedade de Bíblias para crianças e que nos apresentam uma simplificação do texto bíblico tradicional, tendo diversas histórias bíblicas omitidas ou censuradas.

Segundo os apontamentos da escritora, percebeu-se que, à medida que os textos foram sendo compilados, passaram a ser vistos como “utilidade social” que se aliava aos preceitos da salvação bíblica, em que tanto a inclusão como a omissão enfatizavam ou marginalizavam porções da história. Uma análise abrangente das primeiras Bíblias infantis traça uma evolução da categoria e demonstra que, no decorrer do tempo, elas ensinavam muito mais do que o previsto em uma Bíblia tradicional: revelações curiosas sobre a época em que alguns textos foram compilados, sob a perspectiva moral e social de seus escritores, a ausência de divergências polêmicas entre o conteúdo das Escrituras e o posicionamento ético e social de escritor, assim como a transmissão de valores e normas culturais, passadas de uma geração a outra, também despertaram o interesse de grandes teólogos, conforme aponta Bottigheimer (1996, p. 4):

A questão da leitura infantil de histórias bíblicas perturbou gigantes intelectuais como Martin Luther, Desiderius Erasmus, John Locke e Friedrich Schleiermacher; No entanto, a maioria dos autores e editores de Bíblias infantis eram pais, professores e pregadores agora esquecidos<sup>26</sup>.

A grande maioria das Bíblias infantis traz, em seu conteúdo, narrativas tanto do NT quanto do AT, indicadas para leitura individual ou em família, sempre assinalando a autoridade parental e exortações de inspiração divina.

Apresentando inúmeros formatos, as Bíblias infantis são hoje precisamente indicadas ao seu público, basta nos certificarmos a partir dos títulos e suas variações encontradas no mercado editorial. São diversas as traduções e origens, ilustrações, modelos e dimensões, gêneros e estilos facilmente identificáveis, tais como *A Bíblia para crianças*, *Bíblia Ilustrada Infantil*, *Minha Primeira Bíblia*, *A Bíblia do Bebê*, *a Bíblia das Criancinhas*, *Bíblia Primeiros Passos com Jesus*, *A Bíblia desde a Infância*, *A Bíblia das Meninas*, *A Bíblia dos Meninos*, entre outros, tamanha

---

*Isaac's throat, and Joseph sexually importuned by his master's wife. David committed adultery with Bathsheba.* (BOTTIGHEIMER, 1996, pg. xii/xiii).

<sup>26</sup> “[...] *The question of children's reading of Bible stories troubled intellectual giants such as Martin Luther, Desiderius Erasmus, John Locke and Friedrich Schleiermacher; most authors and editors of children's Bibles, however, were now-forgotten parents, teachers, and preachers*”. (BOTTIGHEIMER, 1996, p. xii).

variedade nos mostra um mercado editorial diversificado, conforme atestam os títulos e suas indicações. Certamente que, no início dessa história, após a invenção da imprensa, esse detalhamento não era tão admitido. Porém, após o século XVII, com o surgimento da estratégia de mercado, houve uma mudança importante, conforme atesta Bottigheimer (1996):

No entanto, o gênero surgiu pela primeira vez na Alemanha na era da impressão, não existia uma definição acordada e, uma vez que as Bíblias das crianças começaram a florescer no final do século XVII, os títulos funcionavam com frequência, mais como dispositivos de marketing do que como uma descrição precisa. No clima comercial da editora e da livraria, a história bíblica e a Bíblia infantil foram aplicadas indiscriminadamente às coleções de histórias bíblicas, seus autores as transformaram em uma variedade de contos exemplares.<sup>27</sup> (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 4).

Quanto aos conteúdos expressos em uma Bíblia para crianças, sabe-se que as escolhas dependiam muito do entendimento que os autores tinham da proposta da Bíblia canônica, assim como a quem se dirigia, a idade do leitor, sua mentalidade e o período da história em que viviam. Bottigheimer (1996) afirma que há certas minúcias e cuidados problematizados por essa escolha, como, por exemplo, a história de Noé: após o evento da Arca, deveríamos finalizar com o arco-íris simbolizando a aliança de Deus com os homens, ou encerraríamos com a nudez de Noé?

Os primeiros autores estabeleciam apenas “a lei”, entendida aqui como Os *Dez Mandamentos* constantes no livro do Êxodo, que nos catecismos de Lutero faziam parte da primeira de cinco seções. Porém, em outros exemplares alemães denominados *Kinderbibeln*, apenas o Decálogo era encontrado. Já na Inglaterra, havia a reprodução de um texto nas Bíblias infantis protestantes, em vez de apenas uma porção icônica da Bíblia tradicional. O escritor Howard Worsley, em seu livro *A Child sees God: Children Talk About Bible Stories* (2009), adverte que Comestor parafraseou porções da Bíblia para que fossem claramente entendidas, o que Lutero não se permitiu. Assim, ele atesta:

[...] O relato de Lutero sobre a vida de Cristo, intitulado *Passional*, ao qual ele adicionou algumas histórias do Antigo Testamento, era uma Bíblia para

---

<sup>27</sup> “Yet the genre first emerged in Germany in the age of print, no agreed-upon definition existed, and once children’s Bibles had begun to flourish at the end of the seventeenth century, titles functioned more often as marketing devices than as accurate description. In the commercial climate of the publishing house and the bookseller’s shop, Bible story, Bible history, and children’s Bible were applied indiscriminately to collections of Bible stories their authors had transformed into a variety of exemplary tales”. (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 4).

os leigos, voltada para crianças e pessoas simples. Escrito na língua nativa, dependia apenas das palavras das Escrituras Sagradas e, assim, ofereceu um modelo diferente da Bíblia. Sua escolha de estilo era radical, pois ele havia traduzido diretamente do Hebraico e do Grego.<sup>28</sup> (WORSLEY, 2009, p.158).

Muitas Bíblias infantis apresentavam (e ainda apresentam) certa repetição das mesmas histórias, mas em algumas delas se via uma formatação mais ousada, como, por exemplo, a inclusão de perguntas e respostas. Atualmente, um adulto não diria que uma Bíblia infantil é realmente uma “Bíblia” em seu sentido literal, o que não ocorreu no século XVIII e XIX, quando autores do gênero declaravam claramente serem “livros sagrados”. Esse posicionamento é revelado na declaração de Bottigheimer (1996) sobre como as crianças mantinham a integridade do texto bíblico:

As crianças das épocas passadas deixaram evidências abundantes de terem mantido esses livros, onde eles descreviam os malfeitores, coloriam figuras e praticavam o alfabeto. Além do fato de que as crianças usavam esses livros, algo revelador mostra a maneira como faziam, pois, rabiscavam as folhas de rosto e as bordas, porém, geralmente tratavam o texto como inviolavelmente sagrado.<sup>29</sup> (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 6).

Embora as primeiras publicações tenham sido em latim, Lutero publicou narrativas bíblicas para crianças também em alemão, visando tanto o público infantil como o povo simples. Da mesma forma o fez Georg Fabricius (1516-1571), poeta protestante alemão. Todavia, a partir de 1600 o latim passou a decorar as páginas em que se seguiam os títulos ou ao acompanhar a legenda de algumas ilustrações.

Na história das primeiras Bíblias infantis que anteciparam o formato do gênero contemporâneo, dois nomes se destacam: Peter Comestor (*Historia Scholastica* – século XII) e Martinho Lutero (*Passional – Laienbibel* – século XVI). Na versão de Comestor, também entendida como uma paráfrase, o teólogo francês registrou em seus manuscritos algumas narrativas bíblicas, mas que, conforme Bottigheimer

---

<sup>28</sup> “[...] Luther’s pamphlet-length account of the life of Christ entitled the *Passional* to which he added some Old Testament stories, was a Bible for the laity, aimed at children and simple folk. Written in the native tongue, it relied only on the words of Holy writ for its text and so offered a different model of Bible. His choice of style was radical as he translated directly from the Hebrew and Greek”. (WORSLEY, 2009, p.158).

<sup>29</sup> “Long-gone children have left abundant evidence of having once held these books, where they penciled out evildoers, colored in pictures, and practiced the alphabet. Above and beyond the fact that children used these books lies the revealing manner in which they did so, for they scribbled on the endpapers and title pages but generally treated the text as inviolably sacral space”. (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 6).

(1996, p.22), “[...] estabeleceram um conjunto de conceitos e sensibilidades do século XII primeiro entre estudantes de teologia, mais tarde entre estudantes do século XV e, finalmente na população francesa do século XVI”<sup>30</sup>. Comestor [201-?] introduziu também detalhes extra bíblicos, em sua maioria comentados, possivelmente para melhor explicar o trecho escolhido, revelando, assim, uma alteração do texto canônico, conforme registra o autor:

Uma das características mais interessantes das cópias manuscritas da História Escolástica são as inúmeras passagens que foram chamadas de ‘adições’ ou ‘notas’ por estudiosos modernos. Eles foram tratados de várias maneiras pelos escribas que copiaram o texto e podem ser encontrados nas margens ou dentro do próprio texto, às vezes copiados dividindo uma única coluna em duas. [...] Algumas das passagens nas margens são comentários explicativos muito curtos, explicando palavras ou informando etimologias. <sup>31</sup> (COMESTOR, [201-?], n/p).

Essas revelações se repetem em muitas ocasiões nas Bíblias infantis contemporâneas. Temos, como exemplo, Gênesis 3:6 no episódio em que Eva come o “fruto” proibido (BBE, Gênesis, p. 9). Embora não haja um fruto específico expresso literalmente no texto canônico, em muitas ilustrações bíblicas infantis é comum a imagem de uma maçã para representá-lo.

Já na obra de Lutero, *Passional – Bible for the laity* (A Bíblia para os leigos), há a presença de inúmeras ilustrações e o uso de textos em alemão popular, refletindo, desse modo, o anseio do reformador de atingir as pessoas comuns para que tivessem acesso a Deus em sua própria língua. Numa época de analfabetismo, a obra luterana foi entendida como uma obra de devoção e instrução e suas imagens se tornaram uma estratégia para alcançar os indoutos e as crianças. Convencido das distorções da mensagem bíblica e da corrupção eclesiástica presente na Igreja Romana, Lutero, por meio de um folhetim, registra ilustrações provocativas que satirizavam diretamente o alto clero ao representar os erros do papado, como, por exemplo, a venda de indulgências, as denúncias sobre o modo como viviam, suas riquezas e poder excessivo, o que contrastava com as Escrituras

---

<sup>30</sup> “[...] they fixed a set of twelfth-century concepts and sensibilities first among theology students, later among fifteenth-century schoolboys, and finally within a sixteenth-century French Bible story-reading population.” (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 22).

<sup>31</sup> “One of the most interesting features of manuscript copies of the *Historia Scholastica* are the numerous passages that have been called ‘additions’ or ‘notes’ by modern scholars. They were treated in various ways by scribes who copied the text, and can be found in the margins, or within the text itself, sometimes copied by dividing a single column into two. [...] Some of the passages in the margins are very short explanatory comments, explaining words or giving etymologies.” (COMESTOR, [201-?], n/p).

Sagradas e a trajetória de Cristo. É possível visualizar nas ilustrações de *Passional* o posicionamento de Lutero contrário aos ditames da Igreja de Roma, uma marca do movimento denominado Reforma Protestante (1517). A figura 1 ilustra a venda de indulgências registrada por Lutero em *Passional*:

Figura 1. Ilustração da venda de indulgências registrada por



Lutero.

Fonte: <<https://www.bl.uk/collection-items/luthers-anti-papist-pamphlet-passional-christi-und-antichristi-1521#>>. Acesso em: 11 set. 2017.

A *Historia Scholastica* de Comestor foi rejeitada posteriormente por alguns segmentos protestantes, devido à sua origem católica e falta de “fidelidade” ao texto original. Diferentemente, *Passional*, escrita na língua nativa a partir das línguas originais da Bíblia, a saber, o grego e o hebraico, foi recebida por seus leitores com maior prestígio.

No período medieval, as pessoas menos instruídas acreditavam ser a Bíblia um conjunto de histórias que variavam do cômico ao drama. Com o advento da imprensa, um público maior foi alcançado pelas diversas histórias bíblicas. Bottigheimer (1996) admite que, durante os séculos XVI e XVII, as Bíblias infantis

emergiram e, com elas, constantes inovações, inclusive uma mudança de perspectiva quanto ao texto infantil.

A seguir, faremos uma breve exposição dos fatos concernentes ao surgimento das Bíblias infantis na Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, conforme Bottigheimer (1996).

### 2.3.1 Alemanha

Nascidas na Alemanha, as Bíblias infantis, em linguagem popular, tiveram como ponto de partida a obra luterana *Passional*. Todo o zelo de Lutero ao escrevê-la, a partir das línguas originais da Bíblia, bem como seu cuidado em não alterar o texto “original”, leva-nos a crer que tal dedicação se estendeu aos leitores protestantes, conforme Bottigheimer (1996, p. 39-40) afirma:

[...] os leitores Protestantes foram educados para serem sensíveis ao idioma em que as histórias bíblicas foram contadas, pois cada palavra, como ficou na tradução de Lutero, foi considerada um componente inalterável da história.<sup>32</sup>

Tal medida também fazia parte do ideal educacional da Reforma Protestante, pois Lutero acreditava que a educação era um requisito de suma importância para cada homem compreender o Evangelho. Essa preocupação gerou grandes mudanças no cenário educacional, até então concentrado nas mãos da Igreja Romana, inclusive o direito à educação dado às meninas.

Talvez as histórias que compunham uma Bíblia infantil do século XVI escandalizassem pais e professores nos dias atuais. Temas polêmicos como prostituição, traição e violência eram facilmente identificáveis nos primeiros volumes infantis. Porém, nem todos acreditavam ser um propósito ético, visto que não havia uma adequação definida para assuntos próprios da infância. O teólogo alemão Hartmann Beyer (1516-1577) concluiu que eram livros “grosseiros” e “não adequados”, visto que as crianças, na visão de Beyer, preferiam histórias que envolvessem gigantes e poções mágicas a narrativas do AT. As coleções alemãs incluíam temas talvez não discutidos atualmente em uma escola bíblica dominical

---

<sup>32</sup> “[...] Protestants readers had been schooled to be sensitive to the language in which Bible stories were told, for each word, as it stood in Luther’s translation of the Bible, was said to be an inalterable story component”. (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 39-40).

infantil, como a nudez de Noé e sua embriaguez (BBE, Gênesis, p. 16), o estupro e o assassinato da concubina de Judá (BBE, Juízes, p.388-389), o adultério envolvendo Davi e Bate-seba (BBE, II Samuel, 11, p.462), entre outros temas. No entanto, Bottigheimer (1996, p. 40) nos adverte que:

As publicações da Bíblia infantis alemãs diminuíram drasticamente no início do século XVII. Por volta da metade do século, no entanto, pais amáveis e pastores zelosos, voltaram ao gênero e produziram inúmeras obras, embora relativamente curtas. Seus esforços culminaram em um best-seller, *Twice Fifty-Two* Histórias bíblicas de Johann Hübner (1714)<sup>33</sup>. (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 40).

O professor da Faculdade Teológica Protestante de Viena, Gottfried Adam, reforça a ideia a respeito da obra do erudito alemão Johann Hübner:

Hübner é, sem dúvida, o autor mais famoso de um livro de história da Bíblia alemã. [...] Considerando o seu conteúdo, é preciso dizer que a publicação de Hübner está estruturada de acordo com as necessidades das crianças. Seu conceito reflete as mudanças sociais e econômicas da sociedade. Sua apresentação de histórias bíblicas mostra uma estrutura conceitual muito clara de quatro etapas distintas: narrativa bíblica, perguntas, preceitos, pensamentos piedosos.<sup>34</sup> (ADAM, 2005, p. 237-238).

Segundo Adam (2005), a narrativa de Hübner segue os passos da Bíblia traduzida por Lutero em sua curta extensão, na presença de questionamentos, no sentido de fornecer o conhecimento bíblico ao leitor, nas normas e preceitos morais para as situações adversas da vida, e nos pensamentos piedosos, no sentido de incorporar os preceitos religiosos ao cotidiano dos leitores. A obra de Hübner foi utilizada no ensino religioso nas escolas e havia, por parte do escritor, uma preocupação quanto à seleção de textos apropriados para o entendimento das crianças, o que demonstra uma grande mudança se compararmos às práticas anteriores. Considerada um *best-seller*, *Biblische Historien* (1714) permaneceu por séculos na Alemanha e em outras localidades, sendo também a Bíblia infantil mais

---

<sup>33</sup> "In the Germanies children's Bible publishing diminished sharply during the early seventeenth century. At mid-century, however, fond parents and earnest pastors returned to the genre and produced numerous, though relatively short-lived, works. Their efforts culminated in a best-seller, Johann Hübner's *Twice Fifty-Two Bibles Histories*". (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 40).

<sup>34</sup> "Hübner is undoubtedly the most famous author of a German Bible 'Historie' book. [...] Considering its content, it has to be said that Hübner's publication is structured according to the needs of children. Its concept reflects the social and economic changes of society. Its presentation of biblical stories shows a very clear conceptual structure of four distinctive steps: biblical narrative, questions, precepts, pious thoughts". (ADAM, 2005, p. 237-238).

utilizada na escola. Segundo Adam, há em torno de 270 edições e cerca de 15 traduções da obra para línguas europeias.

As Bíblias infantis católicas também foram representadas na Alemanha, especialmente com Christoph von Schmid (1768-1854), escritor de histórias infantis e educador, como também o teólogo católico Bernhard Overberg (1754-1826).

### 2.3.2 França

No território francês, a obra do teólogo e escritor Nicolas Fontaine (1625-1709), *L'Histoire du Vieux et du Nouveau Testament* (1670), foi a que providenciou uma coleção de histórias bíblicas para crianças católicas, perdurando até o século XIX. O escritor Gottfried Adam pontua que a obra de Fontaine possivelmente influenciou as Bíblias infantis da Inglaterra. Já Bottigheimer (1996) nos adianta que ela era acompanhada por ilustrações e breves comentários dos pais da igreja (Patrística), tendo se tornado a base de três distintos tipos de Bíblias infantis francesas voltadas para diferentes classes sociais:

O livro de Fontaine forneceu a base textual para três tipos distintos de Bíblias infantis francesas: produções comerciais para as classes média e alta de 1670 a aproximadamente 1850; *The Abridged History of the Old Testament*, um livro escolar não ilustrado, impresso de 1704 até cerca de 1870 e divulgado para "as crianças e para pessoas menos instruídas em matéria de religião", isto é, para um público mais pobre; e um livreto do século XVIII.<sup>35</sup> (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 41-42).

Em meados do século XIX, poucas obras do gênero surgiram na França, diferindo-se da Alemanha e da Inglaterra, que, segundo Bottigheimer (1996), produziram inúmeros volumes voltados para crianças ao longo do mesmo período.

### 2.3.3 Inglaterra

---

<sup>35</sup> "Fontaine's book provided the textual basis for three distinct kinds of French children's Bibles: commercial productions of the middle and upper classes from 1670 to approximately 1850; *The Abridged History of the Old Testament*, an unillustrated schoolbook printed from 1704 until about 1870 and disseminated to "children people who are less instructed in matters of our religion," that is, to a poorer readership; and a short-lived eighteenth-century chapbook." (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 41-42).

Assim como Adam (2005), Bottigheimer (1996) também nos informa que a Bíblia de Fontaine exerceu grande influência sobre as Bíblias inglesas, tanto voltadas para católicos como para protestantes. Adam (2005) nos revela que o filósofo inglês John Locke (1632-1704), juntamente com o francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), encorajaram o uso da Bíblia no ensino escolar, advertindo sobretudo quanto à adequação das histórias bíblicas para com as crianças. Segundo Adam (2005), não há dúvidas de que as ideias de Locke foram de suma importância para a divulgação de Bíblias infantis em toda a Europa.

Richard Blome (1635-1705) também foi um nome importante no cenário inglês associado ao surgimento das “family Bibles” no século XIX. Sua obra teve grande repercussão no meio protestante e apresentava algumas páginas em branco, possivelmente para registros familiares sobre entendimento do texto bíblico.

Bottigheimer (1996, p. 43-44) registra que, “em 1690, *The History of Genesis*, fielmente traduzida especificamente para crianças baseadas nas *Genesis Stories* de Fontaine, também surgiu no mercado de livros de Londres”.<sup>36</sup> A obra representa a primeira obra bíblica infantil e em prosa voltada exclusivamente para o público infantil, mas ainda não era um volume completo que envolvesse o AT e o NT. Em 1790, surge *A Compendious History of the Old and New Testament*, editado por Joseph Hazard, uma reescritura da Bíblia reimpressa sistematicamente nos anos seguintes. Em 1780, duas companhias inglesas lançam histórias bíblicas para jovens, também baseadas no texto de Fontaine, traduzidas do francês por um jesuíta de nome Joseph Reeve, denominada *The History of the Old and New Testament, Interspersed with Moral and Instructions Reflections*.

O ecumenismo, a partir de 1960, estabeleceu mudanças na estruturação das Bíblias infantis inglesas. A diferenciação entre Bíblias católicas e protestantes foram diminuindo gradativamente, o que contribuiu para uma chegada em massa de Bíblias infantis no mercado livreiro.

#### **2.3.4 Estados Unidos da América**

Nos Estados Unidos, podemos registrar ao menos três volumes de Bíblias infantis em verso. *Verbum Sempiternum* e *Holy Bible in Verse*, respectivamente

---

<sup>36</sup> “In 1690 *The History of Genesis*, faithfully translated specifically for children from Fontaine’s *Genesis Stories*, also appeared in the London book market”. (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 43-44).

editadas por John Taylor (1580-1653) e Benjamin Harris (1673-1716), circularam amplamente nos Estados Unidos; e *The History of the Holy Jesus*, em 1746. Bottigheimer (1996) informa que, até 1763, ainda não havia surgido uma Bíblia infantil em prosa que contivesse tanto o AT quanto o NT nas colônias americanas, e segue sinalizando que “tanto os Protestantes Americanos quanto os Católicos Americanos (cujos fiéis cresciam em grandes números) não pareciam preparados para dar a seus filhos histórias bíblicas”<sup>37</sup> (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 46).

Uma grande mudança aconteceu na década de 1780, quando, segundo a escritora supracitada, houve uma reprodução da Bíblia inglesa *Holy Bible Abridged* de Newbery:

Na década de 1780, a situação americana mudou radicalmente. A imprensa de Boston pirateou a Bíblia Sagrada Abreviada de Newbery; Em 1786, o astuto editor de Worcester, Isaiah Thomas, seguiu o exemplo; e em 1815 a Bíblia Sagrada Abreviada foi impressa em centros de impressão urbanos e provinciais em todo o nordeste americano. Em 1784, as impressoras de Boston e Filadélfia divulgaram a tradução inglesa de Joseph Reeve sobre a História Francesa do Antigo e Novo Testamentos de Fontaine para leitores católicos. Volumes semelhantes, como *The History of the Holy Bible* e *The Bible in Miniature*, em versões mais curtas e em versões mais longas, rapidamente se juntaram a tradução de Reeve e a de Thomas e espalharam para fora de Boston, Nova York e Filadélfia.<sup>38</sup> (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 46).

A prática dominou o mercado americano nos séculos XVIII e XIX, dispondo aos imigrantes da Europa Central um vasto material bíblico conforme os interesses dos novos cidadãos. Com relação às Bíblias de origem alemã, poucas delas apareceram nos Estados Unidos. No entanto, em 1870, Bottigheimer (1996) nos informa que as Bíblias de Hübner, Christian Gottlob Barth (1799-1862) (tal como *Zweymal zwey und fünfzig biblische Geschichten für Schulen und Familien*) e de outros autores alemães apareceram abundantemente em algumas cidades como Nova Iorque, Pensilvânia, Chicago e Cincinnati, num período em que o avanço da imigração coincidiu com a popularização das Bíblias infantis. Contudo, mesmo

---

<sup>37</sup> “Neither American Protestants nor American Catholics (of whom there were growing numbers) seemed ready to give Bible stories to their children” (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 46).

<sup>38</sup> “In the 1780s the American situation changed radically. Boston printers pirated Newbery's *Holy Bible Abridged*; in 1786 the astute Worcester printer, Isaiah Thomas, followed suit; and by 1815 *The Holy Bible Abridged* had been printed in urban and provincial print centers all over the American northeast. In 1784 presses in Boston and Philadelphia brought out Joseph Reeve's English translation of Fontaine's French *History of the Old and New Testament* for Catholic readers. Similar volumes, like *The History of the Holy Bible* and *The Bible in Miniature*, in shorter and in longer versions, quickly joined Thomas's import and Reeve's translation and spread outward from Boston, New York, and Philadelphia”. (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 46).

diante de uma grande multiplicidade de Bíblias, a escritora Bottigheimer (1996, p. 47) nos faz uma revelação:

Entre a multidão de Bíblias infantis adaptadas para um grupo étnico e para religiões específicas, nenhuma Bíblia infantil foi composta especificamente para crianças afro-americanas nos EUA, apesar da existência de uma longa tradição europeia e americana de identificar numerosos antepassados bíblicos (por exemplo, a Rainha de Sabá e a esposa de Moisés) como africanos.<sup>39</sup> (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 46).

Um personagem que também causou grande impacto na história da Bíblia americana foi Elias Boudinot (1740-1821). Advogado americano e estudioso das Escrituras Sagradas, Boudinot nutria o desejo de distribuir Bíblias em qualquer lar e assim, uniu pequenas organizações locais já existentes em uma organização nacional que pudesse levar uma Bíblia a cada cidadão. Em 1816, Boudinot, juntamente com representantes e adeptos dos mesmos ideais, fundam a *American Bible Society* (ABS) em Nova Iorque. Seus fundadores acreditavam que a mensagem da Bíblia poderia transformar vidas e estabelecer a nação num curso moral adequado.

Segundo o escritor John Fea, autor da obra *The Bible Cause: A History of the American Bible Society* (2016), a ABS foi uma das pioneiras a editar uma Bíblia em Braile e, com a ajuda do linguista Eugene Nida (1914-2011), avançou nas traduções bíblicas numa linguagem mais acessível (PETERSEN, 2016).

Diversas impressões da Bíblia foram sendo feitas no início do século XX em variadas formas, tamanhos e traduções, tendo-se observado também o surgimento de dicionários bíblicos, enciclopédias bíblicas, discursos e exegeses comentadas. Havia um entendimento de que todo cidadão comum deveria ter uma Bíblia para que pudesse lê-la por si mesmo. Essa ênfase na leitura inspirou certamente a educação americana, inclusive, a infantil, que pregava que cada criança teria um catecismo ou uma Bíblia pela qual deveria aprender a ler e escrever. Esse ponto de vista é corroborado pelo escritor e professor do Departamento de Justiça, Direito e Sociedade da Universidade Americana de Washington, Daniel Dreisbach, que, por meio de uma palestra<sup>40</sup> no *campus* da *Houston Baptist University*, sustenta que a Bíblia causou profundo impacto na cultura americana, na língua, no sistema

---

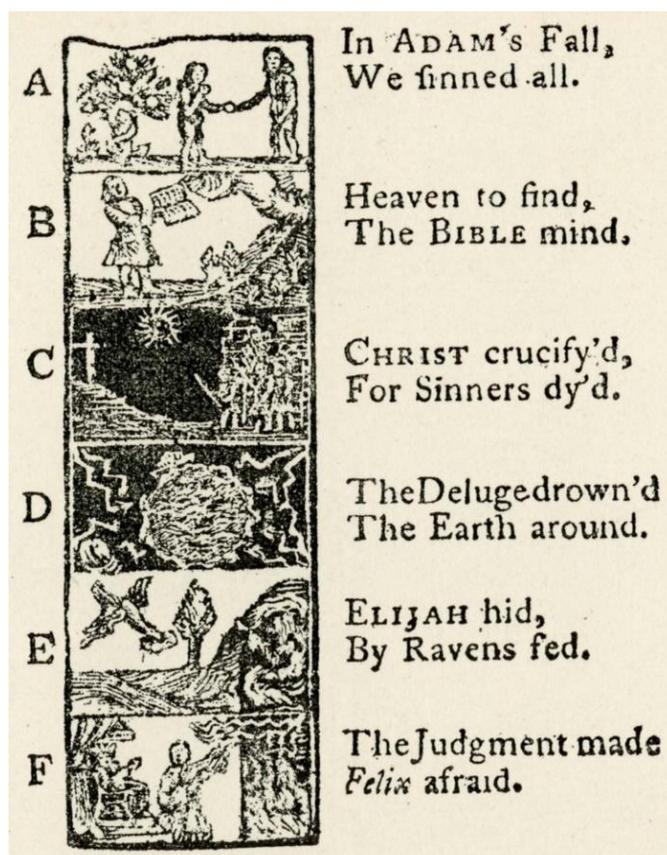
<sup>39</sup> “Among the multitude of children’s Bibles tailored for ethnic grouping and specific religions, no children’s Bibles have been composed specifically for African-American children in the US, despite the existence of a long European and American tradition of identifying numerous biblical progenitricies (for example, the Queen of Sheba and Moses’ wife) as African.” (BOTTIGHEIMER, 1996, p. 47).

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o4UqJlq1wGU>>. Acesso em: 19 set. 2017.

educacional, nas leis e na política. Ele afirma que nas culturas moldadas pela Reforma Protestante existem elos que conectam a teologia da Reforma com a Bíblia vernácula, a Bíblia vernácula com a alfabetização, a alfabetização com a educação de uma forma mais ampla e a educação com uma espécie de autogoverno ou autonomia.

A figura 2. ilustra o *The New England Primer*, o primeiro livro-texto impresso utilizado na alfabetização de crianças a partir de 1690, uma espécie de cartilha publicada por Benjamin Harris em Boston e utilizada por mais de dois séculos nas escolas das colônias inglesas. Sua mensagem traz uma tentativa de reunir o estudo do alfabeto com a leitura bíblica, onde cada letra do alfabeto é associada a uma exposição do texto bíblico.

Figura 2. Ilustração do *The New England Primer*.



Fonte: <<https://www.britannica.com/topic/The-New-England-Primer>>. Acesso em: 19 set. 2017.

Os escritores Steve Green e Toddy Hillard, autores da obra *The Bible in America: What We Believe About The Most Important Book in Our History* (2013), fazem uma exposição do modo como eram feitas essas associações:

**The alphabet was taught using Biblical examples:**

**A** – A wise son makes a glad father, but a foolish son is the heaviness of his mother.

**B** – Better is little with fear of the Lord than great treasure and trouble therewith.

**C** – Come unto Christ ye that labor and are heavy laden and He will give you rest.

**D** – Do not the abominable thing which I hate saith the Lord.

**E** – Except a man be born again, he cannot see the Kingdom of God.

(GREEN; HILLARD, 2013, p. 86, grifo nosso).

As Bíblias infantis figuram entre os tipos mais populares e influentes de publicações religiosas em diversos países do mundo. A variedade de maneiras pelas quais esse gênero literário se adaptou ao longo da história ao recontar as narrativas bíblicas ilustra a crença de gerações de pais, avós, professores, teólogos, padres, pastores e outros personagens de que as crianças deveriam ser bíblicamente alfabetizadas, o que acabou por situar as Bíblias infantis entre as publicações mais populares do gênero.

A seguir faremos uma breve discussão acerca dos Estudos da Tradução associando-os ao texto bíblico canônico e sua respectiva adaptação ao texto literário infantil.

## CAPÍTULO 3

### ADAPTAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO DO TEXTO

Após as discussões até aqui apresentadas e a visão de que os estudos que envolvem a literatura infantil como sendo, de fato, literatura, estão se tornando cada vez mais presentes no meio acadêmico, retomamos nossa discussão para a área da tradução de Bíblias infantis e os processos tradutórios que as envolvem. Cabe lembrar que os conceitos de “infância”, assim como a atenção que se voltou para as crianças a partir do século XVII, são aspectos relativamente recentes (ARIÈS, 1986), o que nos sugere que tais mudanças despertaram o mercado editorial no sentido de produzir edições específicas para o universo infantil, dada a importância de um público cercado de interesses e necessidades distintas do público adulto. Assim, deparamo-nos com um florescimento desses volumes, o que enseja um estudo aprofundado de como a Bíblia canônica tem sido adaptada para as crianças, seja em sua suplementação, seja em sua supressão, mas sempre considerando as especificidades pertinentes ao público em discussão, conforme Shavit (1986, p. 6):

Da mesma forma que as pessoas assumiram que uma criança precisava de vestimentas, brinquedos e jogos diferentes, também se supunha que um leitor infantil diferisse do adulto, tanto na sua capacidade de compreender, quanto nas necessidades educacionais. Por conseguinte, era essencial que os textos produzidos para elas respondessem às suas necessidades e capacidades. Claro, a compreensão dessas necessidades e capacidades não foi corrigida, mas mudou de período para período, alterando o caráter dos textos para crianças também.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> *“In the same way that people assumed a child needed different dress, toys, and games, it was also assumed that a child reader differed from the adult, both in his capacity to comprehend, as well as in his educational needs. Accordingly, it was essential that the texts produced for him should respond to his needs and capacities. Of course, the understanding of these needs and capacities was not fixed, but changed from period to period, consequently changing the character of the texts for children as well.”* (SHAVIT, 1986, p. 6).

Ao considerarmos os ETs como uma área que envolve a comunicação humana e que possibilita uma “transformação”, quer seja textual ou imagética, assentimos de alguma forma que a tradução também altera aquilo que se deseja traduzir (material), a partir do momento em que duas línguas se chocam e trazem em si suas diversidades, conforme Nida ([1964] 2000, p. 126) aborda em seu artigo *Principles of Correspondence*:

Uma vez que não há duas línguas idênticas, quer nos significados dados aos símbolos correspondentes, quer nas formas em que tais símbolos estão dispostos em frases e sentenças, é lógico que não haja correspondência absoluta entre os idiomas. Portanto, não pode haver traduções completamente exatas.<sup>42</sup> (NIDA, [1964] 2000, p. 126).

Nida (1964) também nos orienta que em uma tradução há diversas mensagens que variam de acordo com os propósitos do tradutor e que, além disso, há que se atentar para os públicos em potencial a quem uma tradução é dirigida. A habilidade de decodificação do texto e o potencial interesse do leitor devem ser considerados. Por conseguinte, tratando-se de um público infantil cujo vocabulário e experiência cultural são limitados, Nida ([1964] 2000, p. 128) afirma:

Obviamente, uma tradução concebida para crianças não pode ser a mesma que uma preparada para especialistas, nem uma tradução para crianças é a mesma que uma para adultos recém-alfabetizados. As perspectivas de um público diferem não só na capacidade de decodificação, mas talvez ainda mais em seus interesses.<sup>43</sup>

Os recentes ETs nos mostram que essa “transformação” viabiliza determinadas adaptações, julgadas importantes pelo tradutor para atingir um objetivo. Conforme Sanders (2016), os estudos que abordam a adaptação lançam uma série de termos nos quais, visualizamos uma correlação:

[...] Estudos da adaptação lançam um rico léxico de termos: versão, variação, interpretação, continuação, transformação, imitação, pastiche, paródia, falsificação, travesti, transposição, reavaliação, revisão, reescrita, eco [...].

A adaptação é, no entanto, frequentemente envolvida na oferta de comentários sobre um texto-fonte. Isso é alcançado na maioria das vezes,

---

<sup>42</sup> “*Since no two languages are identical, either in the meanings given to corresponding symbols or in the ways in which such symbols are arranged in phrases and sentences, it stands to reason that there can be no absolute correspondence between languages. Hence there can be no fully exact translations.*” (NIDA, 1964, p. 126).

<sup>43</sup> “*Obviously a translation designed for children cannot be the same as one prepared for specialists, nor can a translation for children be the same as one for a newly literate adult. Prospective audiences differ not only in decoding ability, but perhaps even more in their interests.*” (NIDA, [1964] 2000, p. 128).

oferecendo um ponto de vista revisado do 'original', adicionando motivação hipotética ou expressando o que o texto silencia ou marginaliza. No entanto, a adaptação também pode continuar uma tentativa mais simples de tornar os textos "relevantes" ou facilmente **compreensíveis para novos públicos e leitores** através dos processos de aproximação e atualização. (tradução nossa) <sup>44</sup> (SANDERS, 2016, 22-23, grifos nossos).

Seguindo o mesmo entendimento de Nida ([1964] 2000) e Sanders (2016), entendemos adaptação como sendo uma técnica que pode ser utilizada a partir de uma intervenção no próprio material a ser traduzido, onde determinadas omissões ou adições são vistas como “modificadores” ou “contribuintes” para o texto adaptado, a fim de torná-lo mais compreensível para um determinado público. Para Nida ([1964] 2008, p. 42), a “naturalidade” é um requisito fundamental. Tal modificação pode sugerir o uso de uma suplementação por meio de recursos visuais, textuais, semânticos ou imagéticos, que trazem em si a função de complementar de forma eficiente o que se deseja transmitir ao leitor.

Conforme Georges Bastin (2014), a adaptação pode ser um recurso de resolução de conflitos e enriquecimento do texto na perspectiva dos ETs. O autor ainda nos lembra como os ETs foram tomando forma ao longo das últimas décadas. Numa escala de mudanças ocorridas na história dos ETs, por muito tempo (anos 50) eles foram considerados uma esfera da linguística aplicada, em que o texto em si era a referência. Nos anos 70, um novo aspecto da tradução emergiu a partir da teoria sobre análise do discurso, o que promoveu maior visibilidade ao conteúdo da mensagem e o que este causaria no leitor, prestigiando de certa forma a figura do tradutor, visto que ele é um participante do processo de comunicação. Dos anos 80 em diante, os pesquisadores dos ETs passaram a considerá-los como uma disciplina autônoma, o que proporcionou novas abordagens e um reconhecimento da figura do tradutor e, de igual modo, também foi conferida a possibilidade de examinar os contextos culturais, o conjunto de costumes e hábitos que envolvem determinado público, seu comportamento, seus valores, suas crenças e ideias característicos de uma coletividade, época ou região, no intuito de esclarecer o

---

<sup>44</sup> “[...] *Adaptation studies* throws up a rich lexicon of terms: *version, variation, interpretation, continuation, transformation, imitation, pastiche, parody, forgery, travesty, transposition, revaluation, revision, rewriting, echo* [...]” (SANDERS, 2016, 22-23).

“*Adaptation is nevertheless frequently involved in offering commentary on a source text. This is achieved most often by offering a revised point of view from the ‘original’, adding hypothetical motivation or voicing what the text silences or marginalizes. Yet adaptation can also continue a simpler attempt to make texts ‘relevant’ or easily comprehensible to new audiences and readerships via the processes of proximation and updating*”. (SANDERS, 2016, 22-23).

processo e o efeito da tradução. Nesse sentido, “os estudos culturais testemunharam a mesma evolução e os estudos de adaptação evolirão cada vez mais da mesma forma, não limitando a análise objetiva de dois produtos: um original e um adaptado [...]”<sup>45</sup> (BASTIN, 2014, p. 75). Desse modo, procura-se reconhecer todos os aspectos em que ambos estão envolvidos.

Motivos não faltam para discussões envolvendo os processos de adaptação, afinal, a ideia de adaptar qualquer texto para um público específico ou para um formato diferenciado sempre foi objeto de debates por parte de alguns teóricos: domesticar VS. estrangeirizar. Por vezes, alguns teóricos da área do ETs criticam tal estratégia de adaptação, outros, porém, apoiam-na, por serem que todo trabalho que envolva a tradução implica uma ação domesticadora. Observa-se, por exemplo, que a transposição de um poema em canção, a atenuação de uma certa narrativa indicada para um leitor infantil ou a novelização de um filme revelam muitas proposições pertinentes aos ETs que podem ser vistas como intervenções. Desse modo, como afirma Bastin (2014, p. 76), “a tradução e a adaptação são ‘intervenções’ e isso pode constituir um terreno comum para a aproximação entre ambas”<sup>46</sup> no fortalecimento das estratégias de comunicação. Tal procedimento visa à funcionalidade do texto traduzido naquilo que poderia favorecer a compreensão do leitor. No entanto, Bastin (2014) adverte que, quanto aos recursos de adaptação do texto traduzido, deve-se considerar, acima de tudo, a função do texto, que precisa “absolutamente ser preservada na adaptação” (BASTIN, 2014, p.76).

No que diz respeito à Literatura Infanto-juvenil, percebe-se que os processos em que ocorrem uma transformação no texto são comuns e se propagaram primeiramente por meio da memória dos povos. Coelho (2010) nos orienta que as fábulas de La Fontaine têm sido “leitura obrigatória das crianças de todo o mundo [e] [...] permanecem sendo contadas e recontadas de geração em geração, assim como sofrendo diversas transformações ao serem traduzidas para outras línguas” (COELHO, 2010, p. 80). De igual forma e assumindo um valor claramente ideológico, Coelho (2010) nos informa que um grande material folclórico coletado pelos Irmãos Grimm (*Kinder-und Hausmärchen*), assim como os contos de Perrault,

---

<sup>45</sup> “Cultural Studies have witnessed the same evolution and Adaptation Studies are increasingly going to evolve in the same way, not limiting to an objective analysis of two products: one original and one adapted”. (BASTIN, 2014, p. 75).

<sup>46</sup> “Translation and adaptation are ‘interventions’ and this might be a common ground for further rapprochement between both activities”. (BASTIN, 2014, p. 76).

mudaram radicalmente seu contexto com o advento do Romantismo (século XIX), uma vez que se notaram “outras maneiras de o homem ver e compreender o próprio homem, seu mundo e seus objetivos na vida” (COELHO, 2010, p. 150-151).

O movimento romântico trouxe uma forte experiência estética marcada pela ênfase nas emoções, preocupação com a natureza e os sentimentos humanos, a liberdade do indivíduo e, em especial, o potencial criativo, algo fascinante para os românticos por fugir dos padrões clássicos e das expectativas rigorosas dos tempos anteriores. Em resumo, ocorria uma renovação das vozes no meio artístico se propagando pelas áreas das artes, música, arquitetura e literatura. Tais mudanças afetaram os contos hoje considerados infantis, como, por exemplo, *Chapeuzinho Vermelho*, um conto que sofreu diversas adaptações. A finalização dada por Perrault apresenta um cenário dramático em que o lobo devora a menina e a sua vó. Por outro lado, com os Irmãos Grimm, ambas as personagens são libertas, enquanto que o lobo é morto pelo caçador que enche seu estômago com pedras. Numa versão mais moderna, como a do escritor americano Eric Kimmel, a vovó foge e chapeuzinho, percebendo haver um lobo em lugar da vovó, oferece a ele uma torta de pimentas que o faz subir pelo telhado<sup>47</sup>. Essas variações ilustram como a criança era percebida e, possivelmente, como cada contista fez uma leitura em torno das perspectivas de cada época, num sentido claro de evitar informações inadequadas às crianças. Os tons dramático, feliz ou humorado, dados ao conto de *Chapeuzinho Vermelho*, parecem ser tons dados em diferentes momentos para intenções distintas.

Shavit (1986) argumenta que, no tempo de Perrault, não se falava em um sistema educacional voltado para a educação sistemática da criança, enquanto que no contexto dos Irmãos Grimm a estrutura educacional em torno das crianças já se delineava e era considerada essencial para seu bem-estar, considerando ainda que

Devido à falta a essa época de material produzido exclusivamente para crianças, *Kinder und Hausmärchen (Contos de fada para crianças)* foi lido por crianças, o que induziu os Irmãos Grimm a ajustar o texto, especialmente do ponto de vista estilístico. Também é interessante notar que o grande sucesso da primeira edição em inglês dos Grimm, publicada em 1823 e adaptada para crianças por Edgar Taylor, encorajou os Irmãos a publicar uma coleção de cerca de cinquenta contos populares, modificados

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://booksmykidsread.wordpress.com/2013/12/12/the-various-tales-of-little-red-riding-hood/>> Acesso em 12 de outubro de 2017.

para crianças do mesmo modo que a edição em inglês.<sup>48</sup> (SHAVIT, 1986, p. 20).

Quando se trata de Bíblias infantis, nossa discussão compartilha das opiniões de Shavit (1986) no que concerne às restrições sistemáticas de um sistema fonte para o sistema alvo, em que os tradutores deverão considerá-las no processo tradutório. Assim, diferentemente dos tradutores de livros para adultos,

O tradutor da literatura infantil pode se permitir grandes liberdades em relação ao texto, como resultado da posição periférica da literatura infantil no polissistema literário. Ou seja, ao tradutor é permitido manipular o texto de várias maneiras alterando, ampliando, excluindo ou adicionando algo a ele. No entanto, todos esses procedimentos de tradução só são permitidos se condicionados pela adesão do tradutor a dois princípios a seguir em que se baseia a tradução para crianças: um **ajuste** do texto para torná-lo **apropriado** e útil para a criança, de acordo com o que a sociedade considera [...] como educativamente "bom para a criança"; e um **ajuste** do enredo, da caracterização e da linguagem às percepções da sociedade predominante sobre a capacidade de leitura e compreensão da criança.<sup>49</sup> (SHAVIT, 1986, p. 123, grifos nossos).

Cabe ressaltar que, especificamente a respeito das Bíblias infantis, há certo agravamento por se tratar de um texto canônico (Bíblia), voltado para o público adulto, em que sua integralidade será diretamente afetada ao ser traduzido para o público infantil, tendo em vista o nível de entendimento do leitor e sua respectiva maturidade.

Como, por exemplo, tratar de toda a origem da criação, como consta no livro de Gênesis, em uma Bíblia infantil? Como seria traduzir para uma criança os sacrifícios envolvendo animais constantes do livro de Levítico? Como tratar sobre adultério, assassinato e poligamia, nessas perspectivas, constantes nas Escrituras Sagradas? São questionamentos complexos que envolvem a área dos ETs assim como a abordagem do tradutor. Talvez tais dificuldades expliquem o porquê de

---

<sup>48</sup> "Because of the lack at this time of reading material produced solely for children, *Kinder und Hausmärchen* was read by children, which induced Brothers Grimm to adjust the text, especially from the stylistic point of view. It is also interesting to note that the great success of the first English edition of Grimm, published in 1823 and adapted for children by Edgar Taylor, encouraged Brothers Grimm to publish a collection of about fifty popular tales, modified for children in the same manner as the English edition". (SHAVIT, 1986, p. 20).

<sup>49</sup> "[...] the translator of children's literature can permit himself great liberties regarding the text, as a result of the peripheral position of children's literature within the literary polysystem. That is, the translator is permitted to manipulate the text in various ways by changing, enlarging, or abridging it or by deleting or adding to it. Nevertheless, all these translational procedures are permitted only if conditioned by the translator's adherence to the following two principles on which translation for children is based: an adjustment of the text to make it appropriate and useful to the child, in accordance with what society regards [...] as educationally 'good for the child'; and an adjustment of plot, characterization, and language to prevailing society's perceptions of the child's ability to read and comprehend". (SHAVIT, 1986, p. 123).

haver, na grande maioria dos conteúdos de uma Bíblia infantil, narrativas simplificadas que envolvam a criação do Universo por Deus, a presença de animais como na Arca de Noé, os feitos heroicos como os de Davi, as vitórias em batalhas e os milagres de Jesus Cristo. Assim, consentimos com Shavit (1986, p. 126) quando declara que “o procedimento de transformação de um texto em um menos sofisticado e seu ajuste para um modelo simplificado é sempre alcançado por supressões ou por alterar a relação entre elementos e funções”<sup>50</sup> (SHAVIT, 1986, p. 126).

Embora o texto de origem de uma Bíblia infantil seja o texto canônico proveniente das Escrituras Sagradas, Jacqueline Du Toit (2008, p. 33) nos adverte que muitos dos tabus em torno da sacralidade do texto bíblico foram quebrados na tradução para uma versão infantil:

A inserção do título, a exclusão e clarificação de textos difíceis, a simplificação, as ilustrações e a interrupção da sequência canônica representam problemas para a noção de uma tradução divinamente inspirada, correta em todos os detalhes, ‘precisa’ e ‘fiel’.<sup>51</sup> (DU TOIT, 2008, p. 33).

Assim, Du Toit (2008) segue levantando a questão da “fidelidade” nas traduções do gênero quando originadas de um texto sagrado, em que a tradição também assume um papel de suma importância, pois também se leva em consideração a questão da passagem bíblica que admoesta a respeito do acréscimo ou da supressão de algum trecho da Bíblia, como no livro de Deuteronômio 4, 2: “Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do Senhor, vosso Deus, que eu vos mando” (BBE, Deuteronômio, 4, p. 283).

Nossa discussão se intensifica ainda mais quando tratamos das imagens presentes em uma Bíblia infantil, que claramente fazem parte do texto traduzido, transmitindo ao jovem leitor uma variedade de significados, o que contrasta com a questão do aniconismo na cultura judaico-cristã. A esse respeito, o professor de História, Ivan Esperança Rocha, do Departamento de História Antiga da

---

<sup>50</sup> “The procedure of transformation of a text into a less sophisticated one and its adjustment to a simplified model is always achieved either by deletions or by changing the relation between elements and functions”. (SHAVIT, 1986, p. 126).

<sup>51</sup> “Yet, despite the sacredness in which adult and juvenile version was hereby cloaked, many canonical taboos were broken in children's bible translation: title insertion, the exclusion and sanitizing of troubling texts, simplification, pictures, and the disruption of canonical sequence all pose problems for the notion of a divinely inspired, letter-perfect, ‘accurate’ and ‘faithful’ translation”. (DU TOIT, 2008, p. 33).

Universidade de São Paulo – UNESP, declara, em seu artigo *Imagem no judaísmo: aspectos do "aniconismo" identitário* (2007), que:

Os judeus consideraram sua religião e seu código religioso de comportamento um elemento essencial de sua identidade e de sua sobrevivência ante os inúmeros momentos de dispersão em que foi envolvido. Entre as leis do corpo normativo israelita se encontra uma proibição de **produzir ou conservar imagens** com o intuito de preservar uma ideia de monoteísmo, que iria de certa forma represar a arte israelita durante séculos. A proibição, inicialmente ligada à reprodução de ídolos estrangeiros, acaba se estendendo a outros tipos de representação iconográfica, particularmente ligada à figura humana – considera-se o homem criado à imagem de Deus, que vigorou, com uma certa intensidade, praticamente até as portas da Haskalah, o iluminismo judaico, iniciado em fins do século XVIII. (ROCHA, 2007, p. 119-120, grifo nosso).

Portanto, falar de “fidelidade” no que diz respeito às Bíblias infantis e seu processo tradutório torna-se algo complexo, visto que novas perspectivas, além do texto canônico, são consideradas. No dizer de Oittinen (apud DU TOIT, 2008, p. 35), “livros ilustrados quebram barreiras”.

### 3.1 OBSERVAÇÕES DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

O filósofo e tradutor alemão Friedrich Schleiermacher (1768-1834) discute, em seus escritos *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução* (1813), uma polêmica que circunda os ETs. Segundo o autor (2007), haveria duas maneiras de traduzir, resumidamente explicadas da seguinte forma: ou o tradutor “move” o leitor em direção ao autor, ou o tradutor “move” o autor em direção ao leitor. A partir daqui nomearemos ambas as formas como “emancipação” e “estrangeirização”, respectivamente, como duas estratégias básicas de tradução.

A “emancipação”, como já citamos anteriormente, é entendida como uma técnica que torna o texto mais fluido, mais transparente ou adaptado, para que se minimize aquilo que nele há de “estranho”, entendendo-se “estranho” como algo que possa dificultar o entendimento do leitor da língua-alvo, tanto no sentido linguístico-social, como no sentido cultural.

Por outro lado, “estrangeirização” corresponde ao oposto, ou seja, numa tradução o tradutor deve procurar manter tais elementos cabendo ao leitor decodificar a mensagem. Nesse processo, percebe-se que a teoria de Schleiermacher (2007) traz em si a abordagem de aspectos sociais, políticos e culturais, visto que o filósofo vê, a partir da preservação do texto original, que o leitor

pode ser apresentado aos aspectos concernentes à cultura de partida. Daí se pode afirmar que o leitor da língua-alvo se conectaria, a partir de uma leitura “estrangeirizada”, com o conhecimento do “outro”, por meio da tradução. Nesse ínterim, o tradutor teria a tarefa de propiciar tal contato, sem que o autor da obra seja afastado de sua língua-materna (texto original).

Assim como Schleiermacher (2007), o escritor e tradutor Lawrence Venuti (1995) advoga pela estrangeirização do texto e percebe o ato tradutório como um processo que deve considerar o aspecto cultural da língua-fonte. Assim, uma das funções do tradutor seria preservar na tradução o “significado” na língua-alvo. Segundo Venuti (1995), os costumes e valores culturais devem mediar o processo tradutório, mesmo que determinada tradução cause estranheza ao leitor. O teórico tem feito duras críticas aos tradutores que, na tentativa de alcançar uma tradução fluente, “facilitam” a leitura da tradução minimizando as “estranhezas” que surgem a partir da tradução do texto original, ignorando os aspectos culturais no sentido de se obter um texto perfeito na língua-alvo. A esse respeito, Venuti (1995, p. 2) contra-argumenta que:

A ilusão de transparência é um efeito do discurso fluente, do esforço do tradutor para assegurar uma facilidade na leitura, aderindo a um significado mais preciso e mantendo a sintaxe contínua. O que é tão notável aqui é que este efeito ilusório esconde as numerosas condições sob as quais a tradução é feita, começando com a intervenção crucial do tradutor no texto estrangeiro. Quanto mais fluente for a tradução, mais invisível é o tradutor e, presumivelmente, mais visível o escritor ou o significado do texto estrangeiro.<sup>52</sup>

Segundo Venuti (1995), esse modelo de tradução “fiel” provoca um efeito na figura do tradutor causando sua “invisibilidade” e assim, sua marginalização, considerando que essa “fluência textual” produz uma “transparência” na tradução induzindo o pensamento de que o texto traduzido é uma representação da pessoa do autor (do texto original), como se ele o tivera traduzido/produzido. O escritor nomeia a atitude de tornar o texto fluente como uma “domesticação” da tradução que desconsidera as diferenças linguísticas entre língua-fonte e língua-alvo.

---

<sup>52</sup> “*The illusion of transparency is an effect of fluent discourse, of the translator’s effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning. What is so remarkable here is that this illusory effect conceals the numerous conditions under which the translation is made, starting with the translator’s crucial intervention in the foreign text. The more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text.*” (VENUTI, 1995, p. 2).

### 3.1.1 Mediação entre o texto e o leitor

Deparamo-nos com um dos conflitos que divide teóricos dos ETs: adaptar ou estrangeirizar? No entanto, o teórico Georges Bastin (1998, p. 3) ressalta que “a adaptação sempre existiu, uma vez que é uma parte ‘normal’ de qualquer operação intelectual [...]”<sup>53</sup> e que seu auge se deu nos séculos XVII e XVIII na França, seguindo posteriormente para o resto do mundo. Justificava-se, nessa época, que a adaptação se fazia necessária por moldar as traduções aos interesses e costumes da cultura alvo. Em seguida, percebeu-se a importância de haver uma comunicação eficiente entre o texto-fonte e texto-alvo, o que, segundo o teórico, não foi capaz de desmistificar o conflito, pois, “[...] de um modo geral, muitos historiadores e estudiosos da tradução continuam a ter uma visão negativa da adaptação, descartando o fenômeno como distorção, falsificação ou censura [...]”<sup>54</sup> (BASTIN, 1998, p. 3).

O teórico segue pressupondo que manter a “estranheza” do texto original, como proposto por Schleiermacher (2007), limita o leitor, imbuindo o texto com certa “artificialidade”, e que essa rejeição em tratar a adaptação fora da perspectiva da tradução por alguns teóricos é motivada por “questões ideológicas”. Em se tratando de uma Bíblia infantil, não vemos como não pensar em adaptação, tendo em vista nosso receptor ser um público distinto do público adulto. Assim, buscando-se uma mediação de extrema importância entre o texto e o leitor, seria algo complexo de se conseguir a partir da proposta de Schleiermacher (2007) com a “estrangeirização” do texto.

Ao analisarmos as condições históricas em que Schleiermacher (2007) idealizou seus escritos, a saber, durante o período Romântico alemão (séculos XVIII a XIX), deparamo-nos com um ambiente onde se almejava uma emancipação. Portanto, a atividade tradutória desempenharia também a função de levar às nações um pouco da cultura alemã. Assim, a tradução exerceria aqui um papel de

---

<sup>53</sup> “*Adaptation has always existed, since it is a ‘normal’ part of any intellectual operation [...]*”. (BASTIN, 1998, p. 3).

<sup>54</sup> “*Generally speaking, many historians and scholars of translation continue to take a negative view of adaptation, dismissing the phenomenon as a distortion, falsification or censorship [...]*”. (BASTIN, 1998, p. 3).

relevância política, social e cultural, no sentido de mostrar as particularidades dos vários aspectos dessa futura nação alemã, conforme Venuti (1995, p. 99):

Em 1813, durante as guerras napoleônicas, a leitura de Friedrich Schleiermacher, *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* ('Os diferentes métodos de tradução'), considerou a tradução uma prática importante no movimento nacionalista prussiano: poderia enriquecer a língua alemã ao desenvolver uma literatura de elite e assim permitir que a cultura alemã realizasse seu destino histórico de dominação global.<sup>55</sup> (VENUTI, 1995, p. 99).

Por certo, essa visão emancipadora de Schleiermacher (2007) explica sua simpatia pela estrangeirização do texto traduzido e, ainda mais, quando questões filosóficas, linguísticas, teológicas e literárias surgidas à época, propuseram o despertar de vários pensadores e pesquisadores alemães como Wilhelm von Humboldt (1767-1835), August Wilhelm Schlegel (1767- 1845), Jakob Grimm (1785-1763), entre outros.

A professora Margarete von Mühlen Poll, da Universidade Federal da Paraíba, informa-nos que havia, naquela época, um grande sentimento para que a língua alemã fosse despertada e, com ela, seus atributos linguísticos e os aspectos que marcam uma sociedade:

A teoria linguística desenvolvida no período de Friedrich Schleiermacher tinha como base a ideia de que os acontecimentos marcantes imprimem seu caráter na língua e na literatura de um povo. As preocupações e avanços econômicos, culturais, tecnológicos, científicos deixam marcas não só no vocabulário, mas também na forma de expressar desse povo, e que a unificação linguística se mostra como um dos principais elementos para a unificação política e integração nacional.<sup>56</sup> (POLL, 2001, p. 11).

Logo, havia um sentimento patriótico que “agitava” o entendimento de Schleiermacher (2007) tanto no sentido de tornar a região que viria a ser a Alemanha conhecida por outras nações, como também havia o interesse de despertar um sentimento nacional nos leitores de traduções alemãs, o que refletiria na possibilidade de a Alemanha se tornar uma referência na cultura europeia.

Nesse sentido, a escritora Mary Snell-Hornby (2012, p. 191) nos comunica que “[...] o ‘conhecimento da língua original’ de Schleiermacher não é interpretado

---

<sup>55</sup> “In 1813, during the Napoleonic wars, Friedrich Schleiermacher’s lecture *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* (‘On the Different Methods of Translating’) viewed translation as an important practice in the Prussian nationalist movement: it could enrich the German language by developing an elite literature and thus enable German culture to realize its historical destiny of global domination”. (VENUTI, 1995, p. 99).

<sup>56</sup>Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79686/176936.pdf?sequence=1>> Acesso em 5 de junho de 2017.

como mera competência linguística, mas como conhecimento cultural”. A autora ainda cita Hans Vermeer, quando este diz que “tanto a tradução assimiladora como a distanciadora não infligem danos à cultura de partida” (SNELL-HORNBY, 2012, p. 191), pois o “movimento” a que Schleiermacher se refere, quando reconhece as duas opções a que o tradutor teria no ato tradutório, são, na verdade, segundo Snell-Hornby, metáforas coerentes com as de Vermeer (“aberta a acolher”, ou “transformar-se na própria num movimento de aproximação”), as quais também indicam um movimento no sentido de um processo dinâmico. Portanto, a escritora questiona a dicotomia tão debatida e assinalada pelo escritor alemão no sentido de que existe uma similaridade em ambas, mesmo Schleiermacher privilegiando o “distanciamento”. Na opinião de Snell-Hornby (2012), domesticação e estrangeirização são alternativas de valor aproximado.

### 3.2 CONSIDERAÇÕES DE RIITA OITTINEN

A tradutora e professora da Universidade de Tampere, na Finlândia, Riita Oittinen, convida-nos, em sua obra *Translating for Children* (2000), a refletirmos acerca de sua proposta de tradução: dar nova vida ao texto traduzido para o alcance do leitor específico. A escritora entende que “situação e finalidade são partes intrínsecas de toda tradução”<sup>57</sup>, e que o processo tradutório não se realiza no isolamento, uma vez que, durante o ato da tradução, o tradutor transporta suas experiências e o conhecimento adquirido, resultando, assim, num envolvimento com o leitor e os partícipes da obra. Na visão de Oittinen (2000), a tradução também é um ato que está anteposto àquele que pretende descobrir a ideia do autor original:

Ao invés da autoridade do autor, foco uma atenção especial nas intenções dos **leitores** de um livro em tradução, tanto o tradutor como os leitores de língua alvo. Quais são as intenções dos editores e compradores de livros? Qual é o propósito geral das traduções para diferentes públicos - as crianças, por exemplo? (OITTINEN, 2000, p. 3, grifo nosso).

Com relação à tradução voltada para crianças, lembramos aqui as mesmas considerações feitas por Hunt (2010) no sentido de não haver um reconhecimento

---

<sup>57</sup> “*Situation and purpose are an intrinsic part of all translation*”. (OITTINEN, 2000, p. 3).

da literatura infantil em muitos dos estudos acadêmicos. Tal qual Hunt (2010), Oittinen (2000) visualiza que não há uma verificação das traduções para o público infantil e que poucas são as pesquisas em torno das ilustrações nos livros do gênero. No ato de ler em voz alta às crianças não alfabetizadas, a escritora questiona como o tradutor lidaria com essas questões ao traduzir uma obra infantil, considerando que, nesse processo, a tradução necessita funcionar lado a lado com as ilustrações e a voz daquele que lê, ou seja, Oittinen (2000) prioriza algo muito além do fato de se desejar transmitir apenas o que o original oferece:

[...] Traduzimos para **beneficiar os futuros leitores do texto** - crianças que lerão ou ouvirão as histórias, crianças que interpretarão as histórias em seus próprios caminhos. Esta questão também traz a questão da autoridade. Se simplesmente pretendemos transmitir 'tudo' da mensagem original, ao encontrar uma 'verdade' positivista, esquecemos o propósito e a função de todo o processo de tradução [...]<sup>58</sup> (OITINNEN, 2000, p. 5, grifo nosso).

### 3.2.1 Texto Fonte x Texto Adaptado

Em consonância com Oittinen (2000), o teórico Nida ([1964] 2000) esclarece em seus escritos que as intenções de um tradutor podem compreender muito mais do que simples informações. Para que possa alcançar seus objetivos, como, por exemplo, visar à inteligibilidade do texto e à satisfação do leitor, o tradutor possivelmente faria algumas combinações ou ajustes. Sob tal circunstância, o teórico também analisa a forma como os públicos diferem entre si quanto ao interesse pelo texto e pela sua decodificação, e que tal capacidade (de decodificação) envolve no mínimo quatro níveis, em qualquer idioma, dos quais destacamos dois:

- (1) a capacidade das crianças, cujo vocabulário e experiência cultural são limitados;
- (2) a capacidade do duplo padrão de novos alfabetizados, que podem decodificar mensagens orais com facilidade, mas cuja capacidade de

---

<sup>58</sup> “[...] We translate for the benefit of the future readers of the text—children who will read or listen to the stories, children who will interpret the stories in their own ways. This question also brings up the issue of authority. If we simply aim at conveying “all” of the original message, at finding some positivistic “truth” in the “original,” we forget the purpose and the function of the whole translation process [...]”. (OITINNEN, 2000, p. 5).

decodificar mensagens escritas é limitada [...].<sup>59</sup> (NIDA, [1964] 2000, p. 128).

Conforme Nida ([1964] 2000, p. 128), “obviamente, uma tradução concebida para crianças não pode ser a mesma que uma preparada para especialistas [...]”<sup>60</sup>. Desse modo, o linguista defendeu duas considerações básicas como orientações para o processo tradutório: Equivalência Formal e a Equivalência Dinâmica.

Na Equivalência Formal, o tradutor anseia alcançar a correspondência entre o texto original e o texto traduzido ao refletir as características linguísticas, o vocabulário, os aspectos gramaticais e a estrutura da língua-fonte, o que estabelece um rigor na precisão e exatidão do texto na língua-alvo. Por outro lado, na Equivalência Dinâmica o tradutor se concentra no “espírito” do texto original, ao invés de aderir rigidamente à estrutura e à forma.

Na perspectiva da Equivalência Dinâmica, o teórico Nida ([1964] 2000), que era um especialista em tradução bíblica, alcança também os pequenos leitores ao enfatizar a relação dinâmica que deve haver entre o idioma de origem e o idioma do receptor, o que ressalta uma preocupação com o receptor da tradução. Essa visão também é compartilhada por Oittinen (2000), que claramente vê a necessidade de se adaptar o texto-fonte para o público infantil, mas não apenas no sentido genérico de adaptação. Segundo ela, há uma indisposição quanto ao tema quando tratado nos ETs, uma vez que normalmente se define adaptação como um “desvio do original”, portanto diferente de tradução que, supostamente, equivale ao original. Assim, Oittinen (2000, p. 6) sugere:

Há todas as razões para reavaliar essas ideias de longa data: um original, o primeiro texto, e sua tradução, o segundo texto, são invariavelmente diferentes, já que a tradução foi manipulada (no sentido positivo) pelo seu tradutor. Eu acredito que, juntamente com os novos desenvolvimentos dentro dos estudos de tradução, os problemas em relação à adaptação e equivalência merecem uma análise mais aprofundada.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> “(1) *the capacity of children, whose vocabulary and cultural experience are limited; (2) the double-standard capacity of new literates, who can decode oral messages with facility but whose ability to decode written messages is limited; [...]*”. (NIDA, [1964] 2000, p. 128).

<sup>60</sup> “*Obviously a translation designed for children cannot be the same as one prepared for specialists*”. (NIDA, [1964] 2000, p. 128).

<sup>61</sup> “*There is every reason to reevaluate these long-held ideas: an original, the first text, and its translation, the second text, are invariably different, as the translation has been manipulated (in the positive sense) by its translator. I believe that along with the new developments within translation studies, the problems with respect to adaptation and equivalence deserve more in-depth consideration*”. (OITTINEN, 2000, p. 6).

Adriana Pagano (2003) afirma que a suposição em acreditar que haveria uma “transposição ideal e única” de uma língua para outra resultou na crença de que aquelas traduções que diferissem desse conceito fossem rotuladas como imperfeitas ou inexatas, como refletia o dito “*Traduttori, traditori*”. Porém, com o advento das novas teorias e pesquisas nos ETs, Pagano (2003, p. 15, grifo nosso) admite que:

[...] Teorias desenvolvidas já a partir dos anos 50 e novas teorias fundamentadas em pesquisas acadêmicas recentes mostram a complexidade do processo tradutório, que envolve aspectos da produção e recepção de textos. Assim, por exemplo, podem ser realizadas diferentes traduções de um mesmo original de acordo com os objetivos pretendidos, o **público-alvo**, a função que se busca atribuir ao texto traduzido e outros fatores mercadológicos ou não que participam das decisões a serem tomadas na recriação de um texto numa nova língua e cultura. (grifo nosso).

Oittinen (2000) afirma que todo ato tradutório envolve adaptação e o próprio ato em si já é o suficiente para envolver mudanças e domesticação. No caso de tradução para o público infantil, haveria uma circunstância dialógica, visto que traduzir para adultos difere de traduzir para crianças, considerando que cada geração e cada faixa etária possuem linguagens diferenciadas. Conforme opina Cademartori (1986), um livro que caiba no conceito de *literatura infantil* deve presumir a faixa etária do possível leitor para que a comunicação seja viabilizada, ou seja, “[...] pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular [...]” (CADEMARTORI, 1986, p. 8).

A grande maioria daqueles que escrevem literatura infantil pensa, de alguma maneira, em como instruir seus leitores, considerando que muitas das histórias do gênero refletem ensinamentos ou valores que o próprio autor deseja transmitir, sejam eles relacionados à religião, aos códigos de conduta, aos aspectos social, econômico ou político da sociedade e a um código de crenças e ideias, ou mesmo aos dilemas morais de uma coletividade. Assim, tudo o que se cria ao visar uma criança, seja escrito, ilustrado ou traduzido, reflete opiniões acerca da infância, e a imagem que se tem de uma criança repercute também na figura do tradutor. Nesse sentido, Oittinen (2000, p.5) nos desperta para uma questão relevante nos ETs: “Para quem traduzimos?”. Quando se tem como resposta “para uma criança”, na opinião da tradutora, é em favor dela que traduzimos e para ela nos dirigimos, pois serão nossos futuros ouvintes ou leitores. Portanto, ao darmos ênfase à importância do texto na linguagem de destino, nosso pequeno leitor passa a ser a prioridade no processo tradutório.

Ao relembrarmos os passos de Lutero ao traduzir a Bíblia para a língua alemã, os escritores Harald Kittel e Andreas Poltermann (1998, p. 418) nos lembram que:

O enorme sucesso da tradução da Bíblia de Lutero pode ser atribuído ao seu uso criativo do vernáculo alemão e aos seus princípios de tradução, mas também à circulação em massa de seus escritos tornada possível pelas modernas técnicas de impressão e à dinâmica histórica, religiosa, social, política e econômica do período da Reforma. Lutero escolheu enfrentar um desafio assustador: como expressar a Palavra de Deus, codificada na Bíblia, na linguagem das pessoas comuns que não conseguiam ler Latim, Grego ou Hebraico. Em regra, para Lutero, expressar a mensagem bíblica em alemão significava traduzir 'livremente', dando às 'letras sua liberdade', por assim dizer.<sup>62</sup> (KITTEL; POLTERMANN, 1998, p. 418).

Desse modo, a intenção de se alcançar um público específico também foi um dos objetivos do tradutor alemão que revolucionou a história da literatura na Alemanha. O que podemos ver é que há, sim, uma razão para se pensar numa adaptação coesa e que mantenha o propósito do texto. A fascinante história da tradução bíblica nos apresenta diversos tradutores da Bíblia como Jerônimo, Wicliffe, Tyndale, Hus, Lutero<sup>63</sup>, entre outros, que desejaram ver a Palavra de Deus acessível a um público “menor” – muitas vezes desprezado pelas camadas mais influentes e impossibilitados do acesso ao conhecimento bíblico – por meio da tradução em sua língua vernácula, ou seja, um comprometimento tanto com a tradução quanto com o receptor. Imagina-se que diante desse cenário não seria possível que os tradutores atingissem tal intento por meio de uma linguagem erudita, visto a restrição do público receptor a que a tradução bíblica se destinava.

Quando a tradução visa um público específico, como o infantil, é normal que se recrie a mensagem de acordo com as necessidades sociolinguísticas do público-alvo. Bastin (1998, p. 3) nos orienta que, nesse caso, é comum o uso de “paráfrases, técnicas de síntese ou omissões”. Adicionaríamos aí alguns complementos, dado que, em uma Bíblia canônica tradicional, não há ilustrações que deem origem às que

---

<sup>62</sup> “The enormous success of Luther’s Bible translation may be attributed to his creative use of the German vernacular and to his principles of translation, but also to the mass circulation of his writings made possible by modern printing techniques, and to the historical dynamics – religious, social, political and economic – of the Reformation period. Luther chose to meet a daunting challenge: how to express the Word of God, as codified in the Bible, in the language of the common people who were unable to read Latin, Greek or Hebrew. As a rule, for Luther, expressing the biblical message in German meant translating ‘freely’, giving the ‘letters their freedom’, as it were”. (KITTEL; POLTERMANN, 1998, p. 418).

<sup>63</sup> Jerônimo (347-420 d.C), John Wicliffe (1328 ? -1384), William Tyndale (1484 ? -1536), John Hus (1369-1415) e Martinho Lutero (1483-1546) foram tradutores da Bíblia.

certamente se encontrarão em uma Bíblia infantil. S. J. Joubert, professor da Universidade da Pretória na África do Sul, afirma, em seu artigo *No Culture Shock? Addressing the Achilles Heel of Modern Bible Translations*, que:

Nos últimos anos, a arena internacional da Bíblia também experimentou a introdução das chamadas versões de ‘valor agregado’ das traduções existentes, que incorporam várias ferramentas hermenêuticas para facilitar o processo interpretativo, aos leitores modernos.<sup>64</sup> (Joubert, 2001, p. 33).

Joubert (2001) diz que esse “enriquecimento” traz alternativas que têm o propósito de auxiliar o leitor com traduções alternativas, notas de rodapé, explicações lexicais ou gramaticais, entre outros recursos. As traduções se popularizaram também e novas mídias alcançaram o texto bíblico, assim como as Bíblias dirigidas para o mercado infanto-juvenil que têm foco em determinada faixa etária. Essas últimas são tipificadas por apresentarem cores distintas, estudos bíblicos curtos, ilustrações, esquemas e diagramações diferenciados, o que Joubert (2001, p. 33) associa com “[...] as necessidades incessantes de estimulação visual e alternativa das pessoas modernas, novas mídias de comunicação e a crescente incapacidade dos leitores modernos para compreender a natureza e os conteúdos da Bíblia [...]”<sup>65</sup> (Joubert, 2001, p. 33), gerando assim um ambiente ideal para a consolidação de tais edições, que trazem em si aspectos variados das estratégias de adaptação. Desde a sua estrutura externa ao texto interno, é possível identificar, numa Bíblia infanto-juvenil, a presença de aspectos inerentes à faixa etária, mas amplamente ausentes numa versão para o público adulto<sup>66</sup>.

Todas essas reflexões nos sugerem tanto uma literatura quanto uma tradução em que a atenção se volte para o público-alvo ou para o receptor. Oittinen (2000, p. 3) propõe que esse entendimento seja “a chave para a tradução para crianças”, pois a literatura infantil tende a ser mais dirigida aos seus leitores, o que, de alguma forma, será transmitido às traduções que alcançam esse público especificamente, contrariando assim, a filosofia de Schleiermacher (2007) e Venuti (1995), que claramente veem a adaptação como um processo que envolve “perdas”.

---

<sup>64</sup> “In recent years the international Bible arena also experienced the introduction of so-called ‘value added’ versions of existing translations, which incorporate various hermeneutic tools to facilitate modern readers more effectively in the interpretative process”. (Joubert, 2001, p. 33).

<sup>65</sup> “Modern people’s incessant need for visual stimulation and alternative, new mediums of communication, and also modern readers’ increasing inability to comprehend the nature and contents of the Bible [...]”. (Joubert, 2001, p. 33).

<sup>66</sup> Trataremos dos detalhes estéticos de uma Bíblia infantil no Capítulo 4 dessa dissertação.

Venuti, em sua obra *“The Translator Invisibility: A History of Translation”* (1995), rejeita a ideia de uma tradução domesticada, aquela na qual o autor é levado ao leitor, tornando o texto-fonte mais compreensível, nas palavras de Schleiermacher (2007). Segundo Oittinen (2000), Venuti associa a estratégia de domesticação com tradução etnocêntrica ou uma tradução em que os valores culturais da língua-fonte se veem reduzidos pela ação do tradutor, profissional que se torna “invisível” no processo tradutório, segundo Venuti. O teórico considera também a domesticação como uma ferramenta com a qual culturas fortes atingem seu objetivo de colonizar culturas fracas e manter sua posição dominante no mundo, o que nos leva a perceber que o autor sai em defesa de uma resistência tanto cultural quanto política. Oittinen (2000) afirma que para o teórico há um apagamento das diferenças linguísticas ao adaptá-las às normas e convenções de uma cultura-alvo quando se opta pela domesticação do texto:

[...] existem várias razões pelas quais a estrangeirização é desejável e a domesticação deve ser rejeitada. Ele encontra na domesticação o racismo e a violência etnocêntrica, que só pode ser atacada desafiando a estética dominante dos textos estrangeiros.<sup>67</sup> (VENUTI, 1995, p. 74).

Embora Oittinen (2000) concorde que na tradução existe uma relação ideológica envolvendo poder e as influências do tempo e a cultura de uma sociedade, a tradutora questiona a polaridade aludida por Venuti (1995), assim como sua alusão a respeito de o tradutor tornar-se “invisível” numa tradução que opte pela domesticação do texto, visto que há uma influência pessoal na atuação do profissional da tradução. Segundo a tradutora, Venuti (1995) ignora questões importantes no processo tradutório, pois sua atenção se volta para o aspecto político, social e cultural da tradução, mas negligencia a pluralidade de leitores, as motivações que os levam a ler livros e a resposta do leitor, compreendido aqui como um elemento partícipe do processo tradutório, que pode ou não se ver interessado no aspecto que circunda a estrangeirização do texto:

E, embora existam leitores, como os estudiosos, que talvez não considerem repulsivos os textos estrangeirizados, Venuti não aborda as complexidades relativas à multiplicidade de leitores e a resposta do leitor. Além disso, ao

---

<sup>67</sup> “[...] there are several reasons why foreignization is desirable and domestication to be rejected. He finds domestication ethnocentric racism and violence, which may only be attacked by challenging the dominant aesthetics and foreignizing texts”. (VENUTI, 1995, p. 74).

interpretar histórias e reescrevê-las para futuros leitores, os tradutores atuam com base em suas próprias imagens da infância, o que significa que, ao optarem por adaptar, são ao final, mais visíveis do que invisíveis.<sup>68</sup> (VENUTI, 1995, p. 74).

Assim como Oittinen (2000) reexamina a teoria proposta por Venuti (1995) acerca da “invisibilidade do tradutor”, Anthony Pym, professor de Tradução e Estudos Interculturais da Universidade de Tarragona, na Espanha, levanta uma questão pertinente. Ele questiona o motivo pelo qual Schleiermacher reconheceu apenas dois métodos substanciais (emancipação e estrangeirização) no ato da tradução. O professor também relata que essa dicotomia já existia antes de Schleiermacher, questionando o porquê de ela ter sobrevivido até os dias de hoje. Para Pym (1995, p. 1), “a hipótese básica é que os dois métodos opostos de Schleiermacher suprimem um meio termo oculto, o tradutor vivo, e que todo o texto de Schleiermacher é projetado para silenciá-lo”<sup>69</sup>.

Pym (1995) explica que esse binarismo pode estar relacionado ao contexto local em que Schleiermacher se encontrava e que Goethe foi o precursor dessa ideia, o que, segundo Pym (1995), é uma tendência nas teorias da tradução. Entendendo-se o contexto da época como um ambiente conflituoso de guerra pela qual passava a Prússia, as tensões políticas contra a dominação francesa, a teologia protestante de Schleiermacher, entre outras, podem explicar tal direcionamento dado pelo teólogo alemão quanto à tradução. Porém, Pym (1995) afirma que nem todas as respostas podem ser fundamentadas apenas por meio das razões citadas, pois o binarismo proposto por Schleiermacher ainda é conveniente para alguns teóricos dos ETs e, mesmo em contextos históricos diversos, ainda observam-se outras vertentes “opostas” nas teorias da tradução, tais como:

De Cícero intérprete/orador. Geralmente expressava fidelidade a um dos níveis, o binarismo básico reaparece em pares mais recentes como ‘formal’ versus ‘dinâmico’ (Nida), ‘semântico’ versus ‘comunicativo’ (Newmark), ‘antiilusório’ versus ‘ilusório’ (Levy), ‘adequado’ versus ‘apropriado’ (Toury),

---

<sup>68</sup> “And while there are always readers, such as scholars, who might not find foreignized texts repulsive, Venuti does not address the complexities concerning the multiplicity of readers and reader response. Moreover, while interpreting stories and rewriting them for future readers, translators are acting on the basis of their own child images, which means that while adapting, they are in the end rather more visible than invisible”. (VENUTI, 1995, p. 74).

<sup>69</sup> “My basic hypothesis is that Schleiermacher’s two opposed methods suppress a hidden middle term, the living translator, and that the whole of Schleiermacher’s text is designed to silence that middle term.” (PYM, 1995, p. 1).

'velada' versus 'revelada' (House), 'documental' versus 'instrumental' (Nord), e 'resistente' versus 'transparente' (Venuti)".<sup>70</sup> (PYM, 1995, p. 2-3).

Nessa perspectiva, o teórico conclui que as teorias da tradução seguem uma estrutura em que é visível a influência do passado. Porém, por parte delas há também uma recusa em reconhecer a figura do tradutor como um intermediário do processo tradutório, como Schleiermacher, que, segundo Pym (1995), se esqueceu de que aquele que traduz o texto é o principal intermediário entre duas culturas e permanece entre o autor e o leitor.

A teórica dos ETs, Susan Bassnett, faz uma declaração pertinente em sua obra *Translation Studies* (2002), quando afirma que "[...] muito tempo e muita tinta foram desperdiçados na tentativa de diferenciar o que seja tradução, versão, adaptação, assim como estabelecer uma hierarquia entre essas categorias [...]"<sup>71</sup> (BASSNETT, 2002, p. 84). Ela alerta, porém, para o fato de que a diferenciação entre os termos deriva de um leitor visto como passivo, o que faz com que a leitura deixe de ser um lugar de reciprocidade entre autor/tradutor e leitor. No caso de uma Bíblia infantil, a relação que se pretenda ter entre a criança (leitor) e o texto seria grandemente comprometida caso a visualizássemos como "leitor passivo", pois é a partir da interação entre texto e leitor que se dá a compreensão textual (NASPOLINI, 1996).

Essa interação seria mais bem estimulada a partir da interferência do tradutor. A Bíblia, como um texto-fonte voltado para o público adulto, seria um texto complexo e desmotivante para o público infantil sem a interferência do tradutor, que o tornaria mais simplificado. Ela, sem o acréscimo de ilustrações e se traduzida em sua literalidade para uma criança que ainda não domina as estruturas linguísticas, não criaria laços importantes com esse público alvo. Nesse sentido, Shavit (1986, p. 125) afirma que "o procedimento de transformação de um texto para um modelo menos

---

<sup>70</sup> "Cicero's 'ut interpres / ut orator'. Usually expressed as fidelity to one of two levels, the basic binarism reappears in more recent pairs such as 'formal' versus 'dynamic' (Nida), 'semantic' versus 'communicative' (Newmark), 'antiillusory' versus 'illusory' (Levy), 'adequate' versus 'appropriate' (Toury), 'overt' versus 'covert' (House), 'documental' versus 'instrumental' (Nord), and 'resistant' versus 'transparent' (Venuti)". (PYM, 1995, p. 2-3).

<sup>71</sup> "Much time and ink has been wasted attempting to differentiate between translations, versions, adaptations and the establishment of a hierarchy of 'correctness' between these categories [...]". (BASSNETT, 2002, p. 84).

sofisticado e seu ajuste para um modelo simplificado, é sempre alcançado por exclusões ou alterando a relação entre elementos e funções”<sup>72</sup>.

No que diz respeito à adaptação, estratégia “negada” tanto por Schleiermacher (2007) quanto por Venuti (1995), Bassnett, em *Reflections on Translation* (2011), dá-nos uma dimensão de como é significativa a rejeição em torno da adaptação nos ETs. O argumento dado por alguns teóricos muitas vezes encontra repouso no velho pressuposto de que adaptação é infidelidade ao texto. Assim, a autora defende que:

Debates sobre quando uma tradução deixa de ser uma tradução e torna-se uma adaptação repercutem há décadas, mas eu ainda encontrei alguém que pode me dar uma definição adequada da diferença entre ambas.  
[...]  
Como as traduções nunca podem ser iguais ao original, elas nunca podem ser tão fiéis que nada mude no processo de transferência; simplesmente não é possível fazer isso. As línguas são diferentes.<sup>73</sup> (BASSNETT, 2011, p. 40-41).

Bassnett (2011) critica ainda que não se questiona a adaptação de documentos ou cartas, por exemplo, sob o argumento de que são necessários alguns ajustes considerando o estilo e as convenções culturais. No entanto, a situação diverge quando se trata de obra literária. Há uma obsessão, segundo Bassnett, que leva o debate adiante e que não considera, por certo, a “liberdade” de que o tradutor necessita.

No contexto de tradução bíblica, o fato de que adaptações são necessárias pode encontrar respaldo na visão de Hans Vermeer (1930-2010) sobre a tradução, que deve ser pautada por um objetivo ou propósito (*Skopos*)<sup>74</sup>. Tal objetivo, assim como o modo como essa tradução é realizada, são determinados por uma comissão, qual seja, o receptor ou o próprio tradutor, que sempre remete o texto a um público específico. Suas considerações nos levam a entender que o tradutor não traduz no “vazio”. Oittinen (2000), a esse respeito, nos informa que:

---

<sup>72</sup> “The procedure of transformation of a text into a less sophisticated one and its adjustment to a simplified model is always achieved either by deletions or by changing the relation between elements and functions”. (SHAVIT, 1986, p. 125).

<sup>73</sup> “Debates about when a translation stops being a translation and becomes an adaptation have rumbled on for decades, but I have yet to meet anyone who can give me an adequate definition of the difference between the two. [...] As translations can never be the same as the original, they cannot ever be so faithful that nothing changes in the transfer process; it simply is not possible to do this. Languages are different”. (BASSNETT, 2011, p. 40-41).

<sup>74</sup> Segundo Vermeer, o princípio básico que determina o processo de tradução é o propósito ou o objetivo (*Skopos*).

Um tradutor especializado ao traduzir, edita o texto original em relação a certos leitores e por certos motivos. Todo ato de tradução para crianças também tem um propósito e todas as traduções devem ser domesticadas de acordo com este propósito. Os tradutores, especialmente aqueles que traduzem para crianças, traduzem para algum (ns) público (s) especial (ais) [...] <sup>75</sup> (OITTINEN, 2000, p. 76).

Christina Schäffner nos orienta que o *Skopos* deve ser definido antes do processo de tradução, adotando-se uma atitude de perspectiva em relação a esse processo, o que reflete a fala de Vermeer (1987 *apud* SCHÄFFNER, 2008, p. 117), ao afirmar que, “traduzir significa produzir um texto em uma configuração designada, para um propósito designado, a destinatários designados em circunstâncias designadas”<sup>76</sup>.

Seja por razões sociais, culturais, econômicas ou políticas, a tradução, com uma ponte, torna viável o conhecimento do “outro”. No entanto, o passado nos mostra que essa possibilidade de adentrar no conhecimento, compartilhar crenças, condutas e valores, principalmente no que se refere à Bíblia, já foi uma atividade considerada perniciososa.

Hereges, traidores e revolucionários perigosos são algumas das alcunhas dadas aos tradutores da Bíblia, que viam, na tradução das Escrituras para as línguas vernáculas, uma espécie de libertação para o povo leigo. Jerônimo, Wicliffe, Tyndale, Pedro Waldo, Lutero, Hus, Miles Coverdale, entre outros, foram alguns dos que se dedicaram a fazer com que o texto bíblico se tornasse popular entre os que estavam à margem da sociedade, em sua maioria, pobres camponeses, leigos, mulheres, jovens e crianças. Eles são personagens da história da tradução bíblica que transmitiram ao povo comum, conforme Dorothy Heiderstadt (1959, p. 10), “[...] o conforto e a inspiração do Livro Sagrado: a calorosa garantia do amor de Deus e da história de Jesus Cristo”<sup>77</sup>.

Em sua obra *To All Nations: How The Bible Came To The People*, Heiderstadt (1959) nos descortina o pensamento de Wicliffe e Tyndale quando ambos, respectivamente, fizeram as seguintes declarações:

---

<sup>75</sup> “When translating, a specialist translator edits the source text in relation to certain readers and reasons. Every act of translating for children, too, has a purpose, scopos, and all translations should be domesticated according to this scopos. Translators, especially those translating for children, translate for some special audience(s) [...]”. (OITTINEN, 2000, p. 76).

<sup>76</sup> “To translate means to produce a text in a target setting for a target purpose and to produce a text in a target setting for a target purpose and target addresses in target circumstances”. (VERMEER, 1987 *apud* SCHÄFFNER, 2008, p. 117).

<sup>77</sup> “They passed on to other people the comfort and inspiration of the Holy Book: the warm assurance of God’s love and the story of Jesus Christ”. (HEIDERSTADT, 1959, p. 10).

Eu creio que as pessoas deveriam ler a própria Bíblia, ou, se não pudessem, deveriam, ao menos, lê-la em sua própria língua; Eu teria todo jovem lavrador na Inglaterra familiarizado com as Escrituras<sup>78</sup> (HEIDERSTADT, 1959, p. 10).

Assim como postulado por Snell-Hornby (2002), cremos que os argumentos aqui apresentados mostram claramente que as constantes dicotomias da tradução podem refletir a presença de uma similaridade entre elas, mesmo aparentemente opostas, o que confirma a ideia de que o processo tradutório não se dá no isolamento de teorias, mas em sua complementação. “Forma” e “conteúdo” se apresentam como dois agentes eficientes na atividade de tradução, que, diante da difusão de materiais, teorias e estudos, exigem uma reconsideração ao se pensar que uma ou outra teoria é mais importante no ato tradutório. Entendemos que essa flexibilidade de “passear” entre teorias é uma ferramenta indispensável nas mãos de hábeis tradutores, conforme reconhece Newmark (1988, p. 6):

Não existe uma tradução perfeita, ideal ou ‘correta’. Um tradutor está sempre tentando ampliar seus conhecimentos e melhorar seus meios de expressão; ele está sempre buscando fatos e palavras<sup>79</sup>.

Assim, a tradução literária é, de fato, uma reinvenção de si mesma, como define o tradutor Eduardo Ferreira (2011, n/p):

A literatura opera, em parte, na extensão dos sentidos da palavra. Tirá-la do campo do comum para sacralizá-la, imortalizá-la em conjunto singular. Dar-lhe novos sentidos, usá-la em colocações ou contextos pouco usuais. Essa extensão de sentidos é o que faz martírio e júbilo do tradutor. Não basta traduzir palavra por palavra: há que identificar extensões de sentidos e buscar soluções para o irresolúvel: traduzir inventando.<sup>80</sup>

A tradução em nosso cotidiano é amplamente multidimensional, o que contribui para o fato de que, desde o início da história da humanidade, o homem necessita se comunicar com os que estão a sua volta. Nessa perspectiva, deparamo-nos com diversos grupos pertencentes a diferentes comunidades linguísticas e, por meio da tradução, temos tido contato com diversas áreas do conhecimento numa troca de ideias, pensamentos e conceitos, ou seja, a cada dia,

---

<sup>78</sup> “I believe that people should read the Bible themselves; or, if they cannot read, they should at least have it read to them in their own language”; “I would have every plowboy in England familiar with the Scriptures.” (HEIDERSTADT, 1959, p. 10).

<sup>79</sup> “There is no such thing as a perfect, ideal, or ‘correct’ translation. A translator is always trying to extend his knowledge and improve his means of expression; he is always pursuing facts and words.” (NEWMARK, 1988, p. 6).

<sup>80</sup> Disponível em: <[http://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Rascunho\\_site\\_137.pdf](http://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Rascunho_site_137.pdf)>. Acesso em 29 de outubro de 2017.

novos desafios são apresentados ao tradutor, como por exemplo, as novidades de publicações religiosas à disposição do público infantil.

No capítulo seguinte, faremos uma análise dos aspectos físicos de nosso *corpus* composto por três volumes de Bíblias infantis.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DAS BÍBLIAS INFANTIS

Esta dissertação procurou até o momento explorar algumas áreas do conhecimento numa perspectiva histórico-literária. Iniciamos nosso texto relatando as questões que envolvem a crítica literária infantil, bem como a relevância dessa literatura que, conforme Hunt (2000), ainda necessita ser reconhecida no meio acadêmico. Prosseguimos em historicizar as origens da literatura infanto-juvenil, as adaptações de obras estrangeiras surgidas no Brasil e a importância de se entender como o público receptor da obra infantil, no caso a criança ou o jovem, a compreende em seus vários aspectos. Propusemos, então, um estudo que aborda o surgimento das Bíblias infantis a partir do século XVI com o advento da Reforma Protestante e, na sequência, analisamos o objeto de nosso estudo à luz dos Estudos da Tradução considerando, em nossa análise, a importância do texto adaptado por termos como foco um receptor distinto, que necessita de um atendimento exclusivo em suas necessidades sociolinguísticas. A seguir daremos início à análise de três volumes de Bíblias infantis em línguas distintas, para que se possa verificar no que se assemelham e no que se diferenciam, buscando-se um detalhamento das três obras em seus aspectos literário, imagético e paratextual.

#### 4.1 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O *CORPUS* E A MOTIVAÇÃO NA ESCOLHA DAS LÍNGUAS

Para darmos prosseguimento aos estudos das Bíblias infantis, analisaremos a seguir um *corpus* que comporta três Bíblias do gênero infantil: a primeira em Língua Alemã, a segunda em Língua Inglesa e a terceira em Língua Portuguesa. Nossa análise visa examinar individualmente cada volume no que diz respeito a algumas características físicas das obras, seus discursos de acompanhamento, aos paratextos que as emolduram, à visibilidade (ou não) do tradutor, aos índices morfológicos, os elementos verbais ou visuais que enquadram o texto e demais

aspectos que evidenciem o estatuto das traduções. Para tanto, fundamentaremos a análise de tais elementos sob o aporte teórico proposto por Gérard Genette (2009) e Marie-Hélène Catherine Torres (2011).

A escolha do *corpus* se deu por três motivações distintas: a primeira em alemão, tendo em vista o aniversário dos 500 anos da Reforma Protestante no corrente ano (2017) ; a segunda em inglês, pelo grande volume de Bíblias infantis que são traduzidas no Brasil a partir da Língua Inglesa e, por fim, o volume em português por ser a nossa língua materna e se tratar de uma tradução intralingual (JAKOBSON, 1992), ou seja, é uma obra adaptada, traduzida a partir de Bíblias em português voltadas para o público adulto, para o português adaptado para o público infantil, segundo a tradutora Charlotte Lessa<sup>81</sup>.

Quadro 1. Dados gerais do *corpus*: Alemão, Inglês e Português

<b>BÍBLIA EM ALEMÃO</b>	<b>BÍBLIA EM INGLÊS</b>	<b>BÍBLIA EM PORTUGUÊS</b>
<p>❖ Meine Erste Kinder Bibel</p> <p><b>Tradutor:</b> Brightlines</p> <p><b>Ed.:</b> Parragon Books Ltd.</p> <p><b>Ilustrações:</b> John Dillow</p> <p><b>Ano:</b> s/d</p>	<p>❖ Holy Bible (CEV)</p> <p><b>Tradutor:</b> ABS</p> <p><b>Ed.:</b> ABS</p> <p><b>Ilustrações:</b> Lynn Adams</p> <p><b>Ano:</b> 1995</p>	<p>❖ O mundo maravilhoso da Bíblia para crianças</p> <p><b>Tradutora:</b> Charlotte F. Lessa<sup>82</sup></p> <p><b>Ed.:</b> Casa Publicadora Brasileira – CPB</p> <p><b>Ilustrações:</b> João L. Cardoso</p> <p><b>Ano:</b> 2012</p>

<sup>81</sup> Informação obtida a partir de correspondência pessoal com a tradutora no ano de 2017.

<sup>82</sup> Charlotte Fermum Lessa nasceu na cidade de Bremen na Alemanha. Mora atualmente em São Paulo e traduz há cerca de 10 anos. É psicopedagoga e tradutora de literatura infantil com teor bíblico.

### 4.1.1 Bíblia Infantil em Alemão

Figura 3. Capa da *Meine Erste Kinder Bibel*.



Fonte: Meine Erste Kinder Bibel, s/d

O exemplar em alemão, a partir da própria capa, já nos parece convidativo a uma criança: a apresentação de uma capa dura e resistente, impressa em cores brilhantes e com desenhos que nos lembram a Arca de Noé, já sugerem seu possível leitor, assim como suas dimensões, que também se mostram apropriadas ao receptor. Em sua lombada, há o logotipo da editora e a repetição do título da capa escrito de cima para baixo: *Meine erste Kinder Bibel*. Esse detalhe, conforme Genette (2009, p. 30), representou uma “grande querela técnica” entre franceses e estrangeiros devido às inscrições na vertical encontradas nas lombadas dos livros, que podem vir de cima para baixo ou o inverso, de baixo para cima. Ambas as marcações são comuns, porém, quando se faz esse tipo de inscrição de forma descendente, a leitura tanto do título (na capa), quanto da lombada seria feita ao mesmo tempo, caso o livro estivesse deitado, mantendo assim a posição linear da leitura.

Segue-se a folha de guarda em branco, uma falsa folha de rosto e, em seu verso, os informes sobre direitos autorais, os dados da editora, um informativo sobre

a tradução e edição, o ISBN, o local de impressão e a agência (Brightlines) responsável pela tradução.

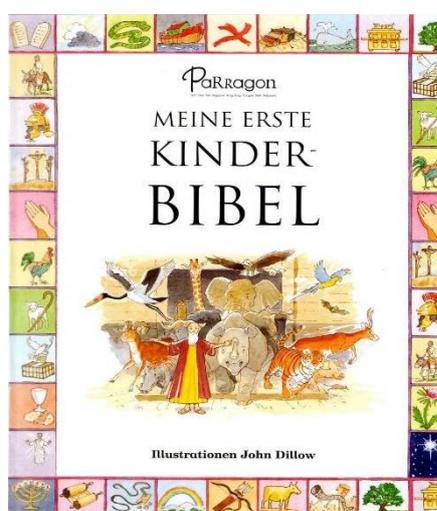
Em seguida, uma folha de rosto encabeçada pelo nome da editora e novamente o título *Meine Erste Kinder Bibel*, porém escrito com caracteres em maiúsculo e de formato diferenciado da folha anterior. Ao final, o nome do ilustrador da obra.

Um detalhe no título, a palavra *Kinder*, também atua como um identificador do receptor da obra, como postula Genette (2009, p. 70) acerca do título, ao dizer que, “Como toda e qualquer instância de comunicação, a instância titular compõe-se pelo menos de uma mensagem (o título em si), de um destinador e de um destinatário”.

A partir da folha de rosto (figura 4), um detalhe nas margens se repetirá em toda a obra: desenhos bíblicos coloridos margeiam as extremidades das páginas. São ilustrações subdivididas em pequenos quadrados, sendo todas elas relacionadas ao texto bíblico. Essas ilustrações se apresentam num formato icônico e que fornecerá ao leitor, por meio da leitura associativa, elementos importantes para a decodificação do texto – detalhes estudados pelo campo da Semiótica, ciência geral dos símbolos que investiga os sistemas de significação como elementos de comunicação. A palavra “semiótica” deriva do grego *sēmeion*, que significa “signo”. Charles Sanders Peirce (1839-1914), um dos pioneiros nos estudos da semiótica, define signo como tudo o que representa algo e que possa ser perceptível aos nossos sentidos. Os ícones que margeiam o volume assumem uma posição sígnica indicando sua correlação com os conteúdos internos, já que todos os desenhos (ícones) fazem referência aos temas bíblicos que são abordados no volume em alemão (figura 4). Assim o objeto será interpretado pelo leitor que, através de seu pensamento, terá a capacidade de gerar outros objetos visando a produção de sentido ou o entendimento – a essa atualização do pensamento dá-se o nome de “semiose”. Quando se aplicam os estudos de Peirce, nota-se que os ícones que margeiam a página (figura 4) em comento, são “representações”, ou seja, “coisas” que estariam no lugar de algo, que se faça parecer com algo, pensar ou sentir. A pesquisadora Lúcia Santaella (2003), e uma das principais divulgadoras da semiótica e do pensamento de Peirce, afirma que “a semiótica é a ciência dos signos”. Aplicando tal conceito à comunicação, poderíamos afirmar que a semiótica a investiga em todas as suas possibilidades, abrangendo a linguagem verbal e não

verbal, oral e escrita, imagética, gestual, corporal etc., podendo haver adaptações para seu entendimento. Para que se torne mais claro, utilizaremos dois exemplos: se analisarmos o ícone “estrela” (margem direita da figura 4), possivelmente o leitor o associará à aparição da estrela de Belém que guiou os magos do Oriente ao local de nascimento de Jesus, conforme Mateus 2.9 (BBE, Mateus 2. p. 1275); a figura do “arco-íris” (margem inferior da figura 4) seria relacionada à aliança entre Deus e a humanidade, conforme Gênesis 9.13 (BBE, Gênesis 9. p. 16).

Figura 4. Folha de rosto da Bíblia *Meine Erste Kinder Bibel*.



Fonte: Meine erste Kinder Bibel, s/d

Dando continuidade à análise do volume, segue-se uma página de apresentação, que se inicia sob a inscrição *Das Alte Testament*, ou Antigo Testamento, escrita em caracteres grandes e em maiúsculo. A seguir, um índice relaciona os temas da obra com suas respectivas passagens na Bíblia. Logo abaixo de cada tema é possível visualizar, em pequenos caracteres, os nomes de personagens bíblicos referentes aos temas propostos – o que nos sugere uma indicação do editor para uma possível validação dos conteúdos ou para que a criança adquira um conhecimento mais aprofundado da Bíblia. Em seguida, o editor já adianta os mesmos informes, porém referentes ao Novo Testamento ou *Das Neue Testament*. Em seu verso, uma nova página nos mostra, em pequenos quadros, diversas narrativas bíblicas ilustradas que se alongam até a página seguinte. Antes de iniciar o primeiro tema, uma nova página de apresentação: *Das Alte Testament* (Antigo Testamento).

Um breve trecho da Bíblia infantil em alemão nos mostra alguns detalhes. Partiremos da versão NTLH (2009) para fazer alguns comparativos, pois é uma versão popular e que preza por uma linguagem simplificada:

Quadro 2. Página 16 da versão em alemão

<b>Bíblia em Alemão – Meine erste Kinder Bibel</b>	
<b>Nicht mehr perfekt<sup>83</sup></b>	
	1. Mose (Genesis): 2-3
<p><i>Dann legte Gott einen Garten für Adam und Eva an. Er war gefüllt mit üppig grünen Pflanzen und wunderschönen Blumen. Flüsse wanden sich durch den Garten und jeder Baum hing voll mit köstlichen Früchten, von denen Adam und Eva nach Herzenslust essen konnten.</i></p> <p><i>So viele verschiedene Tiere lebten in dem Garten, dass Adam Stunden damit zubrachte, jedem einen Namen zu geben: Gecko, Gibbon, Giraffe, Gorilla, Hase, Heuschrecke, Hyäne.</i></p> <p><i>Adam und Eva lebten glücklich im Garten Eden, sorgten sich um ihn und die Tiere, die darin lebten. Sie hatten alles, was sie brauchten.</i></p>	

Fonte: Meine Erste Kinder Bibel, s/d

Nesse breve fragmento, percebe-se alguns detalhes que marcam uma Bíblia infantil, como, por exemplo, a ausência de marcadores de capítulos e versículos, algo comum a uma Bíblia tradicional. Embora haja um indicativo de qual seria o livro canônico de uma Bíblia (Gênesis) e seus respectivos capítulos, nota-se a partir do texto traduzido, que não há uma continuidade literal no texto, mas uma compilação de fatos constantes do livro de Gênesis numa sequência genérica:

- Capítulo/Versículo: 1.11-12 – frutas;
- Capítulo/Versículo: 1.23 – criação de alguns animais;
- Capítulo/Versículo: 2.8 – criação do Jardim do Éden;
- Capítulo/Versículo: 2.7 – criação do homem (Adão); mulher (Eva) 2.22

Interessante também notar que esse volume traz a informação do possível escritor do livro, no caso Moisés (Mose), algo que não identificamos com facilidade numa obra do gênero.

---

<sup>83</sup> O trecho em comento se encontra nas páginas 16/17 da Bíblia *Meine erste Kinder Bibel*, s/d.

### Algumas observações gerais:

- As dimensões da obra favorecem seu transporte por uma criança: 16x20cm e 740g. Uma fita dourada une a capa e a contracapa possibilitando a junção das 384 páginas do volume. O uso de papel de alta qualidade também é um diferencial na obra;
- O corpo dessa edição nos mostra temas possivelmente adaptados que se assemelham aos que iniciam os livros da Bíblia canônica, mas com menor extensão, embora não saibamos qual versão da Bíblia foi utilizada na tradução em comento. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 3. Exemplificação dos títulos em alemão e sua tradução

<b>Bíblia infantil em alemão – títulos variados</b>	<b>Tradução</b>
● Und so begann die Welt (p.10)	E então o mundo começou
● Nich mehr perfekt (p.16)	Não mais perfeito
● Gottes zehn Gebote (p.114)	Os 10 mandamentos de Deus
● Der Engelsbote (p. 218)	O anjo mensageiro
● Auserwählt (p. 222)	Escolhida
● Die Hirten (p. 228)	Os pastores

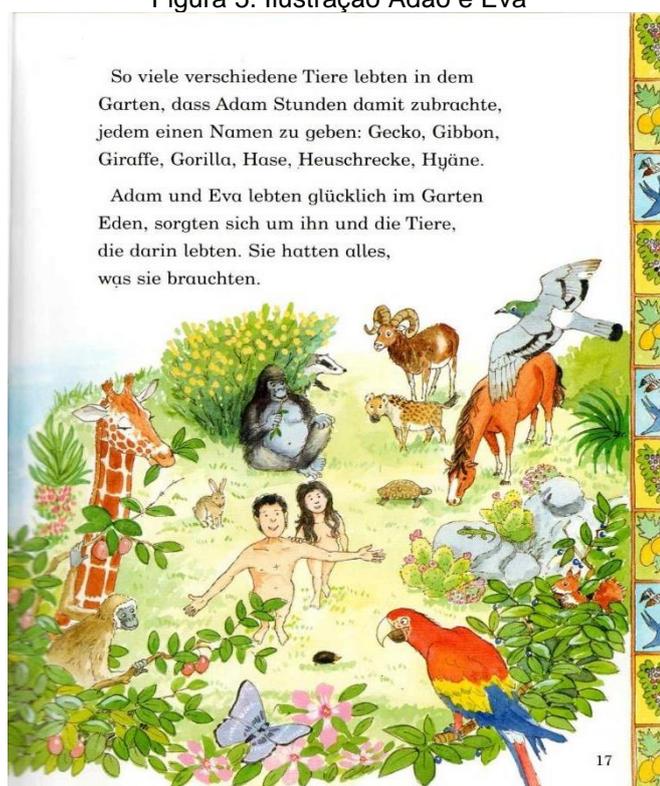
Fonte: Meine erste Kinder Bibel, s/d.

- Os temas, em sua maioria, são visivelmente curtos, o que favorece a leitura e o entendimento do receptor (criança).
- A obra em alemão apresenta repetidamente temas, divisas (versículos) da Bíblia e textos relativamente pequenos.
- As fontes do corpo utilizadas na obra parecem adequadas para a leitura de uma criança, pois se apresentam num tamanho adequado e legível;
- As ilustrações estão de acordo com o texto proposto, apresentando cores atraentes. Porém, o contorno dos personagens não nos parece típico dos

personagens bíblicos se levarmos em consideração as características físicas dos povos do oriente ou da antiguidade;

- As ilustrações de Adão e Eva nos chamam a atenção por um detalhe especial: ambos são relatados no texto bíblico totalmente nus até a queda (Gênesis 3 – BBE, p.9). O editor alonga determinadas folhagens, como quem procura resguardar as partes íntimas de ambos, como observado na figura 5:

Figura 5. Ilustração Adão e Eva



Fonte: Meine erste Kinder Bibel, s/d.

- Ao final da versão analisada, observa-se a inserção de um texto e uma ilustração que difere das apresentadas no restante da obra pela sua contemporaneidade: crianças sentadas ao redor de uma senhora que, recostada a um tronco, parece lhes contar uma história. Todos estão com vestimentas e acessórios modernos. A senhora segura em suas mãos um exemplar semelhante à obra em comento e um cachorro ao seu lado completa a ilustração. O seguinte texto finaliza o volume:

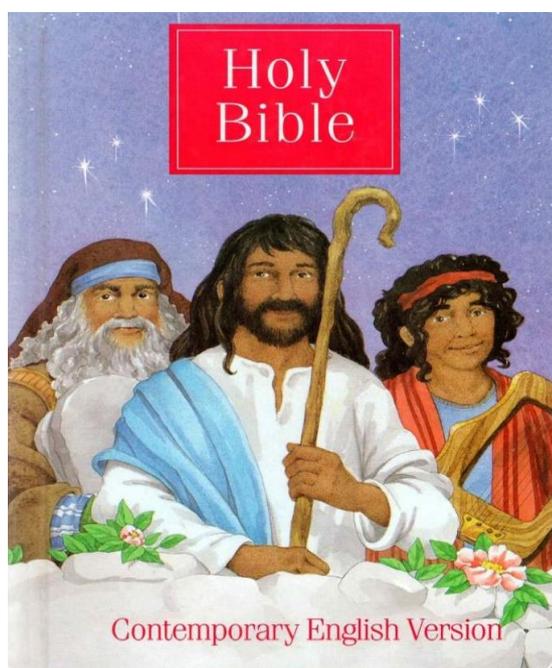
Os amigos de Jesus espalham a palavra de Deus. Suas vidas estavam muitas vezes em perigo, mas eles pediram ajuda a Deus, e Ele ouviu suas

orações. Muitas pessoas vieram para ouvi-las e amaram uns aos outros se batizando em nome de Jesus.  
Hoje, pessoas no mundo inteiro se juntam para ouvir a palavra de Deus. <sup>84</sup>  
(Meine erste Kinder Bibel, s/d, p. 384)

O tom de finalização do trecho corresponde ao final da obra e ao seu objetivo de tratar sobre a Palavra de Deus. Na contracapa, há um *release* anônimo que, segundo Genette (2009), é um recurso que caracteriza o paratexto moderno, apresenta alguns detalhes do volume e seu destinatário utilizando poucas palavras, proporcionando a possibilidade de comunicação, publicidade ou crítica da obra. O teórico francês descreve-o como “[...] à maneira de resumo ou de qualquer outro meio, e de modo normalmente elogioso, à obra a que se refere [...]” (GENETTE, 2009, p. 97).

#### 4.1.2 Bíblia Infantil em Inglês

Figura 6. Capa da *Holy Bible (Contemporary English Version)*



Fonte: *Holy Bible (CEV)*, 1995.

---

<sup>84</sup> “Jesus' Freunde verbreiteten Gottes Wort. Ihr Leben war oft in Gefahr, aber sie baten Gott um Hilfe, und er erhörte ihre Gebete. Viele Menschen kamen, um ihnen zuzuhören und ließen sich in Jesus' Namen taufen. Heute kommen Menschen in der ganzen Welt zusammen, um Gottes Wort zu hören”. (Meine erste Kinder Bibel, s/d, p. 384).

Figura 7. Lombada da *Holy Bible (Contemporary English Version)*



Fonte: Holy Bible (CEV), 1995

A Bíblia em inglês já nos surpreende por se diferenciar totalmente das demais. Suas dimensões são 24x16cm, aparentemente não usuais para crianças. A partir da capa (Figura 6), dura, de alta gramatura e resistência, podemos observar a figura de três personagens bíblicos: Moisés, Jesus e Davi. Ao pé da capa, há a indicação da versão bíblica escolhida: *Contemporary English Version (CEV)*. Em sua lombada (Figura 7), observamos a presença da indicação do livro a um público específico com os dizeres *Children's Illustrated Edition*. Há ainda a repetição da versão bíblica por meio da sigla *CEV* e a indicação da *American Bible Society (ABS)*, que é uma instituição não-denominacional responsável por traduzir, publicar e distribuir volumes da Bíblia.

Segundo informações do site [www.biblegateway.com](http://www.biblegateway.com)<sup>85</sup>, a primeira versão CEV foi publicada em 1995 pela ABS, tendo como texto-fonte os manuscritos originais da Bíblia. Ainda segundo informações contidas no endereço eletrônico, a versão CEV surgiu após resultados de estudos do erudito Barclay M. Newman.

Barclay Moon Newman (1931-?)<sup>86</sup> é tradutor da Bíblia em inglês na linguagem contemporânea (CEV). Essa versão se apresenta simplificada, tendo sido projetada para crianças e, posteriormente, para adultos com dificuldades na leitura ou compreensão do texto. Nas palavras de Newman (MARLOWE, 2001, n/p),

[...] Nós fizemos muitas pesquisas com pessoas que não estavam familiarizadas com o jargão bíblico tradicional, pessoas que estão quase em situação de rua, e então tentamos simplesmente ouvir a maneira como as pessoas falam, ao entendermos sua linguagem, traduzimos de acordo.<sup>87</sup>

Como consultor de tradução na região da Ásia, Newman procurou compreender o idioma popular em que as pessoas se comunicavam, especialmente as crianças. Esse estudo o ajudou a perceber termos e expressões que provavelmente confundiriam os leitores numa leitura do porte bíblico. A pesquisa de Newman o orientou no desenvolvimento dos princípios de tradução que o levaria aos primeiros rascunhos da Bíblia em inglês na versão CEV. Sabe-se que nesse projeto houve a participação do linguista Eugene A. Nida, conforme o *site* registra.

Na contracapa encontram-se diversas imagens aleatórias que reproduzem algumas narrativas bíblicas. Após a capa, uma folha de dedicatória, em seguida, a folha de rosto, onde constam as mesmas indicações da lombada, inclusive a inscrição *Holy Bible*, escrita na vertical de cima para baixo, detalhe já comentado na edição alemã constante do livro de Genette (2009). No verso, uma pequena instrução sobre os direitos reservados, como também o nome do responsável pelas ilustrações, o ano de edição e o seu local de impressão.

Em seguida, uma página de “boas-vindas” nos apresenta um pequeno texto que, de certa forma, engrandece a própria obra, sob o argumento de que a versão CEV é uma tradução “*user-friendly*” e “*mission-driven*”, ou seja, uma tradução

---

<sup>85</sup> Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/versions/Contemporary-English-Version-CEV-Bible/>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

<sup>86</sup> Não foi possível encontrar maiores detalhes sobre o tradutor da versão CEV Barclay Moon Newman.

<sup>87</sup> “*We did a lot of research with persons who were not familiar with traditional biblical jargon, persons who are almost street people as a matter of fact, and then we tried to simply listen to the way that people speak ... We got it by their language, the way they speak, and do our translating accordingly.*” (MARLOWE, 2001).

“acessível” e que apresenta uma missão “direcionada” ou “orientada”. Como característica também defendida, nota-se o uso de uma “linguagem contemporânea, estilo lúcido e lírico”, o que fará com que o leitor e o ouvinte tenham facilidade em seu entendimento, conforme defende o texto.

Em seguida, três páginas semelhantes a um prefácio nos apresentam parte da história da Bíblia King James (KJV) e o que ela representa historicamente para a Língua Inglesa. Não há indicação de sua autoria, porém, percebe-se que o autor desejava estabelecer um cotejo entre os princípios da tradução das versões CEV e a KJV:

Historicamente, muitos tradutores da Bíblia tentaram em certa medida manter a forma da KJV. Mas os tradutores da Bíblia CEV procuraram diligentemente capturar o espírito da KJV seguindo certos princípios estabelecidos por seus tradutores [...].

Precisão, beleza, clareza e dignidade - tudo isso pode e deve ser alcançado na tradução da Bíblia. Afinal, como os tradutores da KJV declararam: "Esta é a Palavra de Deus, que traduzimos". (Holy Bible (CEV), 1995, n.p.)<sup>88</sup>

O texto segue evidenciando as particularidades da versão CEV e os princípios de tradução eleitos pelos tradutores, o desempenho da equipe, a precisão e a fidelidade com que a obra foi realizada. Embora sem autoria, o texto ressalta os méritos da tradução, valorizando-a, e é finalizado com uma passagem bíblica. Genette (2009, p. 187) indica tal particularidade a uma espécie de “gênese”, quando afirma que “O prefácio original pode informar o leitor sobre a origem da obra, sobre as circunstâncias de sua redação, sobre as etapas de sua gênese”.

Na folha seguinte, uma relação de conteúdos (*Contents*) faz referência a uma lista de livros do Antigo e Novo Testamentos e em seu verso, uma lista das abreviaturas dos livros bíblicos.

A seguir, uma página com a inscrição “*The Old Testament*”, que nos lembra um intertítulo (GENETTE, 2009) e, logo após, uma nova folha com a inscrição “*About the Old Testament*”, onde se lê um breve texto apresentando a divisão da Bíblia: “*The Pentateuch*”, “*The Historical Books*”, “*The Poetic Books*”, “*The Major*

---

<sup>88</sup> “Historically, many Bible translators have attempted in some measure to retain the form of the KJV. But the translators of the CEV of the Bible have diligently sought to capture the spirit of the KJV by following certain principles set forth by its translators [...]. Accuracy, beauty, clarity, and dignity – all of these can and must be achieved in the translation of the Bible. After all, as the translators of the KJV stated, “This is the Word of God, which we translate.” (Holy Bible (CEV), 1995 n/p).

*Prophets*” e “*The Minor Prophets*”. Em cada uma dessas divisões há uma breve explicação que faz referência aos seus próprios componentes.

A partir dos paratextos acima, dá-se início ao livro de Gênesis (*Genesis*). No início de cada livro desse volume, há um discurso de acompanhamento semelhante a uma “apresentação” genérica e uma breve explicação para o leitor sobre os aspectos gerais do livro bíblico, sob os dizeres “*About This Book*” e “*A Quick Look At This Book*”, o que se repetirá até o final da Bíblia com Apocalipse (*Revelation*).

As paginações têm início no livro de Gênesis, do capítulo 1 até o capítulo 22 de Apocalipse, alcançando também o índice de ilustrações, no qual constam um Minidicionário (*Mini dictionary for the Bible*), um Guia cronológico dos fatos bíblicos (*Chronology of the Bible*), um índice de ilustrações (*Index of Illustrations*) e uma sequência de 16 mapas (*Maps*). Conforme Paul Ellingworth (2006 *apud* PINHEIRO, 2017), alguns recursos extras em uma Bíblia têm o claro objetivo de ajudar o leitor no entendimento de aspectos culturais distantes de nosso tempo. Para o escritor,

Informações culturais, aspectos da situação política ou econômica, conotações de certos termos, ou outros dados, podem ter sido pressupostas ou assumidas pelo autor original como compartilhadas ou conhecidas por seus leitores diretamente intencionados (‘autorais’); mas não estão, em nenhum sentido linguístico definido, implicados no texto fonte. [...] Em tais casos, e há muitos deles na Bíblia, a melhor solução é transmitir, o quanto for possível, todo o conteúdo semântico na tradução, e fornecer o quanto for necessário na ajuda ao leitor (uma expressão genérica se referindo não apenas a notas de rodapé, mas também incluindo introduções, glossários, mapas, diagramas, etc.) informação suplementar sobre a situação fonte que está ausente, ou vai de encontro, à situação do receptor e consequentes pressuposições (ELLINGWORTH, 2006 *apud* PINHEIRO, 2017, p. 27).

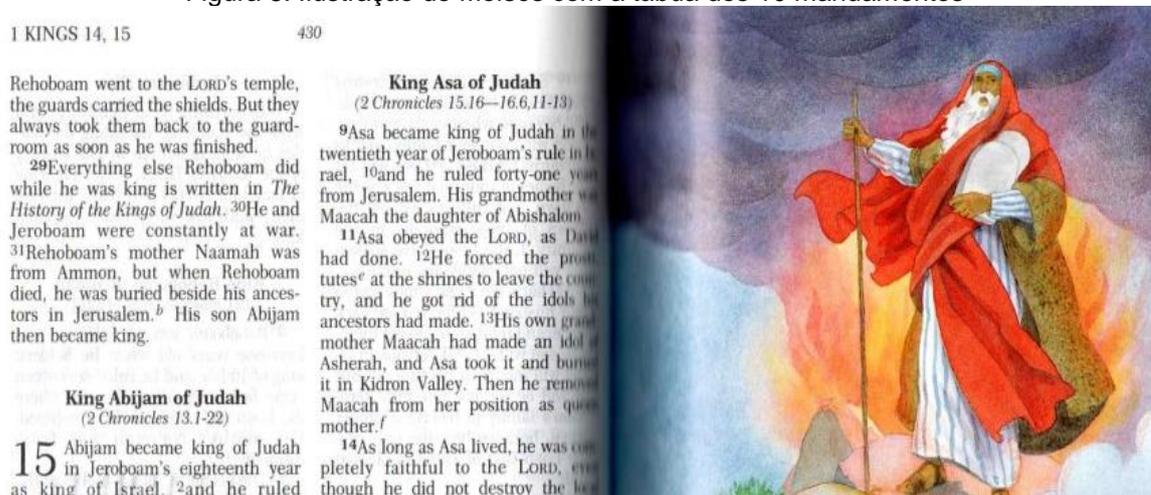
O volume é encerrado com algumas folhas de guarda. A análise dessa versão em inglês nos proporcionou algumas surpresas. Por se tratar de uma Bíblia precisamente indicada para crianças, algumas descobertas nos causaram também certo estranhamento, tais como:

- O comprimento/largura (24x16cm) e o peso (1.174kg) do volume já nos surpreendem pelas suas dimensões, algo indesejável para que uma criança transporte;
- As numerações das páginas têm início no primeiro capítulo de Gênesis e vão além do último livro de Apocalipse, conferindo até aqui um total de 1529 páginas. Assim, uma Bíblia indicada para crianças que contém o texto bíblico

literal e todo o conteúdo canônico de Gênesis a Apocalipse certamente causa certa estranheza;

- A quantidade de paratextos também nos surpreendeu, inclusive alguns que trazem conhecimentos teóricos da área dos ETs, que possivelmente não atrairiam a atenção de um adulto que apresentasse dificuldades na leitura ou na interpretação (conforme a indicação do volume), quiçá de uma criança. Os paratextos, sem dúvida, representam algo de grande valor em uma obra, conforme Torres (2011, p. 12), pois eles “[...] emolduram a obra traduzida e garantem um espaço de visibilidade à voz do tradutor [...]”. Entretanto, a complicação se dá quando identificamos o receptor do volume e a quantidade de informações existentes;
- Uma Bíblia em que o alvo é uma criança apresenta grande probabilidade de conter um número reduzido de texto, em contrapartida, mais ilustrações. A incompatibilidade do volume em Língua Inglesa é visível, pois, em 1529 páginas de um texto bíblico integral, constam poucas ilustrações, se comparado ao número de páginas;
- O posicionamento das 24 ilustrações presentes não condizem com o respectivo texto bíblico. Como exemplo, citamos a figura de Moisés com a tábua dos 10 mandamentos (*Moses with the Ten Commandments*): o texto relativo à ilustração é Êxodo 19, porém ela se encontra no livro de 1 Reis 15. Embora haja uma identificação na ilustração, não se sabe ao certo o porquê dessa dessemelhança, mas é certo que os possíveis leitores do volume poderiam se ver confundidos durante a leitura (Figura 8);

Figura 8. Ilustração de Moisés com a tábua dos 10 mandamentos

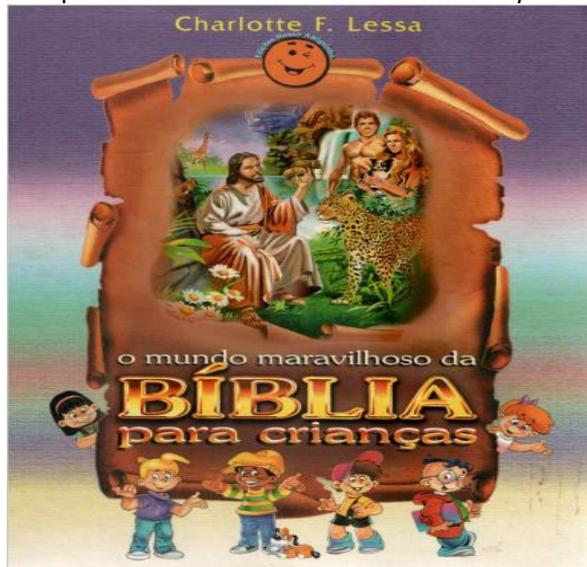


Fonte: Holy Bible (CEV), 1995.

- Além do texto integral percebemos também que a tipografia possivelmente não atrairia, a nosso ver, o leitor infantil, visto que os caracteres se apresentam em tamanho reduzido, comprometendo, assim, a estética da obra;
- Com exceção da capa e contracapa, não há a presença de caracteres coloridos, um conteúdo diferenciado ou atraente para uma criança. Apenas as ilustrações internas, as da capa e contracapa, conferem a ela um vislumbre infantil.

#### 4.1.3 Bíblia Infantil em Português

Figura 9. Capa de *O mundo maravilhoso da Bíblia para Crianças*.



Fonte: Lessa, 2012.

O exemplar em português se mostra conveniente ao receptor: a apresentação de uma capa dura e igualmente resistente, impressa em cores foscas com detalhes brilhantes em relevo, ilustram personagens bíblicos, animais e elementos da natureza. O nome da autora encabeça a obra seguida do logotipo de uma coleção. Logo abaixo, é possível visualizar pequenos personagens criados pela editora Casa

Publicadora Brasileira (CPB)<sup>89</sup>, que, embora não sejam característicos do texto bíblico canônico, possivelmente chamariam a atenção do pequeno leitor.

Na lombada, percebe-se a repetição do título da capa, *O Mundo Maravilhoso da Bíblia para crianças*, escrito na vertical de forma ascendente, ou seja, de baixo para cima, constando também o logotipo da editora.

A segunda capa se une à folha de guarda com ilustrações bíblicas que se repetem na última folha de guarda vinculada à terceira capa. Uma folha de rosto nos apresenta novamente as inscrições de autoria, o título e uma nova imagem centralizada, que se distingue da imagem da capa, muito provavelmente relacionada a Isaac – personagem do livro de Gênesis –, seguida da indicação do ilustrador.

Em seu verso, o colofão nos informa uma ficha técnica com os seguintes dados: direitos de publicação, dados da editora, edições, tiragens, editoração, projeto gráfico, local de impressão, dados internacionais de catalogação, ISBN e indicação da tipologia adotada.

Em seguida, uma folha de apresentação expõe os 6 pequenos personagens (Quico, Cazuza, Luísa, Noguinho, Gi, Sabino – *Coleção Nosso Amiguinho*) constantes da capa com uma breve apresentação. Não há a identificação do cachorro, que parece ser uma mascote do grupo. Em seu verso, a apresentação de uma pequena biografia da autora.

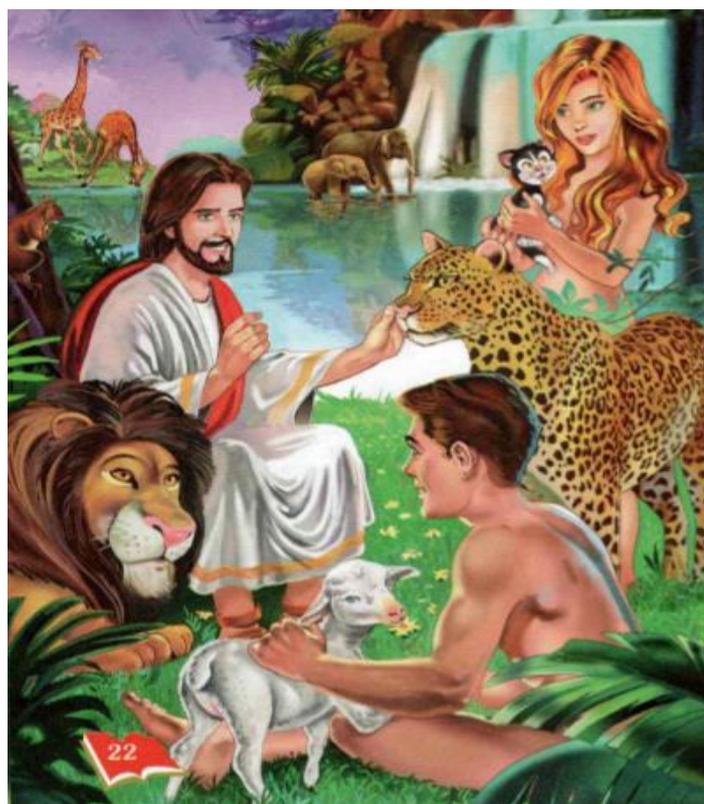
Em uma nova folha, um índice com a indicação “Antigo Testamento” apresenta os temas da obra, enquanto que no verso a mesma indicação apresenta os temas do Novo Testamento. A contracapa apresenta ilustrações constantes da obra, um *release*, o ISBN e o logotipo da editora.

A alta qualidade do papel é também perceptível, assim como as tonalidades intensas das imagens. Com relação aos traços físicos de algumas personagens, percebe-se que nem sempre condizem com os traços do povo hebreu. Uma preocupação vista na Bíblia em alemão se repete também nesse volume em português: os corpos nus de Adão e Eva também foram fruto de preocupação do editor, que utilizou da mesma estratégia citada no volume em alemão: alongar as folhagens que retratam o Jardim do Éden, cobrindo assim as partes íntimas de ambos (Figura. 10).

---

<sup>89</sup> Disponível em: <<http://nossoamiguinho.cpb.com.br/>>

Figura 10. Jardim do Éden.



Fonte: Lessa, 2012.

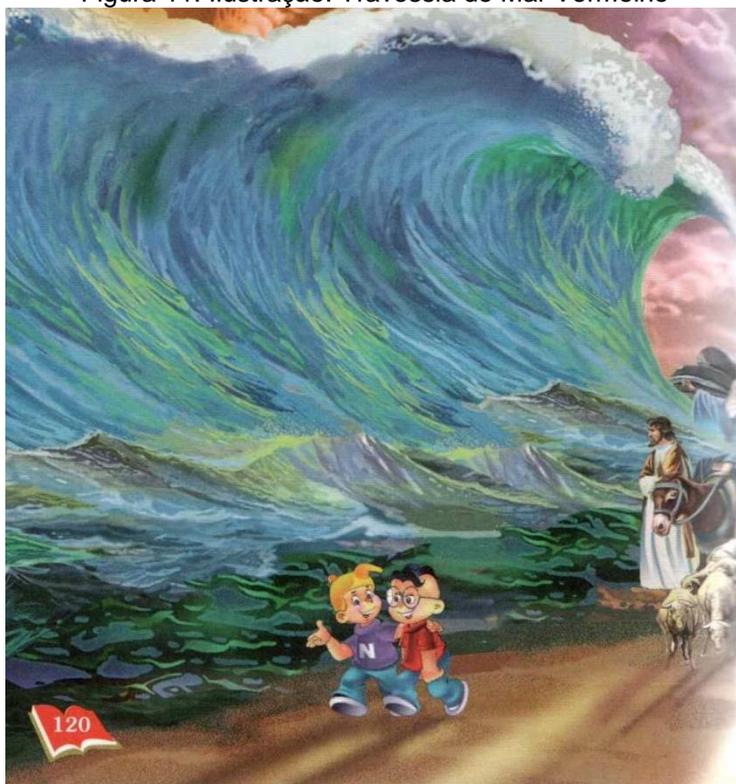
A partir da página oito, as narrativas se iniciam após uma titulação associada às do texto bíblico canônico. Surpreende-nos esse início não corresponder ao livro de Gênesis, como ocorre na grande maioria de Bíblias infantis, mas sim a Isaías 14 com a queda de Lúcifer.

Pequenos textos se misturam às ilustrações, fortemente expressivas, sendo muitas delas maiores do que o próprio texto. Embora a obra se inicie pelo Antigo Testamento, a segunda narrativa já apresenta a figura de Jesus Cristo. A tentativa aqui, por certo, foi informar ao leitor que a figura de Jesus Cristo, embora surgisse apenas no Novo Testamento como homem, já constava no texto bíblico mesmo antes de sua manifestação, o que se confirma ao lermos o título da segunda narrativa “Jesus em Ação” (p. 11). De forma geral, algumas observações do material analisado incluem:

- As dimensões, 16x20cm de comprimento e 719g de peso, mostram-se apropriadas e semelhantes ao volume em alemão;

- A partir da segunda narrativa, os personagens da coleção *Nosso Amiguinho* assumem um posicionamento importante na obra, onde ora demonstram apresentar o conteúdo por meio de gestos, ora parecem estar inseridos nas próprias narrativas. No entanto, esses personagens “extrabíblicos” em nenhum momento emitem opiniões, mas agem numa clara função mediadora do texto. Um exemplo claro está nas páginas 120-121, em que dois dos personagens – Noguinho e Sabino – atravessam o Mar Vermelho “juntamente” com o povo judeu. Essas atuações se repetem até o final da obra. Os traços característicos do grupo, as vestimentas e acessórios destoam dos traços dos personagens bíblicos, mas são capazes de atrair a atenção do público receptor da obra.

Figura 11. Ilustração: Travessia do Mar Vermelho



Fonte: Lessa, 2012.

- Muitas ilustrações estão antepostas ou pospostas a alguns quadros de fundo. Os personagens dividem o enquadramento, provocando certa profundidade na página, assim como o uso do recurso *close up* (EISNER, 1989) em algumas imagens, um mecanismo utilizado nas ilustrações em quadrinhos, sugere um subjetivismo da cena ou uma atmosfera de mistério com o que

acontece a seguir. Esse recurso muitas vezes é entendido com facilidade pelo leitor.

- Algo interessante e que numa rápida olhadela nos chama a atenção são as imagens que surgem nos temas referentes ao Apocalipse a partir da página 407. Nota-se a inserção de personalidades do mundo contemporâneo, o uso de vestes modernas, construções e arranha-céus (p. 438-439), meios de transportes modernos como um helicóptero (p. 419), personagens da Reforma Protestante, como Lutero (p. 417) e narrativas contemporâneas envolvendo imagens que recordam ditadores e fatos recentes da história. Na página 435, por exemplo, é possível visualizar uma narrativa sobre um terremoto na cidade de Lisboa em 1755. Acreditamos que essas interposições históricas visam harmonizar as profecias de Apocalipse com acontecimentos da era moderna e, assim, mostrar ao público infantil, a harmonização dos escritos bíblicos com os acontecimentos atuais.
- Esse volume finaliza de forma semelhante à qual registramos na Bíblia alemã: crianças sentadas ao redor de um homem, possivelmente Jesus Cristo a julgar pela caracterização, como se estivessem ouvindo uma história.

#### **4.1.3.1 Adaptação Intralingual: volume em português da tradutora Charlotte Fermum Lessa**

A versão em português, segundo a tradutora Charlotte Lessa<sup>90</sup>, foi traduzida a partir de algumas versões da Bíblia canônica, tais como NVI, NTLH e ARA, todas elas também em português, ou seja, uma tradução intralingual proposta pelo teórico Roman Osipovich Jakobson (1896-1982), um linguista russo que exerceu grande influência nas teorias da comunicação, na linguística e nos estudos da semiótica. Segundo Jakobson (1992, p. 64), em seu ensaio *Sobre os Aspectos Linguísticos da Tradução*, existem 3 tipos elementares de tradução:

---

<sup>90</sup> Informação obtida a partir de correspondência pessoal com a tradutora no ano de 2017.

- Tradução Intralingual ou reformulação: compreende a tradução de signos verbais por meio de outros signos, porém dentro da mesma língua;
- Tradução Interlingual: tradução de um sistema linguístico para outro, o que significa a transferência de significado de um sistema verbal para uma outra língua.
- Tradução Intersemiótica: consiste na interpretação de signos verbais por meio de signos não-verbais.

Conforme o registro de Bassnett (2002), Jakobson (1992) salienta a dificuldade de se chegar a uma correspondência absoluta na tradução devido à complexidade dos códigos envolvidos:

Jakobson vai imediatamente ao ponto central do problema em todos os tipos: enquanto mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens, não existe ordinariamente uma equivalência completa por meio da tradução. Até a aparente sinonímia não produz equivalência, e Jakobson mostra como a tradução intralingual frequentemente costuma recorrer a uma combinação de unidades de um código para interpretar completamente o significado de uma única unidade. Consequentemente um dicionário dos chamados sinônimos pode indicar *perfeito* como sinônimo de *ideal* ou *veículo* como sinônimo de *transporte*, mas em nenhum dos casos, pode haver equivalência completa, uma vez que cada unidade contém em seu interior um conjunto de associações e conotações intransferíveis.<sup>91</sup> (BASSNETT, 2002, p. 23).

Quando nos referimos a um livro histórico-literário como a Bíblia, repleto de narrativas históricas, feitos heroicos, presenças de seres celestiais, cenas extraordinárias que revolvem o imaginário infantil, como, por exemplo, a caracterização da natureza, o dilúvio em Gênesis, a construção da Arca de Noé, as narrativas sobre gigantes, a constante incorporação de animais (algo extremamente ligado ao conceito de infância), a caracterização dos sonhos, o entendimento sobre fé, Deus, entre outros, percebemos que esses são aspectos que propiciam tanto uma abordagem poética como cognitiva na tradução de uma Bíblia infantil. Desse modo, mesmo numa tradução intralingual, é necessário atentar para as escolhas

---

<sup>91</sup> "Jakobson goes on immediately to point to the central problem in all types: that while messages may serve as adequate interpretations of code units or messages, there is ordinarily no full equivalence through translation. Even apparent synonymy does not yield equivalence, and Jakobson shows how intralingual translation often has to resort to a combination of code units in order to fully interpret the meaning of a single unit. Hence a dictionary of so-called synonyms may give perfect as a synonym for ideal or vehicle as a synonym for conveyance but in neither case can there be said to be complete equivalence, since each unit contains within itself a set of non-transferable associations and connotations". (BASSNETT, 2002, p. 23).

que serão feitas durante o ato tradutório, a linguagem a ser utilizada e, em nosso caso especificamente, ponderar acerca do receptor (criança), por ser ele o alvo da tradução. Ressalte-se ainda que toda essa abordagem textual necessita estar fortemente integrada a uma abordagem visual, tendo em vista a transmissão de seu significado, ou seja, a tradução do texto e a tradução de imagens devem ser consideradas como uma unidade integral na transferência da mensagem para a criança, o que nos possibilita considerar a Tradução Intersemiótica proposta por Jakobson (1992). Percebemos, então, que há aqui uma circunstância tão farta quanto complexa, que envolve uma interação entre o texto-fonte e a imagem, o tradutor e o receptor, o que implica dizer, nas palavras Oittinen (2000, p. 168):

Ao traduzir para crianças, deveríamos ouvir a criança, a criança da vizinhança e a criança dentro de nós mesmos. Ao ler e escrever, criar e ilustrar, o tradutor está em uma interação dialógica com todas essas crianças. Um pensamento, uma frase, um texto, uma imagem - todos estão envolvidos em um diálogo interminável. Eles estão continuamente mudando, se movendo e nunca se encontram no vácuo.<sup>92</sup>

Charlotte Lessa, em uma das narrativas de sua obra, procura inserir o vocabulário infantil com a devida atenção aos aspectos cognitivos e visuais aqui propostos. Um cotejo entre uma das versões utilizadas por Lessa (NTLH) e sua tradução (intralingual) correspondente nos dá esse entendimento. Escolhemos aqui a versão NTLH,2009 – uma das versões utilizadas por Lessa –, por tal versão seguir os princípios de “*Equivalência Dinâmica*” propostos por Nida, no qual, segundo a editora SBB<sup>93</sup>, é possível encontrar construções gramaticais mais simplificadas e por ser considerada traduzida na “linguagem do povo”, o que pode favorecer o entendimento de uma criança:

---

<sup>92</sup> “*When translating for children, we should listen to the child, the child in the neighborhood and the child within ourselves. When reading and writing, authoring and illustrating, the translator is in a dialogic interaction with all these children. A thought, a sentence, a text, a picture—they are all involved in a never-ending dialogue. They are continuously changing, moving, and they never meet in a vacuum.*” (OITTINEN, 2000, p.168).

<sup>93</sup> Informação contida no prefácio da versão NTLH, 2009 (SBB).

Quadro 4. Comparativo entre NTLH, 2009 e Lessa, 2012.

NTLH – Livro de Gênesis Cap. 1.11-12	Bíblia em Português
<p><sup>11</sup> Em seguida ele disse:</p> <p>— Que a terra produza todo tipo de vegetais, isto é, plantas que deem sementes e árvores que deem frutas! E assim aconteceu.<sup>12</sup> A terra produziu todo tipo de vegetais; plantas que dão frutas.</p>	<p>— A Terra precisa ficar <b>bem bonita</b> – disse Jesus. E acrescentou: – Apareçam a grama <b>verdinha</b>, as laranjeiras que deem laranjas, as macieiras que deem maçãs, as goiabeiras que deem goiabas. Apareçam as rosas, os lírios, os cravos... – E, enquanto falava, as coisas iam aparecendo.</p>

Fontes: Bíblia NTLH, 2009 e Lessa, 2012

Algumas divisões da Bíblia canônica, como, por exemplo, as marcações de versículos, foram retiradas da versão de Lessa (2012), provavelmente buscando uma simplificação do texto e visando a uma leitura linear pelo receptor. Acréscimos ao texto-fonte também são percebidos, por certo, na tentativa de clarificar o que sejam “vegetais”, “plantas” e “frutas”, o que se harmoniza com a intensidade da expressão “bem bonita”, utilizada no fragmento para caracterizar a “Terra”, e o uso do diminutivo, recursos esses utilizados na contação de histórias e na dramatização, o que cremos favorecer o entendimento da criança. Vemos aqui também o que Oittinen (2000, p.21) defende acerca de a tradução procurar “beneficiar os futuros leitores do texto”, por ser um ato contíguo e não isolado, visto que há uma relação de troca de conhecimentos e experiências que “envolve o leitor e os partícipes da obra”. Nida (1979, p. 88-89) também nos informa que:

Geralmente, o processo de transferência da língua-fonte para a língua-alvo requer palavras adicionais para comunicar o mesmo significado. Portanto, boas traduções tendem a ser mais longas do que os originais, mas, é claro, isso não significa que todas as traduções que sejam mais longa, sejam necessariamente boas.<sup>94</sup>

<sup>94</sup> “Generalmente, el proceso de transferencia de la lengua original a la lengua receptora requiere de palabras adicionales para comunicar el mismo significado. Por lo tanto, las buenas traducciones tienen la tendencia de ser más largas que los originales, pero, por supuesto, esto no quiere decir que todas las traducciones que resulten más largas sean necesariamente buenas”. (NIDA, 1979, p. 88-89).

Ademais, observa-se o mesmo na narrativa que noticia o nascimento de Moisés.

Quadro 5. Comparativo entre NTLH, 2009 e Lessa, 2012.

NTLH – Livro de Êxodo Cap. 2.1-3	Bíblia em Português
<p><sup>1</sup> Um homem e uma mulher da tribo de Levi casaram. <sup>2</sup> A mulher ficou grávida e deu à luz um filho. Ela viu que o menino era muito bonito e então o escondeu durante três meses. <sup>3</sup> Como não podia escondê-lo por mais tempo, ela pegou uma cesta de junco, tapou os buracos com betume e piche, pôs nela o menino e deixou a cesta entre os juncos, na beira do rio.</p>	<p>Naquele tempo nasceu um <b>garotinho</b> muito <b>fofo</b>. Sua <b>mamãe</b>, Joquebede, não aceitou a ideia de deixar que jogassem o menino no rio. Ele era um menino forte, e, quando chorava, certamente todo o mundo podia ouvir. Mas Joquebede conseguiu escondê-lo durante três meses. [...] Um dia Joquebede viu que não adiantaria mais tentar escondê-lo e resolveu fazer um cesto, <b>como se fosse para colocar roupa suja</b>, e colocou o <b>nenê</b> lá dentro.</p>

Fontes: NTLH, 2009 e Lessa, 2012.

Como observado no quadro acima, verificamos que os termos em destaque apresentam adaptações do texto-fonte que se assemelham mais a uma linguagem tipicamente infantil ou direcionada a uma criança, pela inclusão de formas no diminutivo como “garotinho”, o termo “mamãe”, expressões comparativas e alguns coloquialismos.

Creemos que a tradução intralingual compartilha a ideia de mudar a forma mantendo o significado. É um indicativo das riquezas e perspectivas, dos conhecimentos e das culturas linguísticas, é um “pensar múltiplo”, uma exploração da linguagem em que se visa a um ajuste a diferentes públicos e expectativas.

#### 4.2 VISÃO GERAL DO CORPUS: PARATEXTOS E ILUSTRAÇÕES – SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS

Propomos aqui uma verificação geral dos três volumes abordados em nosso *corpus*, numa tentativa de expressar suas semelhanças e divergências por meio de uma análise que aborde as conjunturas dos paratextos e dos discursos que os acompanham, assim como, os vários elementos constantes das obras, que, segundo suas designações, têm o receptor infantil como alvo.

Não podemos negar que o exemplar em inglês se diferencia por completo dos demais volumes de nosso *corpus* a partir das próprias dimensões e da quantidade de paratextos presentes. Bottigheimer (1996) nos esclarece que, historicamente, os tamanhos das Bíblias infantis mantiveram estreita relação com o custo do papel: quanto mais caro, menores eram as Bíblias destinadas às crianças<sup>95</sup>. Contudo, nossa opinião é de que tais dimensões e a quantidade de discursos de acompanhamento, encontram pouca proximidade com uma Bíblia infantil, embora Genette (2009) alerte que:

[...] a presença, em torno de um texto, de mensagens paratextuais, das quais proponho um primeiro inventário sumário e de modo algum exaustivo, não possui uma regularidade constante e sistemática: [...]. Os caminhos e meios do paratexto não cessam de modificar-se conforme as épocas, as culturas, os gêneros, os autores, as obras, as edições de uma mesma obra [...]. (GENETTE, 2009, p. 11).

Ainda que consideremos a reflexão do teórico francês, ponderamos sobre a seguinte questão: qual seria a motivação dos editores desse volume ao indicarem a obra como *Children's illustrated Edition*, considerando as dimensões e a integralidade do texto? Não se pode afirmar categoricamente se seria um desvio do conceito tradicional de “livro infantil”. Entretanto, talvez a intenção dos editores fosse alcançar, por meio de um único volume, tanto o leitor infantil como o leitor adulto, e, para que isso fosse possível, tentou-se uma combinação de elementos que caracterizam tanto uma edição (infantil) quanto outra (para adultos). Assim, percebemos que talvez seja interessante para o leitor adulto a linguagem “simplificada” empregada na versão CEV, que, conforme o próprio Newman, é “popular” e “facilitada”. Já com relação a uma criança, cremos que essa versão não seria tão apropriada, tendo em vista seu excesso de elementos pré-textuais e discursos de acompanhamento, que segundo Torres (2011, p. 19), se trata de “marca paratextual (prefácio, pareceres etc.), o lugar onde frequentemente a ideologia aparece na forma mais clara”. Por certo, essa ideia não corresponderia ao interesse de uma criança.

O uso do texto literal, o tamanho e a ausência de um formato apropriado ao leitor infantil também são vistos por nós como obstáculos para que o pequeno leitor faça a leitura do volume sem o acompanhamento de um adulto. Conforme

---

<sup>95</sup> Disponível em: <<http://www.oxfordbiblicalstudies.com/article/opr/t454/e30>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

Nikolajeva e Scott (2011, p. 308), “livros pequenos melhores para mãos pequenas”, um dito popular entre os criadores de livros ilustrados acerca dos formatos de livros que se adaptem a seu objeto. Tal descompasso não se visualiza nos demais volumes em alemão e em português: ambos apresentam tamanhos apropriados para um livro infantil e um número reduzido de elementos, estes entendidos por Torres (2011) como índices morfológicos e discursos de acompanhamento, ou seja, “todas as indicações que figuram nas capas externas – frente e verso – e nas capas internas dos livros (páginas de rosto, páginas de falso título etc.) [...] e qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres etc.)” (TORRES, 2011, p. 17).

Com relação aos títulos, uma grande diferença se reflete na edição em inglês. O título genérico, *Holy Bible*, difere dos demais, uma vez que os títulos *Meine erste Kinder Bibel* e *O mundo maravilhoso da Bíblia para crianças* já demonstram uma temática dirigida a um receptor específico, conforme atesta Genette (2009, p. 70-73): “como toda e qualquer instância de comunicação, a instância titular compõe-se pelo menos de uma mensagem (o título em si), de um destinador e de um destinatário”. Ambos aqui indicam seu “conteúdo global” com o objetivo de “atrair o público visado”. O substantivo “*Kinder*” (alemão) e o sintagma “para crianças” (português) também têm uma função atrativa, pois dizem respeito a um suposto público, diferente da versão em inglês “*Holy Bible*”, onde não há uma indicação específica. Assim, afirmam Nikolajeva e Stott (2011, p. 312) que “os títulos de livros ilustrados são uma parte muito importante da interação texto-imagem e contribuem para todos os tipos de interação que observamos dentro dos próprios livros”.

Algo importante de se registrar é a ausência das designações que indiquem se tratar de obras traduzidas na capa. Todavia, o volume em alemão nos informa que a tradução, redação e edição ficaram a cargo de uma agência de tradução (Brightlines). Já a versão em inglês fornece um texto de apresentação informando que se trata de um texto traduzido pela equipe da editora (ABS). O volume em português não aborda essa particularidade, mas, como a tradutora nos informa, a obra foi adaptada a partir de algumas versões do texto bíblico, então podemos afirmar que se trata de uma tradução.

Segundo Nikolajeva e Scott (2011, p. 314):

Na imensa maioria dos livros ilustrados, as guardas são brancas ou neutras. [...] Entretanto, um número crescente de criadores de livros ilustrados tem descoberto as possibilidades de uso das guardas como paratextos adicionais que contribuem de várias maneiras para a história.

Assim, uma folha de guarda, quando ilustrada, tem o objetivo de “uma cena introdutória” da obra. Dos três volumes em análise somente a versão em português ilustra as folhas de guarda trazendo informações sobre com quais temas o leitor se deparará durante a narrativa.

Não sabemos ao certo a partir de qual versão o volume em alemão foi traduzido, pois não consta tal informação. A versão em inglês, segundo a própria folha de apresentação, foi traduzida a partir da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (AT – hebraico e aramaico como línguas-fontes) e do *Greek New Testament* (NT – grego como língua-fonte), ambos publicados pela *United Bible Societies*. Já a versão em português, segundo a tradutora Charlote Lessa, foi traduzida a partir de algumas versões da Bíblia canônica: NVI, NTLH e ARA conforme consta no subitem 4.1.3.1. Constatamos ainda que, embora sejam Bíblias indicadas para o público infantil, em nenhum dos volumes há a indicação da faixa etária pretendida pelo editor.

Quanto à linguagem empregada na versão de Charlotte, vimos que, nos volumes em alemão e em português, há uma adequação apropriada ao público infantil. Quanto à obra em inglês, por apresentar um texto literal e integral, talvez não esteja em harmonia com os dois outros volumes comentados. No entanto, a indicação da própria obra é a de que sua linguagem é popular e facilitada ao alcance tanto de uma criança como de um adulto.

Todos os exemplares apresentam imagens convidativas a uma criança em suas capas. Genette (2009, p. 28) afirma que “uma simples escolha de cor para o papel da capa pode indicar por si só, e com muito vigor, um tipo de livro”. Na versão em alemão, observa-se a repetição exata da imagem da capa no interior da obra; na versão em inglês, como a imagem, na verdade, é uma composição de três personagens, Moisés, Jesus e Davi, cada um deles reaparece nas ilustrações internas, porém em páginas diferentes; na Bíblia em português a imagem da capa se repete no interior, mas com algumas diferenças tênues.

Com relação às ilustrações de nosso *corpus*, não poderíamos deixar de fazer uma reflexão acerca do que realmente chama a atenção do público infantil em uma obra do gênero e que, naturalmente, é objeto de estudo de quadrinistas, ilustradores

e demais profissionais. Will Eisner (1917-2005) foi um famoso quadrinista americano e atestou que:

A compreensão da imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes. [...] Portanto, a competência da representação e a universalidade da forma escolhida são cruciais. (EISNER, 1989, p. 13-14).

Umberto Eco (1932-2016) entendia que o autor de uma História em Quadrinhos tem em seu poder uma linguagem articulada e de absoluta precisão (1993), porque integra signos verbais e não verbais de modo coeso, em que o leitor é capaz de captar a intenção do autor ao decodificar a mensagem e estar atento aos detalhes. Já o quadrinista Antônio Cagnin (1930-2013) afirmava que “a imagem é entendida como representação imitativo-figurativa, como cópia de alguma coisa. A possibilidade de formar um código e de construir mensagens lhe dá o estatuto de signo” (1975, p.32).

As observações de Eisner (1989), Eco (1993) e Cagnin (1975) podem ser aplicadas às ilustrações de nosso *corpus*, pois as formas icônicas também são consideradas como paratextos, já que fortalecem o discurso e dão uma dimensão ao texto. A esse respeito, Genette (2009, p. 14) adiciona que “deve-se pelo menos ter em mente o valor paratextual que outros tipos de manifestações [não verbais] podem conter”. Em nosso *corpus*, principalmente nos volumes em alemão e em português, esse é um aspecto importante a se considerar.

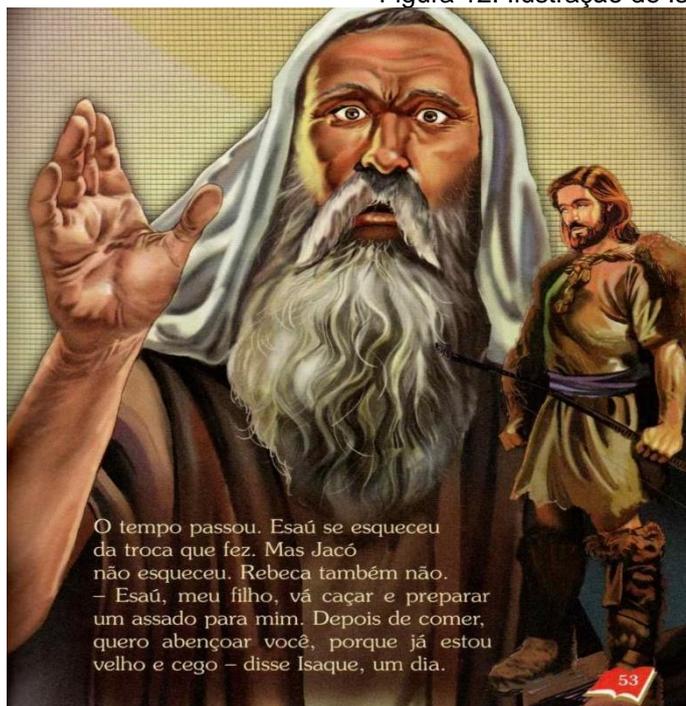
Comparando-se as imagens da Bíblia em alemão com as da Bíblia em português, é certo que as imagens apresentam menor qualidade na versão alemã: os traços finos e a simplificação das ilustrações, os cenários mais suavizados, marcam a edição. Já a edição em português apresenta uma estruturação imagética de qualidade primorosa: os traços dinâmicos e a perspectiva realista, as proporções dos corpos, as vestimentas e acessórios condizentes com a época, as poses em destaque, os contornos bem marcados e a tonalidade expressiva das personagens, assim como o uso de recursos como *close up*<sup>96</sup> (Figura 12), o efeito degradê, o uso de texturas, sombreamento e a disposição do enquadramento das imagens. Essas são técnicas que, ao serem aplicadas às ilustrações, convencem e favorecem uma

---

<sup>96</sup> O recurso *Close up* é utilizado normalmente na face da personagem como forma de intensificação das expressões faciais, o que afeta diretamente a atenção do leitor durante a narrativa.

boa leitura da obra. A edição em inglês também apresenta, embora em número reduzido para a quantidade de texto, algumas ilustrações intensas, cenários e vestimentas em acordo com o texto bíblico.

Figura 12. Ilustração de Isaque.



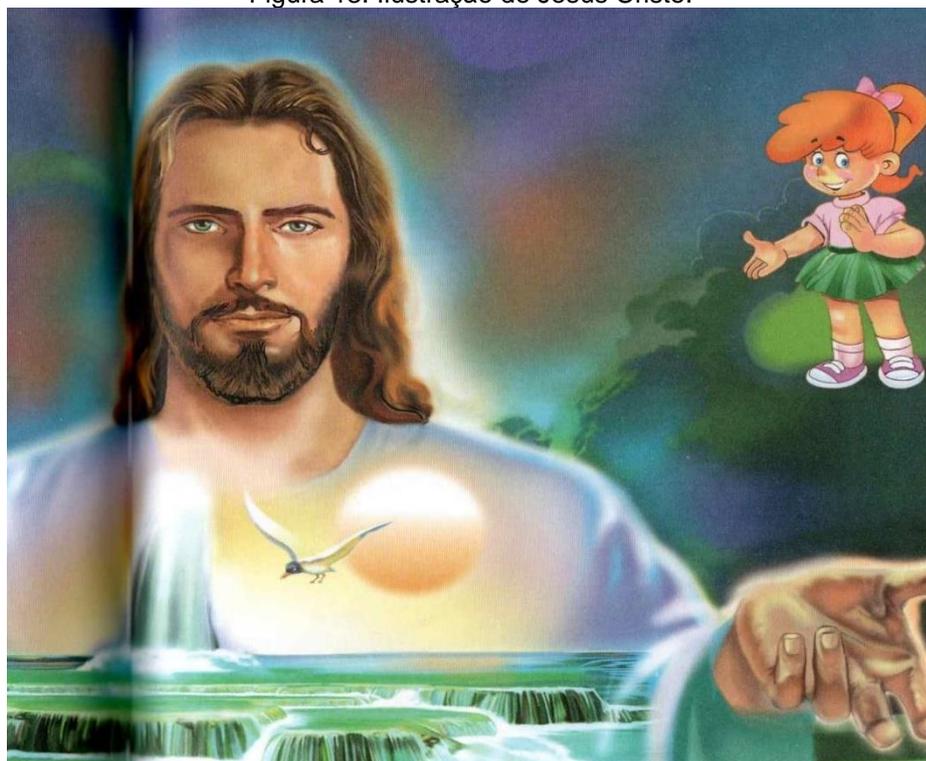
Fonte: Lessa, 2012.

A figura de Jesus Cristo é retratada de forma diferenciada nos três volumes: na versão em alemão e inglês notamos os traços finos, cabelos lisos e longos, olhos castanhos, mas, na versão em português, a figura de Jesus Cristo apresenta olhos azuis (Figura 13). Esses fatos nos recordam Bottigheimer (2009), quando a escritora diz que:

As ilustrações reproduzem os pressupostos culturais e, ao longo do século XIX, os personagens do Antigo e do Novo Testamento regularmente se assemelhavam aos europeus do Norte, com um Jesus de cabelos loiros (ou castanhos) e olhos azuis. Logo após a Segunda Guerra Mundial, a aparência de Jesus tornou-se mais próxima à do Oriente Médio, uma tendência visual evidente pela primeira vez na Alemanha e que se espalhou lentamente para as Bíblias infantis de outros países ocidentais<sup>97</sup>(Oxford Biblical Studies On-line, 2009, n/p).

<sup>97</sup> “Illustrations reproduce cultural assumptions, and throughout the nineteenth century, Old and New Testament characters regularly resembled northern Europeans, with a blond (or light-brown-haired) blue-eyed Jesus. Directly after World War II, Jesus became Middle Eastern in appearance, a visual trend first evident in Germany that slowly spread to the children’s Bibles of other Western countries”.

Figura 13. Ilustração de Jesus Cristo.



Fonte: Lessa, 2012.

É importante assinalar, também, que, em todas as obras, há o registro de seus ilustradores. Na edição em português, há uma assinatura *J.Card.* em algumas das ilustrações, além da indicação nos Direitos de publicação, por certo uma abreviação do nome do ilustrador: João Cardozo.

Analisamos, assim, três volumes de Bíblias infantis em seus mais variados aspectos e esperamos que nossa análise possa transmitir alguns detalhes dessas obras que vêm, cada vez mais, ganhando espaço no contexto literário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem, vista como a principal ferramenta do profissional da tradução, se encontra em constante movimento, transformação e adaptação. Essa alternância enseja um novo estudo a cada descoberta, a cada nova teoria, ou a cada categoria literária que surja nas prateleiras do mercado editorial, e que se possa ser analisado à luz dos Estudos da Tradução. As Bíblias infantis, como nosso objeto de estudo nesta dissertação, permeiam a Bíblia canônica e chegam ao nosso país, como uma novidade no campo da literatura, para que aqui possam ser traduzidas e ganhar o apreço do público infantil. Entendemos que o impulso de traduzir a Bíblia é quase tão antigo quanto o próprio texto bíblico, certamente esse entusiasmo motivou teólogos, tradutores e educadores da antiguidade a darem os primeiros passos em direção à tradução das Escrituras para as crianças.

Nossa pesquisa nos mostrou tanto alguns dilemas, quanto avanços nos ETs. Conforme Hunt (2010), ainda necessitamos reconhecer a literatura infantil no meio acadêmico de uma forma sensata, e do mesmo modo, nos preocuparmos com uma crítica fundamentada ao nos referirmos a esse público, atentando sempre para suas peculiaridades. O comentário do crítico literário pressupõe nas entrelinhas, que devemos considerar também tal entendimento quanto às traduções de textos religiosos para crianças, visto que são obras literárias, que envolvem um público específico e que contribuem para a sua formação.

Contatamos também que as primeiras fontes de literatura oral estavam relacionadas às narrativas religiosas e propunham valores morais, padrões de comportamento e princípios moralizantes. Tais narrativas, posteriormente, influenciaram as fábulas, os contos e lendas, que passaram a ter a criança como seu destinatário, aspecto que por certo causaria uma mudança no texto no sentido

de adaptá-lo para um maior entendimento do leitor. Essa literatura, preservada na memória dos povos, foi transmitida de geração em geração, muito antes da literatura escrita. Por crermos que os saberes religiosos dialogam com a literatura, nos propusemos nessa dissertação a tratar acerca das origens das Bíblias infantis e seu impacto como obra literária, os detalhes que as qualificam, as ilustrações que as compõem e as adaptações que, certamente, marcam tal estilo literário.

Não se sabe ao certo, mas se presume que as Bíblias infantis chegaram recentemente ao Brasil para serem traduzidas. Por volta do ano 2000 a SBB passou a traduzir Bíblias para crianças, publicadas originalmente em inglês, espanhol e alemão. Desde então, outras editoras também despertaram para esse novo gênero literário, contribuindo para o surgimento de traduções variadas, o que sem dúvidas, tem motivado sua notabilidade nas comunidades cristãs e no mercado livreiro em geral.

No Brasil as contribuições de tradutores literários também causaram impacto na literatura infantil. Escritores como Carlos Jansen, Figueiredo Pimentel e Monteiro Lobato foram pioneiros nas traduções de obras estrangeiras (nem sempre originalmente infantis), adaptando-as em seu vocabulário para o entendimento do público alvo, o que possibilitou o conhecimento das obras de Andersen, Cervantes, Twain, Defoe, Swift entre outros. Por meio das adaptações houve um *boom* na literatura infantil causando grandes mudanças no aspecto educacional a partir dos anos 80. Milton (2011) acredita que as adaptações propostas por meio de obras literárias, favoreceria o leitor ao incorporar uma linguagem cotidiana e descomplicada, o que nos lembra Nida (1964) acerca da Equivalência-Dinâmica, a questão do “naturalismo”, um elemento de suma importância na expectativa do receptor da tradução.

As Bíblias infantis analisadas nos mostraram algumas semelhanças, como também algumas divergências entre os três volumes que compõem nosso *corpus* – alemão, inglês e português. Embora todas elas sejam visualmente indicadas ao público infantil, não percebemos em nenhuma delas, uma indicação de faixa etária especificamente. Como toda obra que se destina às crianças, os três volumes apresentam ilustrações atraentes e coerentes com o texto bíblico. No entanto, ao compararmos as dimensões, os paratextos e as ilustrações das obras, percebemos

claramente que o volume em inglês destoa dos outros dois. As dimensões e peso das Bíblias em alemão e em português, são praticamente iguais. A Bíblia em inglês, porém, se apresenta numa dimensão bem maior e mais pesada para seu público receptor. Quanto ao texto escrito e à quantidade de ilustrações, essa versão também se difere completamente das outras, apresentando poucas ilustrações e, surpreendentemente, um texto bíblico literal, ou seja, sem adaptações, contendo todos os livros de Gênesis a Apocalipse, excetuando-se os apócrifos. Já as obras em alemão e em português apresentam um texto adaptado, narrativas sempre curtas, selecionadas e condizentes com as indicações de público. Indicam também claramente de que se trata de obras voltadas para o público infantil a partir das capas, por meio das expressões “*Kinder*” e “*Crianças*” respectivamente. Embora conste na lombada (e não na capa) da obra em inglês a expressão *Children’s Illustrated Edition* indicando sua particularidade, percebemos que os paratextos do seu interior, provavelmente não seriam de interesse de uma criança, o que se confirma ao lermos numa folha de apresentação acerca da linguagem desse volume, a menção ao termo “adults”, o que nos leva a crer que possivelmente, o editor sinalize a obra para ambos os públicos, adulto e criança.

Embora qualquer Bíblia para criança seja baseada no texto bíblico canônico, apenas a versão americana indica precisamente que a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (AT) e o *Greek New Testament*, foram os textos-base utilizados na tradução. Ambos publicados pela *United Bible Societies*. Os outros volumes não indicam a partir de qual Bíblia foram traduzidos.

No que se refere à linguagem apresentada nas Bíblias analisadas, percebe-se que nos volumes em alemão e português foram feitas adaptações do texto bíblico para o melhor entendimento da criança, o que nos recorda tanto Oittinen (2000), quando afirma que todo ato tradutório envolve adaptação, quanto Nida (1964), ao afirmar que a Equivalência Dinâmica não obedece à forma e à estrutura rigidamente. Reconhecemos que ambas as proposições concordam e denotam uma preocupação com o receptor da tradução. O uso de coloquialismos, diminutivos e explicações mais amplas de alguns termos no corpo do texto, indicam o posicionamento dos teóricos acerca da adaptação. Como a versão em inglês nos apresenta um texto literal com todo o conteúdo de uma Bíblia para adultos, não pudemos fazer a mesma análise, porém no volume há alguns elementos pré-textuais que orientam o leitor de

que se trata de uma obra que seria “facilmente compreendida pela grande maioria dos falantes de inglês, sem formação religiosa ou educacional”<sup>98</sup> (Holy Bible, 1995, n/p). Citam inclusive Lutero ao afirmarem que “[...] os tradutores da versão CEV seguiram o exemplo de Martinho Lutero na tradução de poesia [...]”<sup>99</sup>. O teólogo do século XVI apreciava a tradução que se aproximasse o máximo possível da linguagem cotidiana, e para isso, fazia incursões pelos mercados e cidades com o intuito de ouvir como o povo comum se comunicava (Philip Schaff, 1882).

Quanto às ilustrações todas as Bíblias apresentam certa semelhança, principalmente porque percebemos que os temas se repetem, porém, um detalhe curioso marca a Bíblia O Mundo Maravilhoso da Bíblia para Crianças (Lessa, 2012). Esta obra apresenta ilustrações que estão em conformidade com o texto bíblico, como também outras que retratam os tempos modernos, como vestes, objetos e acontecimentos da atualidade, conforme registramos no item 4.1.3 – algo que nos chama a atenção pela sua singularidade. As metodologias empregadas pelos ilustradores dessa obra, também é um fator que a diferencia das demais. O uso de texturas, efeitos degradês e outras técnicas de ilustração enriquecem o texto e entusiasmam o leitor.

O volume em português também é o único que exhibe personagens extra bíblicos com a clara função de apresentar o texto por meios gestuais – são os personagens da revista “Nosso Amiguinho”, criação da mesma editora da obra (CPB). Não há diálogo por parte dos “Amiguinhos”, no entanto em muitas ilustrações eles aparecem inseridos no contexto da história, conforme se verifica na Figuras 11 e 13.

É comum em uma Bíblia infantil que se evitem determinados temas, que podem ser vistos como “não adequados” ou até mesmo “amedrontadores” para uma criança. Nesse sentido a Bíblia em português (Lessa, 2012) nos surpreende, pois até mesmo temas referentes ao livro de Apocalipse são apresentados ao pequeno leitor, como o milênio (p.444), os anjos e as últimas pragas (p.442), os selos (p.437), as mensagens às igrejas da Ásia (p.413) entre outros – algo extremamente inusitado para uma obra do gênero.

---

<sup>98</sup> “[...] easily understood by the vast majority of English Speakers, regardless of their religious or educational background.” (Holy Bible, 1995, n/p)

<sup>99</sup> “[...] the translators of the Contemporary English Version have followed the example of Martin Luther in the translation poetry.” (Holy Bible, 1995, n/p)

Nenhum dos volumes que analisamos indicam um direcionamento para uma comunidade cristã em específico, o que nos sugere que podem ser utilizados tanto por crianças católicas como protestantes. Uma pequena observação realizada em algumas denominações cristãs nos revelou que, não há uma preferência por determinada Bíblia infantil por parte dos pais ou dos líderes das igrejas, diferentemente do que ocorre com o público adulto. Mas é notório que obras do gênero têm adquirido uma popularidade crescente nas instituições religiosas.

Nossas observações acerca das traduções de Bíblias infantis nos levaram a grandes descobertas, porém como se trata de uma novidade no mercado livreiro, esperamos que esta dissertação possibilite estudos futuros e novas pesquisas que envolvam o tema. As Bíblias infantis estão cada vez mais presentes na vida das crianças, numa extensa variedade. Seria importante para os ETs novos estudos comparativos que envolvam outros volumes de Bíblias infantis, seus aspectos descritivos, a linguagem empregada e a influência da semiótica no conjunto texto-ilustração, na medida em que vemos esse gênero de texto literário-religioso amadurecer e influenciar o público infantil. As crianças leem de forma diferenciada, são expostas a diversos tipos de linguagem e são atraídas por aspectos também diferentes da percepção do adulto. Elas certamente se beneficiam por meio de histórias estabelecidas em outras culturas, porém o tradutor necessita ter sensibilidade durante o processo tradutório para que perceba as necessidades sociolinguísticas do pequeno leitor. A Equivalência Dinâmica como um conceito nos ETs e que tem sua aplicabilidade centrada no leitor, confere, em nosso caso, à criança a preservação do texto bíblico de uma forma natural. Acreditamos ainda que, o tradutor de obras infantis, como um intermediário do processo tradutório, atua sob forte influência de suas orientações, princípios e sua própria percepção da infância, ou seja, suas experiências pessoais são de alguma forma transmitidas na tradução, isso por si só já seria o suficiente para afirmarmos que, mesmo numa tradução “domesticadora”, a visibilidade do tradutor está garantida e, assim, garantido está que o texto adaptado da língua-fonte, chegue à multiplicidade de leitores na língua-alvo. A tradução é um processo muito desafiador e complexo, exige diferentes habilidades em diversas áreas de conhecimento, talvez seja isso que tenha inspirado o escritor Ítalo Calvino (1923-1985) quando diz que “Traduzir é uma arte: a passagem de um texto literário, qualquer que seja seu valor, para outra língua

requer a todo instante alguma espécie de milagre” e em matéria de milagres, recomendamos a tradução de um livro especialista no assunto – a Bíblia.

## REFERÊNCIAS

ABADÍA, José P. T. *A Bíblia como Literatura*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

ADAM, Gottfried. *Protestantism and Modernisation in German's Children Literature of the Late 18<sup>th</sup> Century*. In: MAEYER, Jan De et. al. (Eds.). *Religion, Children's Literature, and Modernity in Western Europe, 1750-2000*. Leuven: Leuven University Press, 2005.

PAGANO, Adriana. *Crenças sobre a tradução e o tradutor: revisão a perspectivas para novos planos de ação*. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia. *Traduzir com Autonomia – estratégias para o tradutor em formação*. 2<sup>a</sup> ed., São Paulo: Contexto, 2003. p.15.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. 3<sup>a</sup> ed., São Paulo: Unesp, 2011.

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. *Encyclopedia of Translation Studies*. 2<sup>nd</sup> ed. London and New York: Routledge, 1998.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Tradução: J. Guinsburg. Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BASHARIN, Pavel. On Kalila wa Dimna and Persian National Fairy Tales. *Transoxiana*, Buenos Aires, v. 2, n. 12, n/p, 2007. Disponível em: <[http://www.transoxiana.com.ar/12/basharin-persian\\_fairytales.php](http://www.transoxiana.com.ar/12/basharin-persian_fairytales.php)>. Acesso em: 16 dez. 2017.

BASSNETT, Susan. *Reflections on Translation*. Toronto: Multilingual Matters, 2011.

\_\_\_\_\_. *Translation Studies*. 3. ed. London/New York: Routledge, 2002.

BASTIN, Georges L. “*Adaptation*.” *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Eds. Mona Baker and Gabriela Saldanha. 3-6. London and New York: Routledge, 1998. p. 3;4.

BASTIN, Georges L. *Adaptation, The Paramount Communication Strategy*. Université de Montréal, 2014. p. 73.

BERTOLETTI, Estela N. M. *Lourenço Filho e Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Unesp, 2012.

BÍBLIA.COM.BR. Belém. [Biblia.com.br](http://biblia.com.br), [S.l.], 23 abr. 2012. Disponível em: <<http://biblia.com.br/dicionario-biblico/b/belem/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

BÍBLIA ALMEIDA, CORRIGIDA, REVISADA E FIEL, Editora SBB, 1988-1993.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. Gênesis. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 9; 15; 16; 17; 54.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. Deuteronômio. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Editora Hagnos, 2016. p. 283; 309.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. Juízes. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 4; 367.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. II Samuel. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 462

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. 1Reis. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 513.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. Salmos 19.7. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 762.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 878.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO, A.T. Jonas. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Almeida Século 21*. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 1024.

BÍBLIA DE ESTUDO ESQUEMATIZADA, São Paulo: SBB, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. A.T. Eclesiastes. In BÍBLIA. Português. São Paulo: Paulus, 2013. p. 1074

BÍBLIA DE JERUSALÉM, A.T. Rute. In BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém Nova Edição, Revista e Ampliada*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 385; 386.

BÍBLIA NTLH – Nova Tradução da Linguagem de Hoje. Barueri – SP: SBB, 2009.

BÍBLIA TEB – Tradução Ecumênica Brasileira. São Paulo: Loyola, 2015.

BOTTIGHEIMER, Ruth B. *The Bible for Children: from the age of Gutenberg to the Present*. USA: Yale University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Catechistical, devotional and biblical writing. In: HUNT, Peter (Ed.). *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. 2. ed. New York, NY: Routledge, 2004. p. 299-305.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é Literatura Infantil?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAGNIN, Antônio L. *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia da Letras, 1990. p.11.

CALVINO, Ítalo. *Sobre a tradução*. In: *Mundo escrito e mundo não escrito – Artigos, conferências e entrevistas*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 80.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Disponível em: <<http://museumonteirolobato.com.br/primeiras-letras/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

CERVERA, Juan. *Teoría de La Literatura Infantil*. 3. ed. Spain: Mensajero, 1992.

COELHO, Nelly N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 15. ed. Barueri: Manole, 2010.

COMESTOR, Petrus. *Historia Scholastica*. In: TEXTMANUSCRIPTS. *Historia Scholastica*. New York, Paris, Chicago: Les Enluminures, [201-?]. Disponível em: <<http://www.textmanuscripts.com/medieval/comestor-historia-scholastica-manuscript-91789>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P.9-10.

CUNHA, Maria Antonieta A. *Literatura infantil: teoria e prática*. 6ª ed., São Paulo: Ática, 1987.

DU TOIT, Jacqueline S. *Content Follows Context. Translating the Bible for Children*. In: DAVIES, Maria G.; OITTINEN, Riita (Ed.). *Whose Story? Translating the Verbal and the Visual in Literature for Young Readers*. London: Cambridge Scholars Publishing, 2008.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. Tradução: Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FÉNELON, François. *Fenelon's Treatise on the Education of Daughters*. Tradução de Thomas Frognall Dibdin. [S.l.]: The Project Gutenberg EBook, 2014. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/47621/47621-h/47621-h.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

FERREIRA, Eduardo. *Sobre tradução e extensões de sentido*. Rascunho, Curitiba. Set. 2011. Disponível em: <[http://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Rascunho\\_site\\_137.pdf](http://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Rascunho_site_137.pdf)>. Acesso em: 16 dez. 2017.

FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler em três artigos que se completam*. 23ª ed. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*. Tradução: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2009.

GHEQUIÈRE, Rita. *Contemporary Religious Writing*. In: HUNT, Peter (Ed.). *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. 2. ed. New York, NY: Routledge, 2004. p. 306-317.

GIGOT, Rev. Francis E. *Special introduction to the study of the old testament*. New York, Cincinnati, Chicago: Benziger Brothers, 1901.

GIRALDI, Luiz A. *História da Bíblia no Brasil*. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GONÇALVES, Magaly. T.; AQUINO, Zélia. T.; SILVA, Zina. B. *Estudos de Literatura Infantil: Teoria e Prática*. Jaboticabal: Funep, 2000.

GREEN, Steve; TODD, Hillard. *The Bible in America: What We Believe About The Most Important Book in Our History*. 2<sup>nd</sup> ed. U.S.: Dust Jacket Press, 2013.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HEIDERSTADT, Dorothy. *To All Nations: How the Bible Came to People*. New York: Nelson, 1959.

KITTEL, Harald; POLTERMANN, Andreas. German Tradition. In: BAKER, Mona (Ed.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. London: Routledge, 1998. p. 418-428.

HIGOUNET, Charles. *História Concisa da Escrita*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003.

HOLY BIBLE. Children's Illustrated Edition (CEV). New York: ABS, 1995.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUNT, Peter. *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. Edited by Hunt. 2. ed. New York, NY: Routledge, 2004.

IHU On-Line. *A literatura que bebe da fonte bíblica*. Entrevista especial com Marcelo Backes. *IHU ONLINE*, São Paulo, 02 out. 2008. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/16905-a-literatura-que-bebe-da-fonte-biblica-entrevista-especial-com-marcelo-backes>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1992.

JEAN DE LA FONTAINE. In: *ENCYCLOPEDIA Britannica Online*. Chicago: Encyclopedia Britannica, 2017a. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Jean-de-La-Fontaine>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

JOUBERT, Stephan J. *No Culture Shock? Addressing the Achilles heel of modern Bible translations*. *VERBUM ET ECCLESIA JRG*, Durbanville, v. 22, n. 2, p. 314-325, 2001.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 15ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

LAWSON, Steve J. *A Difícil Missão de William Tyndale*. Tradução: Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LESSA, Charlotte F. *O Mundo Maravilhoso da Bíblia para Crianças*. Tatuí – SP: CPB, 2012.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das Crianças*. São Paulo: Círculo do livro S.A. s/d. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/225352-LOBATO-Monteiro-Dom-Quixote-das-Criancas/>> Acesso em: 01 de jun. 2017.

MAGALHÃES, Antônio C. M. *Deus no Espelho das Palavras: teologia e literatura em diálogo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros*. Tradução: Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARA. In: *DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS*. [S.l.]: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios, [201-?]. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/mara/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

MARLOWE, Michael D. *The Contemporary English Version*. [S.l.]: Bible Research, 2001. Disponível em: <<http://www.bible-researcher.com/cev.html>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

MEINE ERSTE KINDER BIBEL. Parragon Books LTd. (s/d).

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 4ª ed. São Paulo: Summus; Brasília, 2016.

MILTON, John. *The Political Adaptations of Monteiro Lobato. Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 11, p. 211-227, 2003.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. 2<sup>nd</sup> ed. New York: Routledge, 2008.

MURRAY, Janet. Book of revelation. *The Guardian*, London, 17 fev. 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2009/feb/17/bible-religion-andrew-motion>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

NASPOLINI, Ana Tereza. *Didática de Português: tijolo por tijolo: Leitura e Produção Escrita*. São Paulo, SP. FTD, 1996.

NEWMAN, Barclay M. (Ed.) *Holy Bible: Contemporary English Version*. New York: American Bible Society, 1995.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. New York: Prentice-Hall International, 1988.

NOEMI. In: DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. [S.I.]: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios, [201-?]. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/noemi/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

NORTON, David. *A History of the English Bible as Literature*. Cambridge University Press, 2000.

NIDA, Eugene A. *Principles of Correspondence*. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, [1964] 2000. p. 126-140.

\_\_\_\_\_. *Dios Habla a Todos*. Sociedades Bíblicas Unidas, Mexico, 1979.

\_\_\_\_\_. *Equivalence and equivalent effect*. In: MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies. Theories and applications*. 2<sup>nd</sup> ed. New York: Routledge, 2008. p.42.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro Ilustrado: palavras e imagens. Tradução: Cid Nipel. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

OITTINEN, Rita. *Translating for Children*. New York: Garland Publishing, Inc., 2000.

O'SULLIVAN, Emmer. Internationalism, the Universal Child and the World of Children's Literature. In: HUNT, Peter (Ed.). *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. 2. ed. New York, NY: Routledge, 2004. p. 13-26.

PETERSEN, Jonathan. *History of the American Bible Society: An Interview with John Fea*. *Bible Gateway Blog*, [S.I.], 23 maio 2016. Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/blog/2016/05/history-of-the-american-bible-society-an-interview-with-john-fea/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

PEW RESEARCH CENTER. Brazil's Changing Religious Landscape. *Pew Research Center*, Washington, D. C., 18 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2013/07/18/brazils-changing-religious-landscape/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

PHAEDRUS. In: ENCYCLOPEDIA Britannica Online. Chicago: Encyclopedia Britannica, 2017b. Disponível em: <<http://www.britannica.com/biography/Phaedrus-Roman-fabulist>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

PINHEIRO, Carolina Dias. *Feita Especialmente para Você: Considerações sobre a Tradução de Bíblias Temáticas no Brasil*. 2017. 143f. Dissertação (Mestrado)– Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PINHO, Edrisse. *Características da poesia hebraica*. Ministério Conhecimento e Graça: ensinando para transformar vidas, [S.l.], 28 mar. 2012. Disponível em: <<http://edrissepinho.blogspot.com.br/2012/03/caracteristicas-da-poesia-hebraica.html>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

POLL, Margarete V. M. *Bastardo ou Filho Legítimo: A Teoria Tradutológica Dualista de Friedrich Schleiermacher*. 2001. Dissertação (Mestrado)–Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1977.

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

PYM, Anthony. Schleiermacher and the Problem of Blendlinge. *Translation and Literature*, Edinburgh, v. 4, n. 1, p. 5-30 [1-21], 1995. Disponível em: <<http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/intercultures/blendlinge.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

RISCADO, Leonor. A Crítica Literária de Literatura Infantil e as Escolhas do Público. Disponível em: <[http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portaltbeta/porta1.pl?pag=abz\\_ot\\_detalhe&id=61](http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portaltbeta/porta1.pl?pag=abz_ot_detalhe&id=61)>. Acesso em: 26 abr. 2017.

ROCHA, Ivan E. Imagem no Judaísmo: Aspectos do Aniconismo Identitário. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 119-124, 2007.

SACCONI, Antonio L. *Nossa Gramática Completa*. Teoria e Prática. 30ª ed. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SANDERS, Julie. *Adaptation and Appropriation*. 2. ed. London: Routledge, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SBB. *As Escrituras Sagradas traduzidas para 2.935 idiomas*. Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 22 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/release/as-escrituras-sagradas-traduzidas-para-2-935-idomas/>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church, Volume VII. Modern Christianity. The German Reformation*. Christian Classics Ethereal Library: 2009. p. 275.

SCHOLZ, Vilson. *Princípios de Intepretação Bíblica: Introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários*. Canoas. Ulbra, 2006.

SCHÄFFNER, Christina. Functionalist Approach. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2008. p.117.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução de Celso Braida. *Princípios*, Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/500/432>> Acesso em 15 mar. 2017.

SHAVIT, Zohar. *Poetics of Children's Literature*. Athens/London: The University of Georgia Press, 1986.

SILVA, Francisca J.; SILVA, Júlio C. *Alma Infantil – Versos para uso das Escolas*. São Paulo e Rio de Janeiro: Magalhães, 1912.

WORSLEY, Howard. *A Child Sees God: Children Talk About Bible Stories*. Jessica Kingsley Publishers, 2009.

SNELL-HORNBY, Mary. A “*estrangeirização*” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? Tradução de Marcelo Victor de Souza Moreira. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 185-212, 2012.

THE WASHINGTON TIMES. *The Bible and public schools*. *The Washington Times*, Washington, D.C., [201-?]. Disponível em: < <https://www.washingtontimes.com/news/2014/dec/11/the-bibles-influence-the-bible-public-schools-a-fi/> >. Acesso em: 16 dez. 2017.

TORRES, Marie-Hélène C. *Traduzir o Brasil Literário*. Tradução: Marlova Aseff e Eleonora Castelli. Tubarão: Copiart, 2011.

VENUTI, Lawrence. *A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

TERTULLIAN. In: THEOPEDIA. [S.I.], Theopedia.com, [201-?]. Disponível em: <<https://www.theopedia.com/tertullian>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

RISCADO, Leonor. *A crítica literária de literatura infantil e as escolhas do público*. In: CASA DA CULTURA. *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração: Investigação e Prática Docente 2*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2011. p. 1-5. Disponível em: <[http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_cri\\_escolhas\\_Iriscado\\_a.pdf](http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_cri_escolhas_Iriscado_a.pdf)>. Acesso em: 16 dez. 2017.

### **Sites:**

Books my kids read:

<<https://booksmkidsread.wordpress.com/2013/12/12/the-various-ales-of-little-red-riding-hood/>>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

Coleção Nosso Amiguinho – CPB

<http://nossoamiguinho.cpb.com.br/>. Acesso em agosto de 2017.

## ANEXOS

Autorizações para uso de imagens das Bíblias *Meine erste Kinder Bibel*, s/d, editora Parragon; *O Mundo Maravilhoso da Bíblia para Crianças*, editora CPB, 2012 e *Holy Bible* – CEV, editora ABS, 1995.

